

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA ROBERTA SOUSA MOTA

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA: uma análise da representação das
imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado
da Paraíba

João Pessoa, PB
2012

ANA ROBERTA SOUSA MOTA

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do Estado da Paraíba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba - Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação - como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino

João Pessoa, PB
2012

M917m Mota, Ana Roberta Sousa.

Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba / Ana Roberta Sousa Mota-- João Pessoa, 2012.

147f.

Orientadora: Mirian de Albuquerque Aquino
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA

1. Ciência da Informação. 2. Memória iconográfica. 3. Imagens fotográficas. 4. Negros e negras – universidades públicas – Paraíba.

UFPB/BC

CDU: 02(043)

ANA ROBERTA SOUSA MOTA

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade, linha de pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em _____/_____ /2012

BANCA EXAMINADORA

**Prof.ª Dr.ª Mirian de Albuquerque Aquino - PPGCI/UFPB
Orientadora**

**Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto - PPGCI/UFPB
Membro interno**

**Prof.ª Dr.ª Alba Cleide Calado Wanderley – UAEDUC/CDSA/UFCG
Membro externo**

**Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves - PPGCI/UFPB
Membro interno (Suplente)**

**Profª. Drª. Marluce da Silva Pereira – PPGL/UFPB
Membro externo (Suplente)**

A Antonio Roberto Vasconcelos Mota e a Louisiana Sousa Mota, meus pais, educadores e amores incondicionais. Alicerce, degraus e impulso em tudo o que fiz, faço e farei.

AGRADECIMENTOS

A Deus;

À professora Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino, pela orientação e generosidade intelectual;

A minha família, em especial aos meus pais que, em todos os momentos, estiveram comigo, nas horas de extrema dificuldade, na dor e na locomoção;

Aos meus tios (Mottas) e minhas tias (Ribeiros), por me incentivarem sempre, nos estudos e no crescimento intelectual, pelos ensinamentos e pelo carinho;

As minhas avós Salomé Ribeiro (in memoriam) e Adalgisa Motta, por me fazer pensar no outro sempre, pelos ensinamentos, conselhos e lições de vida. A minha força vem de vocês.

A Sérgio Café, Tatiana Cavalcante, Leyde Klébia, Poliana Rodrigues, Vanessa Alves, Augusto Viana, Tatiana Ramalho, Vânia Leite, Giordano Mota e Antonio Roberto V. Mota, pelo auxílio na coleta dos dados e pela realização de inúmeras provas visando à busca da melhor imagem;

Aos professores Carlos Xavier e Edvaldo Alves, pelas ricas contribuições no momento da qualificação;

A Alba Cleide Calado Wanderley, por aceitar compor a banca e pelas contribuições;

A Jobson Minduim, pelo auxílio na descrição dos materiais usados nas placas;

A Leyde Klébia, pela amizade e pelo companheirismo nas muitas idas ao ambiente e às bibliotecas;

Ao professor Antônio Novaes, por me apresentar a autoclassificação e a heteroclassificação;

A Pró-Reitoria de Graduação da UFPB, à Pró-Reitoria de Ensino da UFCG e à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UEPB, pela disponibilização de dados para a pesquisa;

A Kelly e Thais, pelas discussões e pela troca de material sobre imagem;

À turma de 2010 do Mestrado em CI, pelo apoio e pelo coleguismo durante o Curso, especialmente a Rosilene Agapito, André, Sirleide, Débora, Kelly, Laerte,

Jonathas, Suzana, Vanessa, Thais, Maria Amélia (Mel), Laudereida, Cláudio e Aparecida (Cida);

A Antônio, pela presteza e cordialidade habitual ao atender às nossas solicitações na secretaria do Mestrado;

Aos professores Carlos Xavier, Edvaldo Alves, Gustavo Freire, Dulce Amélia, Bernardina Freire e Mirian Aquino, pelas aulas ministradas e pelo conteúdo ofertado;

Aos meus amigos e amigas, que sempre estiveram me dando força e ajudando, sempre que fosse preciso;

A Cybelle Macedo e à sua equipe da biblioteca do Espaço Cultural, por me acolherem com presteza e cordialidade;

Ao diretor do CCBS/UFCG, Dr. Paulo Montenegro, meu então chefe, pela compreensão relacionada às ausências e total apoio nessa caminhada;

Ao Geincos, pelas grandes discussões e pelo aprendizado que me ofertaram, em especial, a Leyde, Poliana, Vanessa Alves, Izabel, Sérgio, Alba Cleide, Alba Lígia, Francyelle, Vânia, Tayane, Alcilene, Jobson e Thais;

As minhas companheiras de trabalho da UFCG, Mércia, Verônica, Analúcia, Salma, Amanda e Karol, por todo o apoio e incentivo;

Aos colegas de trabalho da UFPB, pela acolhida;

Ao PPGCI, por me acolher e oferecer essa oportunidade.

*Sempre parece impossível até que
seja feito.*

Nelson Mandela

RESUMO

Analisar imagens fotográficas como parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde de três instituições, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e hospitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) se configurou com objetivo geral desse estudo. O fenômeno estudado suscitou uma abordagem mista articulando o enfoque qualitativo e o enfoque quantitativo. O universo de pesquisa abrangeu três universidades públicas do estado da Paraíba: UFPB (Centro de Ciências Médicas, Hospital Universitário Lauro Wanderley e Centro de Ciências da Saúde – Campus – João Pessoa/PB), UFCG (Ciências Biológicas e da Saúde – Campus – Campina Grande/PB) e, UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Campina Grande/PB). O *corpus* de análise foi constituído por 13 imagens fotográficas selecionadas dentre um total de 1.190 imagens fotográficas, extraídas de 174 placas de formatura que fazem parte da memória iconográfica desses cursos, identificados a partir do recorte histórico que abrangeu o período de 2000 a 2010. Essas imagens foram coletadas por meio de um scanner e uma câmera. Para identificação de negros/as nas imagens fotográficas utilizamos os fenótipos negroides como critério de análise. A pesquisa das imagens fotográficas foi efetuada com base no modelo de Smit (1996) para análise documentária de imagens e no referencial teórico desta dissertação. Para analisar as imagens fotográficas, foram necessários três tipos diferentes de dados coletados a partir das placas de formatura expostas nos corredores e hospitais das universidades solicitados junto às pró-reitorias competentes e responsáveis pela matrícula de candidatos/as nos cursos investigados e disponíveis nos sítios dessas universidades, com o objetivo de verificar a concorrência dos cursos considerados de alto prestígio. O material de análise é resultado de uma “heteroclassificação” atribuída pelo pesquisador com a observação e identificação dos fenótipos negroides e de uma autoclassificação (autoidentificação), atribuída pelo próprio respondente, quando lhe é perguntado, de forma espontânea. Os resultados apontam que a maioria de alunos/as e concluintes dos cursos analisados são predominantemente brancos/as, e que a desigualdade racial nos cursos de alto prestígio nas universidades públicas brasileiras, afeta negros/as, sobretudo, na Paraíba, requerendo uma mudança radical nos mecanismos de inclusão. Essa (in) visibilidade de negros/as nas universidades públicas pode ser interpretada como um fato que pouco se nota, raramente se discute, nem se deseja discutir. Considera-se que a presença inexpressiva de negros/as nessas universidades não se resolve apenas com uma ação isolada, mas com políticas públicas que beneficiem não só uma parte da população, mas toda ela, independente de cor, raça ou condição social.

Palavras-Chave: Memória Iconográfica. Negros/as. Imagens fotográficas. Universidades Públicas – Paraíba. Cursos de graduação. Área de Saúde.

ABSTRACT

Analyzes images as part of the iconographic memory of graduates of undergraduate healthcare three institutions, focusing on the plates exposed graduation in the hallways and hospitals of the Federal University of Paraíba (UFPB), Federal University of Campina Grande (UFCG) and the State University of Paraíba (UEPB) was configured with general objective of this study. The phenomenon studied elicited a mixed approach articulating the qualitative and quantitative approach. The universe of the study covered three public universities in the state of Paraíba: UFPB (Health Sciences Center, University Hospital Lauro Wanderley and Health Sciences Center - Campus - Joao Pessoa / PB); UFCG (Biological and Health Sciences - Campus - Campina Grande / PB) and; UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Center for Biological and Health Sciences - Campina Grande / PB). The corpus of analysis consisted of 13 images photographic selected from a total of 1190 images extracted from 174 plates of graduation in the iconographic memory of the 13 courses identified from the historical view of the images covering the period 2000 to 2010. Images were collected using a scanner and a camera. For identification of black people in memory of iconographic images of the courses, were used as criteria for analyzing black phenotypes. The analysis of images was performed based on the model of Smit (1996) for documentary analysis of images and the theoretical framework. To analyze the images, it took three different types of data, collected from the plates exposed for graduation in the halls of hospitals and universities, requested from the competent and pro-rectors responsible for the registration of (the) students in the courses and investigated; available on the sites of fulfilling the selection processes of the universities, in order to know the competition of the courses considered high prestige. The material for analysis is the result of a "heteroclassification" assigned by the researcher with the observation and identification of phenotypes Negroid and a self-classification (self-identification), given by the respondent, when asked spontaneously. The results indicate that the majority of (the) student (s) of the courses analyzed are predominantly white, and that racial inequality in the prestigious courses in Brazilian public universities, affect (the) black (s), especially in the Paraíba, requiring a radical change in the mechanisms of inclusion. (In) visibility of black (s) in public universities can be interpreted as a fact that little note, is seldom discussed, or if you want to discuss. It is considered that the poor presence of blacks these universities can not be solved only with an isolated action, but with public policies that benefit not only part of the population, but all of it, regardless of color, race or social status.

Keywords: Iconographic Memory. Black (s). Images. Public Universities – Paraíba. Undergraduate courses. Living Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Homens negros capturados de regiões da África	33
Figura 2 –	Mulheres negras capturadas de regiões da África	33
Figura 3 –	Negros e negras capturados de várias regiões da África	34
Figura 4 –	Negro como objeto de castigo em praça pública	58
Figura 5 –	Castigos físicos aplicados a negros/as escravizados	58

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 -	Placa Medicina /UFPB 2008	76
Imagen 2 -	Placa Medicina/UFPB 2010	76
Imagen 3 -	Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFPB)	80
Imagen 4 -	Concluintes do Curso de Odontologia (2003/UFPB)	81
Imagen 5 -	Concluintes do Curso de Enfermagem (2010/UFPB)	82
Imagen 6 -	Concluintes do Curso de Farmácia (2007/UFPB)	84
Imagen 7 -	Concluintes do Curso de Nutrição (2002/UFPB)	85
Imagen 8 -	Concluintes do Curso de Fisioterapia (2006/UFPB)	86
Imagen 9 -	Concluintes do Curso de Educação Física (2009/UFPB)	87
Imagen 10 -	Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFCG)	89
Imagen 11 -	Concluintes do Curso de Odontologia (2006/UEPB)	90
Imagen 12 -	Concluintes do Curso de Enfermagem (2005/UEPB)	91
Imagen 13 -	Concluintes do Curso de Farmácia (2004/UEPB)	92
Imagen 14 -	Concluintes do Curso de Fisioterapia (2003/UEPB)	93
Imagen 15 -	Concluintes do Curso de Educação Física (2010/UEPB)	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Número de imagens fotográficas selecionadas para a análise	31
Tabela 2 -	Concorrência de processos seletivos UFPB	64
Tabela 3 -	Concorrência dos processos seletivos - UEPB	68
Tabela 4 -	Autodeclaração de alunos/as da UFPB	70
Tabela 5 -	Heteroclassificação de negros/as	77
Tabela 6 -	Comparação dos dados de autoclassificação e heteroclassificação	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Categorias definidas pela análise documentária da imagem	36
Quadro 2 -	Cursos da área de saúde da UFPB/UFCG/UEPB	60-61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Evolução histórica dos cursos na área de saúde das Universidades Públicas na PB	62
Gráfico 2 -	Média das concorrências na - UFPB	65
Gráfico 3 -	Concorrência de processos seletivos - UFCG	67
Gráfico 4 -	Média das concorrências - UEPB	69
Gráfico 5 -	Perfil étnico-racial de alunos/as em cursos de graduação em saúde da UFPB	71
Gráfico 6 -	Perfil étnico-racial de alunos/as no curso de Medicina/UFCG - 2004 a 2010	72
Gráfico 7 -	Pertencimento étnico-racial de alunos/as nos cursos de graduação em saúde da UEPB	74

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCAE	Centro de Ciências Aplicadas e Educação
CCBS	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCEN	Centro de Ciências Exatas e da Natureza
CCHLA	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CCM	Centro de Ciências Médicas
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CCTS	Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde
CE	Centro de Educação
CES	Centro de Educação e Saúde
CFP	Centro de Formação de Professores
CFT	Centro de Formação de Tecnólogos
CI	Cotas de inclusão
COMPROV	Comissão de Processos Vestibulares
COMVEST	Comissão Permanente do Vestibular
COPERVE	Comissão Permanente do Concurso Vestibular
CSTR	Centro de Saúde e Tecnologia Rural
CT	Centro de Tecnologia
CU	Cotas universais
GEINCOS	Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas
HUAC	Hospital Universitário Alcides Carneiro
HULW	Hospital Universitário Lauro Wanderley
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior

MEC	Ministério da Educação
NEPIERE	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais
PB	Paraíba
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PRE	Pró-Reitoria de Ensino
PRG	Pró-Reitoria de Graduação
PROEG	Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
PROUNI	Programa Universidades para Todos
PSS	Processo Seletivo Seriado
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UP	Universidade da Paraíba
URNe	Universidade Regional do Nordeste

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO	27
2.1 IDA AO CAMPO DA PESQUISA	28
2.2 CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE	30
2.3 SELEÇÃO, TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	31
2.4 PERCURSO DA ANÁLISE	32
3 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	37
3.1 MEMÓRIAS DE NEGROS/AS: INDIVIDUAL OU COLETIVA?	42
3.2 IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO REPRESENTAÇÃO	46
3.4 O QUE VEMOS NAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA ICONOGRAFIA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS?	50
4 CONFIGURAÇÃO DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS	60
4.1 EVOLUÇÃO DOS CURSOS	61
4.2 CONCORRÊNCIA DE VESTIBULANDOS EM PROCESSOS SELETIVOS	63
4.2.1 Universidade Federal da Paraíba	63
4.2.2 Universidade Federal de Campina Grande	66
4.2.3 Universidade Estadual da Paraíba	67
4.3 PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL DE DECLARANTES E NÃO-DECLARANTES	69
4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DE NEGROS/AS NA MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98

APÊNDICES	109
Apêndice A – Carta de apresentação	109
Apêndice B – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico - UEPB	110
Apêndice C – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFCG	111
Apêndice D – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFPB	112
Apêndice E – Tabela utilizada na coleta dos dados	113
Apêndice F – Tabelas sobre o quantitativo de alunos matriculados UFPB e UEPB	114
ANEXOS	115
Anexo A – Tabela das áreas do conhecimento CAPES	115
Anexo B – Resolução 09/2010 – Institui a modalidade de ingresso por reserva de vagas para acesso aos Cursos de Graduação da UFPB	145
Anexo C – Resolução 06/2006 – Define política de reserva de vagas para concurso vestibular da UEPB	147

1 INTRODUÇÃO

A motivação inicial para este estudo mantém ligações com a nossa prática como bibliotecária atuando por mais de dez anos em universidades públicas e instituições privadas no Estado da Paraíba. Nesse período, começamos a observar nessas instituições que a presença de alunos e alunas, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, funcionários e funcionárias, de pele negra, era quase invisível. O nosso olhar sobre essa questão nos sensibilizou para observar a memória iconográfica dos cursos dessas universidades, onde ocorreu a nossa formação como aluna de Graduação em Biblioteconomia e do Mestrado em Ciência da Informação, exercendo, posteriormente, as nossas atividades profissionais como bibliotecária.

Diante de nossas percepções iniciais sobre essa memória iconográfica, o espírito investigativo foi nos incomodando para analisar, cientificamente, as representações das imagens fotográficas, que fazem parte da memória iconográfica de cursos da área de saúde dessas universidades, que já se tornaram familiares para esta pesquisadora. Somamos a isso, as experiências que vivenciamos como mestrandas no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Linha de Pesquisa - Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como participante ativa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-Raciais (NEPIERE) e do Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS)¹ coadunaram com a pretensão de articularmos a temática étnico-racial aos interesses de pesquisa da área de Ciência da Informação.

Partimos do pressuposto de que, enquanto representação do real, a memória iconográfica contém interpretações implícitas e explícitas de um passado que se apresenta por meio de imagens congeladas e capturadas pelo olhar instigante de um fotógrafo (AZEVEDO; ISMERIO, 2007) ou desta pesquisadora. Essa memória a que nos referimos representa não apenas a (in)visibilidade de descendentes de um povo estigmatizado por mais de três séculos de escravismo criminoso, mas também revela a existência de elementos produtores de significados e influenciadores da construção de identidades,

¹ As atividades do Núcleo e do Grupo ocorrem através de oficinas, eventos, debates, discussões e reflexões sobre temas específicos e envolvem as conexões entre informação, educação e relações étnico-raciais, sob a coordenação da Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino.

sendo passíveis de ser analisados por pesquisadores e pesquisadoras das mais diversas áreas de conhecimento.

Na literatura consultada para fundamentar as discussões e reflexões neste estudo, constatamos que, pelo menos até o momento de sua conclusão, não encontramos estudos e pesquisas sobre as representações de imagens fotográficas de negros/as na memória iconográfica de concluintes de cursos da área de saúde de universidades públicas.

De um modo geral, cabe esclarecer que o aumento de estudos e pesquisas sobre a temática étnico-racial, em áreas distintas, intensificou-se a partir da realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância, em Durban (África do Sul), em 2001. Nesse evento, o Governo Federal viu-se obrigado a reconhecer o racismo contra o povo negro e sua atual situação na sociedade brasileira, passando a elaborar e implementar Políticas de Ações Afirmativas para inclusão de negros/as em quase todos setores de nossa sociedade, tornando obrigatório o ensino da cultura africana afro-brasileira nas escolas e favorecendo uma produção de conhecimento mais crítica sobre a temática étnico-racial.

Essa iniciativa fortaleceu uma antiga preocupação dos ativistas do Movimento Negro Brasileiro com vistas a combater o racismo não exclusivamente com a proposição, a promoção, a implementação e a consolidação dessas políticas, mas também com o ingresso de negros/as nas universidades, resultando numa produção de conhecimento mais crítica e reflexiva, mudança de comportamento e conscientização de alguns profissionais de áreas diversas e, sobretudo, da Ciência da Informação, tornando os pós-graduandos mais conscientes da necessidade de desenvolver estudos que abordem a organização e a representação da informação étnico-racial nos espaços de preservação da memória, tais como bibliotecas, arquivos e museus (SANTANA, 2012).

De modo que, na área da Ciência da Informação no Brasil, é possível identificar algumas pesquisas sobre a temática étnico-racial. Entretanto, elas são quase imperceptíveis, pois nenhuma contempla o foco deste estudo, carecendo, pois, de uma produção de conhecimento que possa suprir as lacunas sobre temas específicos e desconstruir o discurso de pesquisadores e pesquisadoras, bibliotecários e bibliotecárias que asseguram que a informação é organizada e representada para atender ao público em geral. Mas esse discurso não deixa claro a que público essa informação se destina. Na verdade, o profissional da informação (bibliotecário ou

indexador), quase sempre, omite certas informações que interessam a diferentes grupos e/ou etnias.

A Ciência da Informação tem um déficit com a diversidade cultural (negros, indígenas, homossexuais, deficientes, geracionais etc), negligenciando as pesquisas sobre temas específicos articulados à organização e à representação da informação e deixando claramente sua omissão sobre os valores históricos, culturais e tecnológicos do povo negro, bem como a inteligência e a criatividade dos ancestrais africanos e africanas que muito contribuíram para nosso país ser o que se tornou hoje.

A questão do silêncio em relação aos feitos históricos do povo negro é discutida por Carvalho (2003, p. 164), quando afirma: “uma parte do problema do silêncio diante [dessa temática] é a ignorância, a desinformação, resultado do fato de que a academia silenciou para a sociedade, durante mais de um século, a sua realidade interna de exclusão racial”. Ainda o silêncio focando sobre a temática étnico-racial, ele diz: “poderosos e eficientes mecanismos de silenciamento do racismo foram acionados constantemente no interior da academia. Somente agora, com a discussão das cotas, começa a abrir-se um pouco a cortina do racismo acadêmico propriamente dito” (CARVALHO, 2003, p. 164).

Nos diversos setores da sociedade brasileira e, não é diferente nas universidades públicas, essa (in) visibilidade sobre a temática étnico-racial acaba por expor o preconceito, a discriminação e o racismo contra negros/as no acesso e permanência nessas instituições. Negros/as, segundo Carvalho (2005, p. 19), estão praticamente ausentes dos cursos de “alto prestígio, como Medicina, Direito, Odontologia, Administração e Jornalismo”. Essa exclusão e desvantagem são mais acentuadas, segundo os parâmetros de hierarquia social, atualmente vigente. Em Odontologia, somente 0,7% de alunos/as que se formaram em 2000 são negros/as. Ser odontólogo ou médico no Brasil é ser branco (a) devido, principalmente, à questão da pobreza, pois se sabe que ela tem a cor negra (CARVALHO, 2005). Contudo, entendemos que o problema não está na pobreza e, sim nos mecanismos que provocam essa pobreza.

A pesquisadora Delcele Queiroz (2004) concluiu que é, sobretudo, de brancos/as o privilégio do acesso às carreiras superiores de prestígio. Nas universidades públicas “aos negros estão reservados os cursos menos valorizados socialmente, como aqueles de formação de professores, por exemplo. Ainda nesses cursos eles são, em geral,

minoritários” (QUEIROZ, 2004, p. 74). Essa realidade nos faz refletir se essas universidades estão cumprindo seu papel social ou contribuindo para o aumento da desigualdade racial. Será que elas estão preocupadas com a inserção de negros/as, também, em cursos tidos como de alto prestígio e que dão mais retorno financeiro?

O questionamento de Carvalho (2003) é muito pertinente em sua crítica ao tempo que se prolongou para implementar as cotas raciais para negros/as nas universidades públicas, deixando essas instituições embranquecidas e os filhos dos donos do poder gozando de privilégios durante muito anos.

Já é hora, portanto, de perguntar: por que, após tanto tempo, temos universidades ainda tão brancas? Isto não é resultado de uma prática racista que está na sociedade apenas: resulta de um esforço sistemático (mesmo que quase nunca verbalizado) feito pelos próprios acadêmicos (CARVALHO, 2003, p. 164).

Essa pretensão de fazer a relação da temática étnico-racial com interesses investigativos da Ciência da Informação coaduna com o pensamento de Saracevic (1996, p. 42) para quem essa área de conhecimento tem “uma participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação”, devendo, hoje, agregar os temas contemporâneos. A nosso ver, a participação ativa, a produção de conhecimento e a contribuição de uma área de conhecimento devem contemplar, sem acepção, os temas de interesse de diversos grupos sociais, independentemente de cor, sexo, classe, deficiência, geração, a fim de que os pesquisadores avancem ético e socialmente em relação ao seu modo de pensar, conhecer e agir sobre a informação que organiza e representa, evitando priorizar apenas os temas universais na prática de pesquisa.

Na diversidade cultural brasileira, uma grande parte de pesquisadores e pesquisadoras ainda desconhece os problemas atuais do povo negro e omite a ideia de que este grupo ainda suporta contemporaneamente o estigma de um contexto histórico permeado por acordos geopolíticos para o exercício da escravização criminosa, que se prolongou por mais de três séculos, e desencadeou fortes sentimentos de revolta no povo negro nos períodos - Colonial, Império e República. É preciso lembrar que os acordos geopolíticos dessa época fazem “parte de uma constante imposição de dominação econômica, cultural, social e política [...]” (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 3), cuja dinâmica contribuiu para perpetuar a desigualdade racial e tornou os negros/as socialmente

invisíveis e desqualificados em diversas situações do seu cotidiano. Também é importante ressaltar que esses acordos ainda existem e perduram no Brasil.

Caracteriza-se como um contexto em que não houve preocupação de evidenciar os determinantes responsáveis pela imposição silenciosa de certas ideologias que fizeram com que as pessoas permanecessem atentas ao que é dissimulado em todos os setores da sociedade brasileira (CUNHA JÚNIOR, 2008). O desconhecimento do evento posterior à Abolição, em que negros/as escravizados, libertos e alforriados foram impedidos de comemorar a tão esperada liberdade, ainda permanece vivo e ativo, e a geração de filhos ou netos foi tragada pelo mesmo processo de abandono destinado a ancestrais africanos.

Este incidente histórico revelou-se agravante porque negros/as estão sujeitos a preconceitos, discriminações e racismos nos diversos setores da sociedade brasileira. Ainda encontramos autores e autoras que negam o racismo contra o povo negro como algo concreto nas situações históricas impostas aos africanos e aos afrodescendentes. Mesmo com a ideia de construção de uma sociedade mais democrática e multicultural o racismo contra negros/as está presente em todos os setores da sociedade brasileira.

As inadequadas condições de acesso e democratização da informação submetem negros/as à “economia da informação” (CASTELLS, 1999) que cresce cada vez mais, avoluma as desigualdades sociais e raciais e contradiz o discurso das políticas públicas que veem na educação, o elemento fundamental para inclusão do povo negro nessa sociedade da informação-conhecimento- aprendizagem. Essas desigualdades atingem fortemente negros/as, resultando em um contingente de “diferentes, desconectados e desiguais” (CANCLÍNI, 2005), cuja “identidade [...] construída a partir de um povo sequestrado e escravizado”, (CASTELLS, 1999, p. 74) foi submetida ao “regime de verdade” (FOUCAULT, 2006) imposto pelo grupo dominante europeu (AQUINO; LIMA, 2009). Nessa economia da informação, negros/as ainda permanecem explorados.

Dados estatísticos apontam que negros/as representam 45% da população brasileira e 64% dos pobres do Brasil (PNUD, 2005). O IBGE (2001) mostra que analfabetos com mais de 15 anos são 7,7% brancos, 18,7% negros e 18,1% pardos. Do total que concluiu algum curso superior, 10% são brancos, 2,1 % são negros e 2,4 % pardos. Em 2010, o IBGE (2010, p. 1) divulgou através da Síntese de Indicadores Sociais que “de 1999 a 2009, houve um crescimento da proporção das pessoas que se declaravam pretas (de 5,4%

para 6,9%) ou pardas (de 40% para 44,2%), que agora, em conjunto representam 51,1% da população”.

Entretanto, a situação de desigualdade pela cor ou pela raça persiste, pois que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade era de 13,3%, para a população de cor preta; de 13,4%, para os pardos, contra 5,9% dos brancos. Outro dado importante é o analfabetismo funcional, que envolve pessoas de quinze anos ou mais de idade com menos de quatro anos completos de estudo, que diminuiu de 29,4%, em 1999, para 20,3%, em 2009. O que se nota é que, para brancos, a taxa era de 15%, enquanto para pretos (25,4%) e pardos (25,7%) aumenta. Os dados apontam que, em 2009, a população branca de 15 anos ou mais tinha, em média, 8,4 anos de estudo, enquanto, entre pretos e pardos, a média era 6,7 anos. Continuando nessa estatística, os dados mostram que

os patamares são superiores aos de 1999 para todos os grupos, mas o nível atingido tanto pelos pretos quanto pelos pardos ainda é inferior ao patamar de brancos em 1999 (7 anos de estudos). Em 2009, 62,6% dos estudantes brancos de 18 a 24 anos cursavam o nível superior (adequado à idade), contra 28,2% de pretos e 31,8% de pardos. Em 1999 eram 33,4% entre os brancos contra 7,5% entre os pretos e 8% entre os pardos. Em relação à população de 25 anos ou mais com ensino superior concluído, houve crescimento na proporção de pretos (2,3% em 1999 para 4,7% em 2009) e pardos de (2,3% para 5,3%). No mesmo período, o percentual de brancos com diploma passou de 9,8% para 15% (IBGE, 2010, p. 1).

No Brasil, a condição social evidencia que a maioria do povo negro vive na pobreza, e poucos têm acesso à informação. A distribuição da informação, segundo Aquino (2007), é assimétrica e reforça cada vez mais as desigualdades raciais. Essa ineficiente distribuição da informação contribui para dificultar o acesso das pessoas à realidade social e reter a informação pelas fontes geradoras – cientistas, instituições, mídia etc, impedindo a partilha democrática do conhecimento (MARTELETO; RIBEIRO, 2001).

Evidentemente, as barreiras de acesso à informação, com distinção de raça ou condição social, geram prejuízo para toda a sociedade, aumentam as desigualdades entre negros/as e brancos/as e rompem com o princípio básico da Constituição Brasileira que rege, em seu artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988, p. 1). A Carta Magna elenca os objetivos fundamentais e versa que se deve “construir uma sociedade livre, justa e solidária; além de promover o bem de

todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, p. 1). Esse princípio leva-nos a questionar: Esses preceitos legais estão sendo respeitados? Até que ponto essa igualdade ocorre nas relações sociais do nosso país?

Dentre as responsabilidades que cercam a Ciência da Informação no tocante à organização e representação da informação (SANTANA, 2012), devemos adotar aquelas que devem se preocupar com o público a quem a informação se destina e às necessidades de quem as usa, sem distinguir, grupos, crenças ou valores, principalmente, em um momento em que a informação e o conhecimento assumiram novos papéis impulsionados pelo avanço da globalização, das tecnologias intelectuais e da internet. Nesse contexto global e tecnológico, nota-se que negros/as convivem em um cenário de desigualdade racial onde

é difícil imaginar algum tipo de transformação para um regime mais justo, sem promover políticas (étnicas, de gênero, de regiões) que façam comunicar os diferentes, corrijam as desigualdades (surgidas dessas diferenças e das outras distribuições desiguais dos recursos) e conectem as sociedades com a informação, com os repositórios culturais, de saúde e bem-estar globalmente expandidos (CANCLINI, 2005, p. 102).

Contudo, não adianta simplesmente promover políticas informacionais para o povo negro, mas também conscientizá-lo de que a informação é uma das chaves valiosas para resolver problemas éticos (monitoramento, exclusão digital, censura, pornografia, difamação, racismo, violência, *spamming*, idiossincrasia, dentre outros), nas relações sociais entre negros/as e brancos/as. Nessa questão, Guimarães e Pinho (2006) afirmam que constituem importante ponto de reflexão as eventuais consequências danosas decorrentes de processos de organização e representação da informação, devendo também o profissional da informação pensar-conhecer-agir de forma a minimizar e neutralizar a ocorrência dos problemas que afetam a recuperação da informação de que negros/as necessitam.

Considerando os aspectos até aqui abordados, o objetivo geral deste estudo é analisar as imagens fotográficas como parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especificamente pretendemos:

- a) Identificar imagens fotográficas de concluintes em placas de formatura de cursos de graduação da área de saúde;
- b) Conhecer a concorrência de candidatos/as aos processos seletivos desses cursos;
- c) Investigar o número de alunos/as negros/as matriculados nos cursos da área de saúde e;
- d) Analisar a presença/ausência de imagens de negros/as representadas na memória iconográfica das universidades públicas.

A pergunta que norteia este estudo assim se configura: De que maneira as imagens fotográficas, como parte da memória iconográfica, reforçam a (in)visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde de universidades públicas?

Com os resultados deste estudo, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a temática étnico-racial, sua relação com a memória e a informação, bem como o reconhecimento da importância da presença equitativa de negros/as nas imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de áreas distintas de universidades públicas. Também esperamos instigar pesquisadores e pesquisadoras a contribuírem com a produção de um novo estado de conhecimento que possa engendrar mais reflexões críticas visando minimizar as diferenças, estreitar as relações sociais entre brancos/as e negros/as e transformar as desigualdades raciais herdadas do escravismo criminoso.

O trabalho está dividido em 5 capítulos: o primeiro, intitulado introdução, aborda a justificativa para a escolha do tema, os objetivos e a pergunta da pesquisa; o segundo descreve a metodologia utilizada na pesquisa, o campo de pesquisa, o *corpus*, a seleção e o percurso de análise dos dados da pesquisa; o terceiro apresenta o referencial teórico, os autores e conceitos utilizados; o quarto capítulo refere-se ao *corpus* e à análise acerca dos cursos da área de saúde nas universidades públicas na Paraíba, dos dados de concorrência e da representação de negros/as nos cursos da área de saúde e nas placas de formatura; por fim, o quinto capítulo retrata as considerações finais acerca da pesquisa onde

vislumbramos a construção de uma sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem inovadora, justa e humana, sem distinção de cor, condição social, sexo ou quaisquer tipos de apartações, segregações e/ou exclusões.

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

O fenômeno estudado que ora investigamos suscitou a abordagem mista de natureza quanti-qualitativa para analisarmos as imagens fotográficas de concluintes de cursos da área de Ciências da Saúde que compõem a memória iconográfica de universidades públicas do Estado da Paraíba, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais dessas instituições. O uso do enfoque qualitativo é relevante para o estudo das relações sociais numa sociedade, onde se observa pluralidade nas diversas esferas de vida (FLICK, 2009) e fornece “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais [...]” (HAGUETTE, 1995, p. 63).

Pesquisadores e pesquisadoras qualitativos “utilizam a análise semiótica, a análise narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos e a fonêmica e até mesmo as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números” (DENZIN; LINCOLN, 2007, p. 20). Eles não são observadores objetivos ou politicamente neutros, que estão fora ou acima do texto. O enfoque qualitativo, para Minayo (2007), considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Autores como Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 5) afirmam que ser pesquisador qualitativo é “[...] descobrir e refinar as questões de pesquisa, utilizar coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses em seu processo de interpretação”.

Por sua vez, o enfoque quantitativo segue o pensamento de Sampieri, Collado e Lúcio (2006). Eles referem que a coleta e a análise de dados servem para responder às questões de pesquisa, testar hipóteses estabelecidas previamente e confiar na medição numérica, na contagem e, frequentemente, no uso da estatística para estabelecer com exatidão, os padrões de comportamento de uma população.

A leitura das imagens fotográficas apoia-se na abordagem semiótica proposta por Joly (2005, p. 52-53) para quem a imagem é vista como um instrumento de comunicação, um signo, entre tantos outros, que exprime ideias por um processo dinâmico de indução e de interpretação. Segundo a autora, a imagem se caracteriza pelo seu mecanismo mais do

que pela sua materialidade, o que explica, simultaneamente, a delicadeza e a justeza do emprego múltiplo do termo imagem.

Joly afirma que trabalhar sobre a imagem visual (fixa) é uma escolha, e não, uma necessidade. Portanto, o pesquisador e a pesquisadora podem trabalhar sobre a imagem sonora, a imagem verbal ou a imagem mental. Ela argumenta que não existem ícones nem imagens puros. Também assinala “que o simples fato de se optar por se exprimir pela linguagem visual é determinante para a interpretação, pois essa opção põe em jogo tipos de associações mentais e campos associativos bem específicos, tais como o analógico, o qualitativo, o racional ou o comparativo” (JOLY, 2005, p. 53). Entretanto, é a nossa visão de mundo que determina o objeto e, consequentemente, o método, os instrumentos, os procedimentos e a técnica de análise nesta pesquisa.

Observar, ler e interpretar uma imagem, de modo diferente do que com uma simples intenção de consumo fugaz, é fazer-lhe perguntas. Os sociólogos debruçam-se sobre as imagens de modo a perceber quais as suas utilizações. Assim, em relação à fotografia, realizaram-se investigações com o auxílio de questionários, para se saber quem pratica a fotografia, qual a sua origem e como o faz (GERVEREAU, 2007). Para o analista da imagem, a investigação estatística e o estudo dos comportamentos são instrumentos essenciais que ele pode ir buscar nessas ciências para o ajudarem na sua compreensão da imagem. Neste estudo utilizamos o programa de computador Excel para realizar as estatísticas, com a geração de percentagens, tabelas e gráficos para análise dos dados coletados

2.1 IDA AO CAMPO DA PESQUISA

Essa atividade de pesquisa teve como finalidade coletar os dados referentes às imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de cursos da área de Ciências da Saúde em três universidades públicas conforme assim descritas: UFPB (Centro de Ciências Médicas, Hospital Universitário Lauro Wanderley e Centro de Ciências da Saúde – Campus – João Pessoa/PB), UFCG (Ciências Biológicas e da Saúde – Campus – Campina Grande/PB) e UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Campina Grande/PB).

O primeiro procedimento metodológico incidiu no levantamento dos cursos da área de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Educação Física, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, tendo como referência a Tabela de Áreas do Conhecimento, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Anexo A) e os contatos com as coordenações desses cursos.

Em seguida, fizemos um levantamento minucioso em sítios das três Universidades e do Portal da Capes, com o objetivo de identificar os cursos especificados, o funcionamento, o histórico, a localização das placas de formatura de concluintes, o funcionamento de aulas e as coordenações. Foram identificados 23 cursos nessas três Universidades. Porém, até a data definida como limitadora do período – ano de 2010 - apenas 13 cursos concluíram suas turmas, existindo ainda placas para análise.

Dando andamento aos procedimentos metodológicos, com um *scanner* e uma câmera coletamos as imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes dos cursos. Esses instrumentos nos permitiram gravar detalhadamente os dados, proporcionando-nos uma apresentação mais abrangente, holística de estilos e condições de vida, o transporte de artefatos, a sua apresentação, a disseminação e a ruptura das barreiras do tempo e do espaço (MEAD, 1963).

Ao fotografarmos as placas de formatura expostas nos corredores dessas universidades, seguindo o fluxo da coleta de dados, percebemos que as imagens fotográficas, que fazem parte da memória iconográfica de cursos das universidades pesquisadas, apresentavam uma incidência de luminosidade. Durante o dia, havia uma incidência do sol que refletia diretamente nos vidros das placas e provocava reflexos. E, durante a noite, as lâmpadas fluorescentes geravam o mesmo problema. Esses obstáculos inviabilizaram o uso dessas imagens coletadas para compor o corpus da análise. Isso implica dizer que essas universidades não estão preocupadas em zelar para preservar a memória iconográfica de seu patrimônio memorialístico.

Diante das dificuldades encontradas na coleta de dados para constituição do corpus de análise decidimos solicitar a ajuda de um profissional da área de fotografia. A partir desse contato, o problema foi resolvido parcialmente com o uso de câmeras profissionais, filtros, tripés, lentes, luxímetro, lonas pretas e outras alternativas para impedir a passagem da luz. Porém, as imagens coletadas não ficaram a contento. Logo, pensamos em

digitalizar por meio de um *scanner* de mão as imagens fotográficas dos concluintes nas placas. Para reiniciarmos a coleta de dados, adquirimos esse equipamento, além de uma escada e produtos para limpeza da maioria das placas que estavam envolvidas por insetos, poeira e teias de aranha. Esse descaso demonstra o desprezo dessas instituições pela memória iconográfica dos cursos da área de saúde.

2.2 CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Para o semiólogo Roland Barthes (1974), o *corpus* é uma coleção finita de dados, determinada pelo analista com a arbitrariedade que decide pesquisar. Porém, contrariando essa ideia a partir da Análise de Discurso, Orlandi (2002, p. 63) afirma que a “constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise do discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar a sua compreensão”.

O *corpus* desta análise foi constituído por 13 imagens selecionadas de um total de 1.190 imagens fotográficas extraídas de 174 placas de formatura expostas nos corredores e hospitais dos cursos dessas universidades. Para a seleção das imagens a serem analisadas, atribuímos os seguintes critérios: 1) representatividade dos cursos e universidades investigadas (Tabela 1); 2) qualidade da imagem; 3) fotografias de negros/as e; 4) características comuns e repetitivas na maioria das imagens.

O recorte histórico das imagens fotográficas da memória iconográfica desses cursos compreendeu o período de 2000 a 2010. A escolha desse período teve, também, como base a observação das placas de formatura. Essa opção comunga com a ideia de que “pesquisar, só é possível mediante um recorte da realidade, a fim de que se possa proceder à construção de um objeto de estudo, que deve ser abordado na perspectiva de um corpo teórico específico” (GONDIM, 1999, p. 9). Percebemos que, durante os últimos dez anos até a data inicial desta pesquisa (2010), a incidência de imagens fotográficas de concluintes é algo que se repete em quase todas as placas de formatura que compõem a memória iconográfica nos corredores das universidades.

Tabela 1 – Número de imagens fotográficas selecionadas para a análise

Instituição	Curso	Placas	Número de imagens
UFPB	Medicina	16	1
	Educação Física	12	1
	Enfermagem	09	1
	Farmácia	21	1
	Fisioterapia	16	1
	Nutrição	08	1
UFCG	Odontologia	13	1
	Medicina	13	1
UEPB	Educação Física	13	1
	Enfermagem	12	1
	Farmácia	12	1
	Fisioterapia	18	1
	Odontologia	11	1
	Total	13	174
Total			

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A Tabela 1 mostra as três instituições, o total de imagens fotográficas, o total de 13 cursos da área de saúde e o total de 174 placas de formatura encontradas nos corredores das universidades investigadas.

2.3 SELEÇÃO, TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

O *corpus* da análise constou da seleção das placas de formatura observadas e escaneadas nos corredores das universidades e nos hospitais dessas instituições. Com o acesso aos sítios e às informações das Pró-Reitorias de Ensino e Graduação, selecionamos e ordenamos as fontes de informação referentes ao pertencimento étnico-racial de alunos/as para compreendermos as imagens fotográficas e a autoidentificação de alunos/as tanto no ato de inscrição do processo seletivo quanto no ato da matrícula.

Em seguida, selecionamos as imagens fotográficas coletadas para análise e contextualizamos no tempo e no espaço, entendendo que a identidade racial dos brasileiros e os sistemas de classificação praticados em nosso país são temas muito debatidos entre os estudiosos interessados nas questões étnico-raciais. Compartilhando dessa discussão, Telles (2003) afirma que três grandes sistemas de classificação racial são atualmente utilizados para caracterizar a maioria dos brasileiros de um conjunto de cores do branco ao negro, sendo que cada sistema tem um conjunto de categorias que varia em

número e em grau de ambiguidade. Ele enfatiza que os censos lidam com as categorias branco, preto e pardo ao longo de um conjunto contínuo. Enquanto o discurso popular utiliza categorias múltiplas, inclusive o termo moreno. Porém, o movimento negro brasileiro cada vez mais adota as categorias negro e negra e branco e branca.

Neste estudo, como critério de análise, identificaremos negros/as nas imagens fotográficas da memória iconográfica de concluintes dos cursos da área de saúde, utilizando os fenótipos negroides. Em termos conceituais, Moore (2007, p. 22) afirma que o fenótipo é um elemento objetivo concreto que não confunde. “É nele [...] que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social, servindo de linha de demarcação entre os grupos sociais e com ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações raciais”. Os fenótipos são características físicas - “cor da pele, textura dos cabelos, forma dos lábios e do nariz, dentre outras características que normalizam tanto os comportamentos quanto o lugar social de cada um” (MOORE, 2007, p. 252).

2.4 PERCURSO DA ANÁLISE

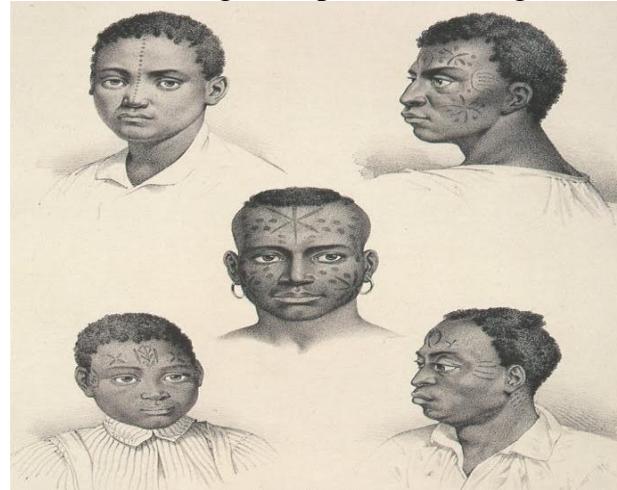
A análise das imagens fotográficas da memória iconográfica de cursos da área de saúde, de três universidades públicas investigadas, tem como base o modelo elaborado por Smit (1996) para análise documentária de imagens e o referencial teórico deste estudo. Esta análise trata-se de um processo que pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação ou intelecto, somado ao objeto, e cujo objetivo é tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda a imagem (BAUER; GASKELL, 2008) fotográfica da memória desses cursos, podendo, talvez, ser uma forma diferente da visão desta pesquisadora.

Para melhor identificarmos quem é negro ou negra nessas imagens fotográficas da memória iconográfica dos cursos já mencionados, tomamos como base os fenótipos inerentes a negros/as, desenraizados de regiões da África para submetê-los ao escravismo no Brasil, cujas imagens foram extraídas da obra, intitulada “A travessia da Calunga Grande: três séculos de imagens do negro no Brasil”, da autoria de Moura (2000).

Na Figura 1, expomos imagens de negros/as trazidos da região de Moçambique para serem escravizados no Brasil. Nessa imagem, observamos as características típicas de

fenótipos negroides, tais como: cor da pele escura, cabelo crespo, nariz núbio e boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora, que utilizaremos para identificação dos negros nesta análise.

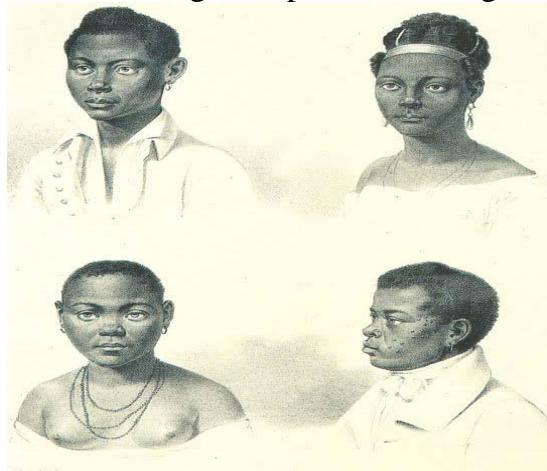
Figura 1 – Homens negros capturados de regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 193)

Na Figura 2, vemos mulheres negras trazidas das regiões de Benguela e do Congo para o Brasil. Nessa imagem, podemos ver nitidamente os fenótipos de negras.

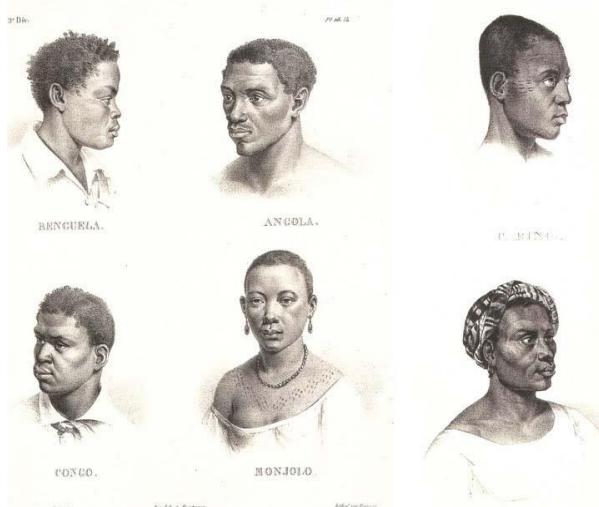
Figura 2 – Mulheres negras capturadas de regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 194)

A Figura 3 apresenta negros capturados nas regiões de Benguela, Angola, Congo e Monjolo. Observamos os fenótipos tomados como modelo para identificarmos negros nas imagens fotográficas das placas de formatura dos cursos.

Figura 3 – Negros e negras capturados de várias regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 198)

O material de análise é resultado de uma heteroclassificação racial atribuída por esta pesquisadora por meio da observação, identificação dos fenótipos negroides. A heteroclassificação racial foi realizada a partir da observação das imagens fotográficas, presentes na memória iconográfica desses cursos, coletadas nas placas de formatura. A autoclassificação (autoidentificação) racial foi atribuída pelo próprio respondente (aluno ou aluna), de forma espontânea, quando perguntamos sobre a sua cor. A autoclassificação racial é decorrente dos dados de matrícula, fornecidos pelas instituições, no momento em que alunos/as efetuaram a sua matrícula nesses cursos.

No Brasil, estudos sobre a atribuição de cor/raça contam com publicações relevantes, notadamente os trabalhos de Pinto (1996), Queiroz (2004) e Guimarães (1999). Em estudos epidemiológicos realizados por Dias da Costa et al (2007) e Almeida Filho et al (2005), a combinação das estratégias de autoclassificação e de heteroclassificação serviram para determinar a cor/raça dos indivíduos participantes da pesquisa. Essa atribuição de cor/raça baseia-se na observação externa vista como heteroclassificação e na autoclassificação que se baseia numa auto-observação.

Seguindo a prática internacional, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) forma entrevistadores e entrevistadoras para que registrem a raça nos censos decenais segundo a declaração do entrevistado ou entrevistada (TELLES, 2003). Já para análise das imagens fotográficas, trabalhamos com materiais diversificados:

- a) Informações extraídas de placas de formatura expostas nos corredores das universidades e dos hospitais;
- b) Informações fornecidas pelas pró-reitorias competentes e responsáveis pela matrícula de alunos/as nos cursos investigados;
- c) Informações disponíveis nos sítios das realizadoras dos processos seletivos das universidades, com o objetivo de saber a concorrência dos cursos considerados de alto prestígio.

No primeiro momento da coleta do material para análise, com a finalidade de identificar o número de negros/as nas placas de formatura, utilizamos a heteroclassificação, com a realização de uma pesquisa de campo e a coleta de imagens nas placas nos períodos de 25 a 27 de janeiro de 2011; 21 a 23 de fevereiro de 2011; 26 a 29 de setembro de 2011; 01 a 10 de outubro de 2011; 03 a 21 de fevereiro de 2012 e 08 a 23 de março de 2012. Nessa fase, utilizamos câmeras compactas, semiprofissionais e profissionais, filtros, tripés, lentes, luxímetro, lonas pretas para minimizar os reflexos acarretados pelos vidros que se sobrepõem às fotografias de alunos/as.

Em algumas situações, esses reflexos de luminosidade não foram minimizados. Sendo assim, optamos pelo uso de um *scanner* de mão, material de limpeza, uma escada, além de uma carta de apresentação (Apêndice A), emitida pela orientadora desta pesquisa, para justificar a nossa presença em alguns locais das universidades pesquisadas. Concomitantemente, anotamos a localização geográfica das placas de formatura e o número de concluintes nas placas por meio de uma tabela (Apêndice E).

Em seguida, realizamos a coleta do material para análise relacionada ao pertencimento étnico-racial no ato da matrícula de alunos/as nos cursos investigados. Protocolamos as solicitações (Apêndices B, C e D) nas universidades pesquisadas, para ter acesso ao material de análise relacionado ao pertencimento étnico-racial de alunos/as, no

período de 2000 a 2010. Esse material foi informado espontaneamente por alunos/as (autoclassificação) no ato de suas matrículas.

Prosseguindo, visitamos os sítios da Comissão Permanente do Concurso Vestibular (COPERVE) da UFPB, disponíveis em: <http://www.coperve.ufpb.br/>; o da Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV) da UFCG, disponível em: <http://www.comprov.ufcg.edu.br/>; e o da Comissão Permanente de Vestibular (CONVEST) da UEPB, disponível em: <http://comvest.uepb.edu.br/> para coletar o material relacionado à concorrência às vagas dos Cursos investigados nos processos seletivos no período de 2000 a 2010.

Depois de coletar o material para ser analisado, fizemos uma descrição das imagens fotográficas com base no esquema apresentado por Smit (1996) e nas categorias sugeridas para a análise documentária de imagens: **Quem, Onde, Quando, Como e O que**, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias definidas pela análise documentária da imagem

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p.ex. São Paulo ou interior de danceteria)
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p.ex. 1996, noite, verão).
COMO / O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”, quando este é um ser vivo (p.ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: Smit, (1996, p. 32).

Ao descrevermos as imagens fotográficas, indagamos: Quem é o sujeito da imagem fotográfica? Onde ela está espacialmente localizada? Qual a sua localização temporal? Como e em que circunstâncias essa imagem foi criada? O que está sendo mostrado nela? Para que finalidade a imagem será exposta? Como essa imagem está sendo exposta?

Com base nessas questões, analisamos as imagens fotográficas interagindo com o material quantitativo (matrícula, concorrência e número de negros/as nas placas) oriundos da heteroclassificação e autoclassificação e utilizamos o referencial teórico para aprofundar a discussão sobre as representações e as (in) visibilidades de negros/as na memória iconográfica nas universidades públicas.

3 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O processo de industrialização e urbanização no século XIX alterou o ritmo das pessoas e dos objetos e contribuiu fortemente para a nova expansão do capitalismo. Na sociedade contemporânea estamos impregnados por imagens que nos “manipulam e atuam sobre nós de determinada forma” (JOLY, 2002, p. 202) e mudam contundentemente os modos de vida atuais. Essas imagens atravessam diversos meios como a televisão, os computadores, as redes sociais, a publicidade etc, e ultrapassam a cultura literária predominante anteriormente.

As imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades “ocidentais” (incluindo o Japão) dominam as redes globais. A proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no "centro" do sistema global do que em suas periferias. Os padrões de troca cultural, desigual e familiar, desde as primeiras fases da globalização, continuam a existir na modernidade tardia (HALL, 1997).

Elas estão em todos os lugares, e os enredos dos meios de comunicação de massa produzem um "real" (ou hiper-real) que substitui a vida pelo que ocorre a partir dos monitores. Na perspectiva de Burke (2004), as imagens testemunham o passado ainda mais valioso, porque revelam não apenas artefatos do passado, mas também sua organização. Os testemunhos do passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementam e apoiam as evidências dos documentos escritos e oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não oferecem. As imagens do outro são impregnadas de preconceitos e de estereótipos e se comportam de variadas formas entre as estruturas sociais

É importante que se perceba que a cultura da sociedade irá influenciar a produção dessas imagens, e seu significado é percebido de acordo com a função social que a imagem produz numa determinada época e contexto. Os antecedentes do conceito de sociedade da imagem surgem na França, na década de 1960, através das formulações pioneiras do visionário, cineasta, filósofo, militante e político Guy Debord (1997).

Para Debord, a onipresença dos meios de comunicação de massa e suas encenações espetaculares ampliavam a coisificação e a reificação. Debord (1997) afirmou que a

imagem é a forma final da reificação ou derradeira realização do capital, fundamento da sociedade da imagem ou do espetáculo. Ele postula que “toda a vida nas sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção [e interpretação] se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 1997, p. 3).

A estetização da realidade promove a colonização do inconsciente e da natureza pelo mercado. Esse processo indissociável do pós-modernismo é considerado por Jameson (1996) como a lógica cultural do capitalismo tardio. O pós-modernismo revela uma nova dinâmica da sociedade:

O que ‘tardio’ geralmente transmite é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é, de algum modo, decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e da industrialização, menos perceptíveis e menos dramáticas, porém mais permanentes, precisamente por serem mais abrangentes e difusas (JAMESON, 1996, p. 24).

Para Jameson, “[...] o cultural e o econômico se fundem desse modo um no outro e significam a mesma coisa, eclipsando a distinção entre base e superestrutura, o que, em si mesmo, sempre pareceu para muitos ser uma característica significativa do pós-moderno [...]” (JAMESON, 1996, p. 25).

Comentam Santaella e Nöth (2008) que o mundo das imagens tanto pode ser visto como representações visuais (desenhos, fotografias, pinturas etc.) quanto como representações mentais (imaginações, fantasias etc.). Assim, as imagens nascem daquilo que está representado em nossas mentes, enquanto as representações mentais se originam no mundo concreto visual. Existe uma relação muito íntima e variada entre a imagem e seu contexto verbal. A imagem pode ilustrar um texto verbal, ou o texto pode elucidar a imagem na forma de um comentário.

Essas autoras enunciam que as imagens não precisam ser verbais, mas podem funcionar como contextos de imagens. Para a semiótica, não há signo sem contexto, pois a existência de um signo já indica seu contexto. Portanto, a relação entre imagem e texto se processa de forma polissêmica, interativa e contextualizante. Usados em conjunto, texto e imagem facilitam a compreensão e a dinamização do proposto. Quando mostradas de forma isolada, as imagens são passíveis de análises e têm diversas funções.

Sobre as funções das imagens, Aumont (2009, p. 80) propõe três modos de abordá-las. No “modo simbólico”, elas também serviram de símbolos religiosos vistos como capazes de dar acesso à esfera do sagrado, por meio da manifestação mais ou menos direta de uma presença divina. No “modo epistêmico”, as imagens trazem informações visuais sobre o mundo que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais. A natureza dessa informação varia (um mapa rodoviário, um cartão-postal ilustrado, uma carta de baralho, um cartão de banco são imagens cujo valor informativo não é o mesmo), mas essa função geral de conhecimento foi também muito cedo atribuída às imagens. Por fim, no “modo estético”, a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas.

Nos estudos de semiótica plástica, frequentemente, a palavra “imagem” é polissêmica. Em decorrência, gera ambiguidades indesejáveis no discurso científico. Fala-se em imagem da fotografia, da pintura, da escultura, da arquitetura etc., o que sugere que a “imagem” se refere a qualquer manifestação numa semiótica plástica. Quando a palavra “imagem” aparece em estudos de semiótica aplicada a esse domínio da expressão, ela é entendida como aquilo que se pode ver (PIETROFORTE, 2008).

A imagem também serve para rememorar e usar um instrumento que, para Aumont (2009), é chamado de “esquema” e definido como estrutura relativamente simples, memorizável como tal, além de suas diversas atualizações. Ele ressalta que “deve ser mais simples, mais legível do que aquilo que esquematiza. Tem, obrigatoriamente, um aspecto cognitivo, até mesmo didático” (AUMONT, 2009, p. 260). Na sua visão, a imagem se define como um objeto produzido pela mão do homem, em determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real.

As imagens contêm uma relação referencial explícita: elas sugerem, indicam, designam situações que são marcadas por uma historicidade que lhes é própria, ou seja, pertencem a um microcosmo cujas referências não se encontram nos padrões dominantes e socialmente definidos pelos grupos privilegiados. Ser negro, na sociedade brasileira, tem representado, assim, uma constante luta pela sobrevivência e pela superação de obstáculos e preconceitos (SILVA FILHO, 2005, p. 15).

Retomando o pensamento de Santaella e de Nöth (2008, p. 157), esses autores aludem a três paradigmas no processo evolutivo de produção da imagem: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. O primeiro nomeia todas as imagens que

são produzidas artesanalmente. São imagens feitas à mão, que se inserem desde as imagens nas pedras, o desenho, a pintura e a gravura, até a escultura. O segundo se refere a todas as imagens que são produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível; são imagens que dependem de uma máquina de registro, o que implica, necessariamente, a presença de objetos reais preexistentes. O terceiro paradigma diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação.

Retomando a discussão sobre as imagens, podemos considerá-las como artefatos culturais cujo significado dependente do contexto não tem um significado único, fixo, intocável. Entendemos por artefatos culturais toda a produção humana que envolve objetos materiais (vídeos, livros com ilustrações, fotografias, placas, instrumentos, imagens, histórias em quadrinhos, música), ideologias, crenças etc. O artefato representa a materialidade da cultura e instiga o indivíduo a buscar mais informações sobre os elementos que o compõem e o que ele irá representar diante de um determinado grupo e contexto social. Podemos pensar em imagens fotográficas como artefatos da memória, tendo a capacidade de despertar lembranças. E estas lembranças constituem a memória.

A informação é um artefato, afirma Pacheco (1995). Este autor assim expõe: “[...] ela foi criada num tempo, espaço e forma específicos, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração” (PACHECO, 1995, p. 21). Em seu diálogo com Popper (1972), ele assevera que “a informação é um bem cultural, um artefato”. Pacheco (1995) acrescenta que, para os arqueólogos, os artefatos seriam qualquer objeto confeccionado pelo homem. A propósito, a informação é descrita, segundo Marteleto (2007, p. 15), como um “artefato material e simbólico de produção de sentidos, fenômeno da ordem do conhecimento e da cultura”. A imagem contém informação e produz sentidos. Dependendo do contexto e da concepção de mundo do pesquisador e/ou pesquisadora, a imagem pode produzir vários significados, objetivos e subjetivos.

A conexão do artefato com a informação nos aproxima de Manini (2002) que segundo esse autor o modo como a fotografia reúne informação é representando coisas, eventos e pessoas da maneira como eles foram, e não, através de símbolos convencionados, como acontece com o texto escrito ou com a pintura. É importante enfatizar que não só a maneira de reunir

informações é diferente, mas também as informações apresentadas pela imagem fotográfica diferem da mesma informação quando apresentadas verbalmente.

Os artefatos, em formato de imagens fotográficas, podem privilegiar determinado grupo em detrimento do outro. Sendo assim, a memória iconográfica das universidades que analisamos, muitas vezes, encontra-se materializada em um conjunto de placas de formatura constituídas por diferentes elementos, e fixadas nas paredes das praças e nos corredores dessas instituições. Frequentemente, essas placas trazem imagens fotográficas que representam a memória iconográfica de professores e professoras, reitores e reitoras, alunos/as como parte da elite branca, deixando (in) visíveis negros/as. Essa (in) visibilidade histórica revela que a dominação branca, exercida pelas instituições de ensino, favoreceu/favorece apenas a elite branca da sociedade brasileira numa relação institucional que exclui negros/as.

As imagens são artefatos da cultura que não se deslocaram suficientemente do critério da universalidade² e do eurocentrismo³, para agregar a cultura de grupos específicos, mas ainda permanecem aprisionadas a um conceito de cultura e de ciência que inclui alguns grupos e exclui outros. Esses artefatos da cultura, segundo Dorneles (2010, p. 3) com base nas ideias de Jodelet (2001), articulam “diversos elementos, principalmente os afetivos, mentais e sociais, pois, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, esses elementos afetam as representações e a realidade material, social e ideal (das ideias) sobre a qual as próprias vão intervir”. Não se pode ignorar que “cada pessoa possui raízes culturais ligadas à herança, à memória étnica, constituídas por longos e sutis processos de socialização” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 13).

Vale ressaltar que “toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução, o que varia é a importância de cada fase, segundo as situações” (CUCHE, 2002, p. 137), os contextos e os grupos. A cultura também pode ser entendida como o conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o que facilita, ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções

² Qualidade ou caráter de universal; generalidade (DICIONÁRIO..., 2012).

³ Corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna (MUNDO..., 2012).

simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado (PÉREZ GÓMEZ, 2001).

Esses elementos acabam construindo identidades por meio de sentidos que circulam entre e através desses sentimentos, pensamentos e relacionamentos. Essa construção e circulação das identidades podem ser intencionais ou não, mas sempre vão operar transformações nas “arenas culturais”, onde o significado é negociado, e as hierarquias são estabelecidas, porque, dessa forma,

[...] a representação envolve produzir significação forjando elos entre três diferentes ordens das coisas: o que podemos geralmente chamar de o mundo das coisas, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceptual – os conceitos mentais que levamos em nossa mente; e os signos, arranjados nas línguas que ‘significam’ ou comunicam esses efeitos (HALL, 1997, p. 61).

Diante dessas questões, entendemos que a situação de exclusão de negros/as, na memória iconográfica das universidades públicas, mesmo pós-implementação das Políticas de Ação Afirmativas, aumentou a responsabilidade ético-social de pesquisadores e pesquisadoras da Ciência da Informação, que se debruçam sobre a informação e exigem deles não apenas que exerçam sua função de “produtores do conhecimento” (UNGER; FREIRE, 2006), mas também que atuem como críticos reflexivos de artefatos que, muitas vezes, não representam igualmente negros/as e brancos/as e tornam cada vez mais desigual o acesso do povo negro às universidades públicas.

3.1 MEMÓRIAS DE NEGROS/AS: INDIVIDUAL OU COLETIVA?

A discussão empreendida por Bergson (1975) mostra que toda a matéria e o nosso próprio corpo se resumem a imagens. Nesse contexto, o universo é o conjunto das imagens; o mundo material, um sistema de imagens solidárias e bem ligadas. As imagens estão entrelaçadas e interligadas. Na metafísica bergsoniana, o único tempo real é o vívido, e os tempos relativos (dependentes do meio e do ambiente onde o vívido humano se deixa ver) são meras aparências.

Para ele, existem duas formas de memórias tecnicamente diferentes e independentes: uma sob a forma de imagem-hábito (eu superficial) e outra sob a forma de imagem-lembrança (eu profundo) (BERGSON, 1990). As imagens estão em todo lugar,

no hábito cotidiano, nas lembranças. É por meio delas que rememoramos o que está contido em nossa memória, através das lembranças ou de um ato realizado cotidianamente.

Ele afirma, categoricamente, que “não há percepção que não é rica em memórias” (BERGSON, 1987, p. 81). O que vivemos, hoje, nossos sentidos imediatamente interligam as experiências vividas no passado, às imagens e às lembranças, comparam e nos fazem recordar. Muitas vezes tomamos decisões que, se no passado não deram certo, no presente com a lembrança ao termos um novo desempenho, o resultado eficaz surgirá. A memória tem o poder de fazer com que evoluamos através do tempo, cometamos menos erros e levemos a experiência passada para uma sequência de acertos.

Ao parecer um fenômeno individual, a memória é vista como algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Contudo, Halbwachs (2006), nos anos 20-30, já havia entendido que a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Essa característica flutuante e mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, faz com que nos lembremos de que, na maioria das memórias, existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Além disso, a memória é constituída por pessoas, personagens e imagens.

A memória alimenta a identidade. Na construção da identidade negra, a memória é um elemento essencial para lembrar as raízes, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2005). Essa compreensão de identidade, no sentido mais superficial, refere-se ao sentido da imagem de si, para si e para os outros. É a imagem que uma pessoa adquire, ao longo da vida, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, entendendo a sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros da maneira como quer.

A memória pode ser entendida como um elemento que constitui o sentimento de identidade, individual ou coletiva, pois é um importante ativador do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Na linha de raciocínio de Azevedo Netto (2011, p. 110-111), a memória é um “conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem

experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”. É constituída, também, por lembranças. É difícil encontrar lembranças que nos levem a momentos em que nossas sensações não se misturem com as imagens e os pensamentos que nos ligam a outras pessoas ou grupos com os quais convivemos.

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. A memória pode ser histórica, mas não é histórica por si só. É vestígio. Apesar de indomável, esforça-se em assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado, a capacidade de viver o já inexistente. A memória é, então, também o lugar das permanências (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420).

Além dos acontecimentos e das personagens, existem lugares da memória que estão ligados a uma lembrança e podem ser uma lembrança pessoal que, comumente, não tem apoio no tempo cronológico. Compreendendo que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

Halbwachs (2006) avança em relação a Bergson (1975; 1987; 1990), ao afirmar que reconhecer por imagens é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que, com elas, formam um conjunto e uma espécie de quadro. É reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. A evocação tratada se assemelha à lembrança. Quando nos lembramos de algo, estamos evocando uma lembrança que, muitas vezes, estava escondida no passado. Assim, criamos nossos novos conceitos e percepções.

As reflexões de Halbwachs (2006) sobre memória coletiva nos aproximam e trazem à lembrança o sofrimento de um grupo espoliado, explorado e humilhado, em um longo período de toda a sua história, e hoje, ainda guarda na memória imagens dessas situações recuperadas através de vários tipos de artefatos. Halbwachs (2006) comprehende a memória coletiva como um “processo social de reconstrução do passado vivido e

experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade [...]", subjugados pelo regime de escravidão criminosa na sociedade brasileira.

O processo de construção de uma memória dominante acerca da inferioridade do negro está ligado a marcas do sistema escravocrata, que não se restringiram somente à dor no corpo do escravizado, imposto ao trabalho servil e desumano. Era um corpo, calejado e principalmente vitimado pela presença e força também de uma memória dominante, oriunda de teorias raciais de ordem teológica, social e científica, que fora solidificada ao longo de décadas, e naturalizada no imaginário coletivo brasileiro. São marcas de dor, de exclusão, de preconceitos, de dilemas que se comprimem não só no corpo do negro escravizado, mas também no imaterial, ou seja, no imaginário do negro e da sociedade escravocrata uma condição de subalternidade da etnia negra na estrutura social à época (SOUZA; ROCHA, 2012, p. 133).

Essas imagens estão intrinsecamente ligadas à memória, seja nas lembranças ou nas evocações, nos lugares ou na construção de identidade do indivíduo, na comunidade ou coletividade. Camargo (1999, p. 7) afirma que “encontrar a origem das imagens é encontrar nossas próprias origens. Ser humano constitui-se em identificar, nas representações culturais que criamos e articulamos, o sentido de nossa existência”. Essas imagens são capazes de cumprir funções específicas, independentemente de seus conteúdos.

Camargo (1999) argumenta que uma mesma imagem pode atender a interesses variados e servir em diversas situações. Em sua função representativa, elas reproduzem algo que existe ou que tenha a possibilidade de existir. Como função informativa, as imagens traduzem com segurança os dados sobre o que reproduz ou projeta. Na função simbólica, elas representam os anseios, as crenças e as intuições de um grupo social e, dessa forma, dão-lhes sentido.

As imagens se preocupam em registrar e traduzir, com grande proximidade, a fonte da qual se originaram e as condições em que foram realizadas. Elas contêm, em si, um alto grau de veridicção, de ser verdadeira. Na função expressiva, as imagens informam o estado estético em que ou para o qual foram realizadas de acordo com o pensamento de Camargo (1999). O sentido mais evidente e prioritário nessas imagens é o poético⁴. Finalmente, em

⁴ Entendendo poético, nesse caso, como originário do *poien* grego, que se refere ao fazer, ao construir considerando todas as estratégias criativas necessárias à expressão artística, como a invenção e a experimentação.

sua função pedagógica, Camargo (1999) afirma que as imagens indicam, orientam, instruem, informam, descrevem, narram e, em suma, ensinam.

O que é mais importante para se perceber é como as imagens fotográficas se comportam nas estruturas sociais, sabendo-se que a cultura da sociedade influencia diretamente na produção delas, e sua significação é percebida de acordo com a função social da imagem, na época, e no contexto em que está inserida. Corroboramos a fundamentação de Kossoy (2002, p. 132) que “a memória do homem e as suas realizações têm se mantido sob as diferentes formas e meios, graças a um sem-número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 160 anos”.

3.2 IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO REPRESENTAÇÃO

Propor uma discussão sobre imagens fotográficas significa abordar formas de representações sociais de imagens na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem. Significa recorrer a um contexto histórico em que Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, depois de dez anos de experiências, consegue imprimir, através da ação direta da luz, o panorama que via da janela do sótão de sua casa, em Charlonssur-Saône. Tratava-se do resultado de um processo longo, que teve início com as primeiras experiências com litografia e, depois, com papel tratado com cloreto de prata. Ele usou também betume aplicado sobre vidro e óleos para fixar a imagem (COSTA, 2005).

Para Joly (2005), a técnica e seu processo mecânico da fotografia fazem aparecer uma imagem de maneira automática, objetiva e quase natural, sem intervenção direta da mão no artista. A fotografia “é memória enquanto registro da aparência de cenários, personagens, objetos, fatos: documentos vivos ou mortos é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2002, p. 131). O autor assevera que não importa qual seja o objeto de representação, porquanto a questão recorrente é a preservação da memória coletiva ou individual.

As fotografias, aqui entendidas como imagens fotográficas, são registros da experiência humana, vestígios do passado, acontecimentos do presente, lembranças para serem vistas no futuro. Elas fazem parte da memória iconográfica e são consideradas uma imitação quase perfeita da realidade. Essas fotografias podem ser concebidas como imagens produzidas para dizer algo, ilustrar conceitos, vender produtos e ideologias nas

sociedades atuais. As imagens fotográficas estão “[...] coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros, sob forma de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas” (FLUSSER, 2002, p. 22), corredores e salas de reuniões das empresas, do governo e das universidades.

Que significam tais fotografias? [...], significam conceitos programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores. Mas não é o que se vê quando para elas se olha. Vistas ingenuamente significam cenas que se imprimiram automaticamente sobre superfícies. Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimissem a partir de um determinado ponto de vista. Mas o argumento não lhe convém. O fato relevante, para ele, é que as fotografias abrem para o observador visões do mundo. Toda filosofia da fotografia não passa, para ele, de ginástica mental para alienados (FLUSSER, 2002, p. 22).

O dispositivo da imagem fotográfica é diferente do dispositivo do texto escrito. Conceitualmente, “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação como o mundo, semelhante ao conhecimento e, portanto, ao poder” (SONTAG, 2004, p. 14). As fotos são, para ela, artefatos. Barthes (1984) concebe que a foto, ao contrário da pintura, remete não somente a um objeto “possivelmente real”, mas também a um objeto “necessariamente real”, e não se pode negar que “o objeto existe”. A foto é uma “emanação do referente” e testemunha um “aconteceu assim”.

A imagem fotográfica “não é a realidade, mas, pelo menos, sua perfeita analogia, é exatamente essa perfeição analógica que geralmente define a fotografia” (BARTHES, 1961, p. 128). Sua interpretação situa-se no âmago da interrogação semiológica que, embora comece por se inquirir quanto ao significado das imagens como intenção da obra chega, necessariamente, ao ponto de interrogar sobre o que se passa com essa significação, quando filtrada pela leitura e pela interpretação, ou seja, pela interpretação do leitor (JOLY, 2002).

Os estudos das representações sociais servem para discutir a relação das imagens com a representação. Segundo Moscovici (2010), esses estudos não deveriam permanecer restritos a um mero salto do nível emocional para o intelectual. Toda cognição, motivação e comportamento só existem e têm repercussões se significarem algo, e significar implica, por definição, que, pelo menos, duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns.

Para Moscovici, estudar representações sociais requer que retornemos aos métodos de observação. Exige-se que a observação preserve algumas das qualidades do experimento, ao mesmo tempo em que nos liberte de suas limitações. É necessário delinear hipóteses e verificar-las em laboratório é a palavra de ordem. Logo, devem-se descrever os fenômenos e tentar descobrir regularidades para poder fundamentar uma teoria geral.

Para ele, compreensividade consiste no acúmulo de dados à sua disposição, e o significado das regularidades revela qual teoria seguir. As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe, com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com seu bebê (MOSCOVICI, 2010).

As imagens fotográficas são formas de representar e expressar determinados fenômenos sociais, como as conversações e outras circunstâncias como as ciências, as religiões e as ideologias.

As representações são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades [...]. Como símbolos construídos coletivamente por uma sociedade, as representações sociais, são explicadas através de termos como ideias, espírito, concepções, mentalidade, nascendo daí a noção de visão de mundo. Para se manter, cada sociedade necessita ter concepções de mundo 'abrangentes e unitárias', como o modo de encarar o tempo, o espaço, o trabalho, a riqueza, o sexo, os papéis sociais, etc. Para chegar a tal concepção é fundamental a exteriorização das ideias e das diferentes visões, portanto, é nesse momento que as sociedades chegam ao processo de representação da realidade (LIMA; SILVA, 2002, p. 2).

As representações devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos. Elas ocupam uma posição curiosa, em alguns pontos entre conceitos, com o objetivo de abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que o reproduzam de uma forma significativa. Têm sempre duas faces interdependentes: a face icônica e a face simbólica.

Para Moscovici (2010), representação é o mesmo que imagem/significação. Para ele, “a teoria das representações sociais toma como ponto de partida a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade” (MOSCOVICI, 2010, p. 79). Esse autor afirma que as representações sociais têm duas

funções: uma delas é a de tornar convencional os objetos, as pessoas e os acontecimentos que se encontram numa forma definitiva, localizando-as em uma determinada categoria e, gradualmente, colocando-as como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. A outra é que as representações são também prescritivas porque nos impõem uma força irreversível. Essa força é a combinação de uma estrutura presente, antes mesmo que nós começemos a pensar, e de uma tradição que determina o que deve ser pensado.

Os artefatos culturais, denominado neste estudo como imagens fotográficas encravadas em placas confeccionadas de vários materiais, são objetos da ciência produzidos na academia e/ou universidade. Sobre essa questão, Machado, em conversações com Foucault, salienta que esses objetos das ciências são resultados da produção humana, representações que eles fazem sobre a vida, o trabalho e a linguagem dando sentido às palavras e às coisas, geralmente, e deixando marcas negativas.

A representação que o homem se faz a partir deles não é um aprofundamento daquilo que são esses objetos mas, pelo contrário, seu avesso, sua marca negativa. Os homens, pelo fato de viverem, trabalharem e falarem, constroem representações sobre a vida, o trabalho e a linguagem: essas representações são justamente os objetos das ciências humanas. As ciências humanas estudam o homem enquanto ele se representa na vida na qual está inserida, sua existência corpórea, a sociedade em que se realiza o trabalho, a produção e a distribuição, e o sentido das palavras (MACHADO, 1982, p. 145).

Em estudo sobre uma imagem, Kossoy (2002) destaca que o pesquisador busca pela interpretação iconográfica, a decifração da realidade interior da representação fotográfica, desvelando sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade e sua verdade iconográfica. Assim, podemos aceitar o argumento de que a iconografia é uma fonte de pesquisa de considerável valor histórico para as diferentes culturas. Sua riqueza “é capaz de nos transmitir convenções socialmente criadas; sentimentos e motivos de uma época; elementos componentes de uma ideologia; utopias regressivas ou progressivas; mitos e ideias capazes de estimularem uma atividade social etc.” (HIRATA, 2003, p. 1).

Hirata assinala que a iconografia abrange esculturas, pinturas, placas, medalhas, selos postais, imagens, fotos, personalidades etc. Proveniente do grego “*eikon*”, termo “Iconografia” significa imagem e “*graphia*”, escrita, “escrita da imagem”. É descrita como uma forma de linguagem que agrupa imagens na representação de determinado tema. Situa-se numa

área de estudo que investiga sobre a origem das imagens. A iconografia significa a imagem registrada e a sua representação por meio da imagem, que “não é a própria realidade, mas torna-se emblemática, um ícone, a partir do instante em que é escolhida para uma representação” (ANDRADE, 1990, p. 2).

Panofsky (1995) evidencia que existem diferenças entre os termos iconografia e iconologia. Para ele, iconografia é o estudo do tema ou assunto, enquanto iconologia é o estudo do significado. Ele toma como exemplo um homem levantando um chapéu e afirma que esse ato de retirar o chapéu da cabeça representa a iconografia, e quando levanta o chapéu educadamente, tem-se a iconologia. Esse gesto é “resquício do cavalheirismo medieval: os homens armados costumavam retirar os elmos⁵ para deixarem claras suas intenções pacíficas”. Assim, enfatiza a importância dos costumes cotidianos para que possamos compreender as representações simbólicas.

Para González e Arillo (2003), “a imagem transmite informação, refletindo objetos, coisa que não faz um texto, portanto são importantes em sua análise e diferenciam o seu tratamento em relação aos textos”. Eles argumentam que, na imagem, iremos nos deparar com três níveis de significação: 1) O que é evidente (descrição pré-iconográfica, na classificação de Panofsky) – identificação primária ou formal do tema; 2) O que é contextual (análise iconográfica para o historiador da arte) – imagens cuja história ou alegoria exige familiaridade com determinados conceitos e temas culturais para ser compreendidas e; 3) O que é intrínseco e simbolicamente explicativo (interpretação iconográfica) – o que você interpreta ao ver a imagem.

3.4 O QUE VEMOS NAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA ICONOGRAFIA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS?

A informação imagética mostra negros/as apartados de suas raízes e trazidos acorrentados em navios negreiros para o Brasil, sobrevivendo em cativeiro e condições desumanas que perduraram por mais de três séculos. Na literatura, muitas mostram que, desde a migração forçada para submetê-lo ao processo de escravização, o povo negro foi marcado por profundas formas de segregação e empurrado para locais como mocambos, comunidades rurais e favelas.

⁵ Espécie de capacete que protegia a cabeça nas armaduras antigas.

[...] Os escravos eram *mãos e pés* do senhor. Só o escravo trabalhava e produzia. Era ele que fazia tudo [...] Durante o período escravista, na cidade ou no campo, ele estava presente em todos os setores sociais, desempenhando as mais diversas funções, proporcionando o ócio dos senhores (SILVA, 2004, grifo do autor)⁶.

Destinados ao escravismo, é certo que negros e negros conviveram com a produção de imagens diferenciadas do escravismo criminoso: uma benevolente e outra violenta e a outra em que aparecem exaustivamente retratados em cenas de trabalho pesado (CHAUÍ, 2000). Sua condição social e econômica não mudou devidamente com o período pós-abolição. Vários fatores, segundo Silva (2004), como “particularidades regionais, conjuntura econômica, proporção em relação à população geral, concorrência no mercado de trabalho” contribuíram para que eles se espalhassem pelas zonas rurais e passassem a sobreviver com economias de subsistência e monoculturas.

As relações sociais e os espaços ocupados por negros/as estavam à margem da sociedade. Eles viviam e ainda vivem em baixíssimas condições de sobrevivência que geram muitas dificuldades de ter acesso à educação e à saúde. É um povo que constituiu um modo de vida próprio, com uma cultura particular, e desenvolveu seus problemas históricos e sociais marcados pelas desqualificações impostas pela sociedade dominante. No entanto, foi esse modo de vida que permitiu a realização de ideias e formas de sobrevivência e convivências próprias (CUNHA JÚNIOR; RAMOS, 2007). Contudo, não podemos falar mais em modos de vida unitários, em cultura unitária, porque foge à globalização.

Embora esses dados estatísticos mencionem que negros/as representam 43,1% e brancos/as representam 47,7%, nota-se que uma grande parte do povo negro ainda se encontra alocada nas periferias e nas favelas de todo o País. O Censo 2010 mostra que, “entre os mais de 191 milhões de brasileiros, 91 milhões se declararam brancos (47,7%), 15 milhões, pretos (7,6%), 82 milhões, pardos (43,1%), 2 milhões, amarelos (1,1%), e 817 mil, indígenas (0,4%). Somando-se negros e pardos, são 97 milhões” (IBGE, 2010).

No Brasil, os territórios do povo negro são áreas cuja análise histórica mostra como as desigualdades sociais e os processos de dominação afetam o desempenho social, cultural, político, psíquico e econômico (CUNHA JUNIOR; RAMOS 2007). Demonstram

⁶ Documento eletrônico, sem paginação.

as deficiências das políticas públicas, ao longo dos anos, e já transita por mais de um século a situação de vida de negros/as. Para André (2008, p. 36), “o lugar ideologicamente constituído que lhe foi dado é o de um ser inferior em todos os aspectos do desenvolvimento – intelectual, emocional, econômico e social, - que foi reafirmado pelas várias ciências” e, principalmente, na área de educação. Contudo, essa imposição dominante construiu um poder de tática de defesa/sobrevivência do povo negro.

Na educação superior, segundo Guimarães (2008), no Brasil, as múltiplas causas da pequena absorção de negros/as pelas universidades públicas também têm uma relação estreita com a pobreza, com o número escasso na escola pública, com a preparação insuficiente e a pouca persistência. São fatores que refletem a falta de apoio ou de recursos familiares e comunitários e a forma como os processos seletivos ocorrem nessas instituições. Nota-se que

a persistência da desigualdade racial, no sistema educacional brasileiro, configura-se como limitador de acesso a oportunidades sociais para a população negra, ao mesmo tempo em que restringe a construção e uma sociedade mais equânime e mais democrática (SILVA et al, 2009, p. 76).

No sistema educacional, alguns problemas indicadores da desigualdade racial, nesses últimos 20 anos, são: acesso e taxa de escolarização; permanência e distorção idade – série; desigualdades e desafios; desigualdade de renda e mercado de trabalho (SILVA et al, 2009).

As imagens fotográficas de jovens negros/as são cotidianamente reveladas, constituindo um grande problema, pois essas “vêm limitando suas oportunidades sociais, restringindo o desenvolvimento de suas capacidades e as chances de construção de uma trajetória ascendente” (SILVA et al, 2009, p. 181). Eles têm sido sub-representados nas universidades públicas, e suas oportunidades de trabalho são precárias em relação aos jovens brancos. Além disso, os “jovens negros são, assim, ainda mais que os brancos, submetidos a um contexto social marcado por violências com profundos impactos em seu cotidiano, em sua visão de mundo e em suas possibilidades concretas de construção de futuro” (SILVA et al, 2009, p. 181).

Mesmo com as Políticas de Ações Afirmativas que possibilitaram o ingresso de negros/as no Ensino Superior, nas instituições públicas e em bolsas de estudos para instituições privadas, através do Programa Universidade para Todos (PROUNI), em 2004,

as imagens fotográficas analisadas mostram que uma grande parte ainda não conseguiu ter acesso às universidades. Como afirmam Silva et al (2009, p. 182), “o acesso e permanência da juventude negra no ensino superior referem a uma população que termina o ensino médio com aproximadamente 18 anos e que, muitas vezes, leva até cinco anos para ingressar no ensino superior”.

Na sociedade brasileira, é nítido que negros/as estão submetidos ao ressurgimento “de velhas desigualdades sociais [e raciais] dentro das diversidades de ambientes” (FLICK, 2009, p. 21) e desembocam não só para a exclusão de acesso e uso da informação, mas também para a inserção dos temas de seu interesse na produção científica dessas instituições. Há um forte desconhecimento de que a universidade é importante para negros/as não simplesmente “porque aí constroem suas carreiras, mas porque, nesse espaço, operam a transformação da própria consciência, possibilitando um processo de mudança e transformação dos sujeitos, alunos, professores, funcionários e o que mais que seja” (GUSMÃO et al, 2009, p. 192).

Essa (in) visibilidade de negros/as nas imagens fotográficas da memória iconográfica das universidades públicas interfere na construção da identidade negra. Essas imagens quase sempre ignoram o caráter da luta negra, comprometida consigo mesmo e com a coletividade, que anseia por ser conhecida por suas características, por suas qualidades e propriedades, para ser e viver plenamente reconhecidas na memória iconográfica das universidades públicas. Essas instituições deveriam propiciar as condições para

abrir as mentes, compreender, militar, ensinar e educar [já que] possibilita um caminho na construção de um diálogo possível e da visibilidade de [negro/a] brasileiro e na reflexão crítica e propositiva das ‘lacunas e incompreensões’ referentes à questão negra (GUSMÃO et. al, 2009, p. 196).

Em suas pesquisas, Carvalho (2006) concebe que a segregação racial, no meio universitário, jamais foi imposta no Brasil legalmente, mas sua prática concreta tem sido a realidade do nosso mundo acadêmico, através de mecanismos que esse próprio mundo acadêmico tem feito muito pouco por analisar, tampouco tem mostrado interesse, até recentemente, em desativá-los. Historicamente, pontua o pesquisador que as universidades públicas

expandiram seus contingentes de alunos e professores inúmeras vezes ao longo do século XX, mas não tomaram nenhuma iniciativa para corrigir a exclusão racial que as caracteriza desde sua fundação. *Ou seja*, havia uma política abertamente racista na hora de iniciar a distribuição dos benefícios do ensino superior; todavia, não houve nenhum protesto ou ação antirracista posterior por parte dos acadêmicos brancos contra os privilégios que receberam em virtude desse racismo estrutural. Pelo contrário, houve grande hostilidade e rejeição à presença de vários quadros negros importantes nos postos docentes (CARVALHO, 2006, p. 99).

Ele argumenta que intelectuais renomados, como Guerreiro Ramos (que mudou o pensamento sociológico tradicional brasileiro), Édison Carneiro, Clóvis Moura e Pompílio da Hora, preteridos por sua condição racial, ficaram fora das universidades públicas dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. No caso de Abdias do Nascimento, ele só conseguiu inserir-se nas universidades americanas e nas africanas por estar exilado durante os anos da ditadura. No retorno ao Brasil, ele não foi acolhido por nenhuma universidade pública, enquanto quase todos os acadêmicos brancos/as, que foram exilados, conseguiram retomar seus postos anteriores ou foram realocados em outros. O resultado dessa segregação racial, que já atravessou quatro gerações de universitários, é uma prática quase nunca submetida à crítica de acadêmicos brancos/as, que falam sempre entre brancos/as, quando, na verdade, pretendem falar por todos e para todos (CARVALHO, 2006).

Em sua pesquisa na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Castro (2004) verificou que, em 686 pastas de alunos/as dos cursos de Nutrição, Medicina e Enfermagem, havia fotografias somente em 32% das pastas, e a classificação foi de 43% pardos, 25% brancos, 21% mulatos e 11%, negros/as. Na iconografia desses cursos e desses sujeitos, notamos uma (in) visibilidade de negros/as em relação às demais raças classificadas. Essa distinção apresenta sérias relações com a teoria do embranquecimento.

Em suas teses sobre a teoria do branqueamento, Hofbauer (2006) analisa vários argumentos de autores que teceram ideias sobre as relações entre brancos/as e negros/as.

A persistência da ideologia do branqueamento no Brasil está relacionada às relações de poder patrimonialista que têm marcado profundamente a história do país. A ideologia do branqueamento traz em si um enorme poder de abafar, inibir reações coletivas da parte dos ‘não-brancos’, uma vez que os induz a aproximar-se do padrão hegemônico. E ao induzi-los a negociar individualmente certos privilégios (por exemplo, a carta de alforria, um melhor salário), contribui para que os poucos ‘negros’ que conseguem ascender socialmente se afastem da maioria dos ‘não-brancos que não tiveram tanta sorte como eles’ (HOFBAUER, 2006, p. 408).

A crítica de Hofbauer (2006, p. 410) acerca da ideologia do branqueamento repousa sobre o argumento de que ela “atua no sentido de dividir aqueles que poderiam se organizar em torno de uma reivindicação comum e faz com que as pessoas procurem se apresentar no cotidiano o mais ‘brancas possível’”. Ele defende que não se trata de uma ideologia ou teoria, mas uma adaptação das teorias raciais clássicas aplicadas à realidade brasileira. Em sua visão, a ideologia do branqueamento sofreu questionamentos e transformações em razão tanto das mudanças na concepção de mundo quanto nos contextos sociais históricos específicos. É exatamente na década de 1950 que essa ideologia perde “sua legitimidade moral”, pois coube à UNESCO perceber que a contribuição de negros/as não era mais necessária para construir a sociedade brasileira, mas o núcleo da questão era saber qual seria a posição social dos descendentes da ancestralidade africana e como entender as relações entre negros/as e brancos/as.

Tendo em vista esse panorama, surgiram novos conceitos de raça e de grupo étnico ganhando terreno junto à elite acadêmica e política do país. Como registra Hofbauer (2006, p. 410), “ao essencializar categorias de negro e branco, usando tipologias étnico-raciais, foi possível detectar a existência de desigualdades e de tendências de discriminação e, dessa forma, denunciar a democracia racial como mito social que encobre a realidade”. A partir desse momento surgem novos estudos que irão apontar as desigualdades sociais que afetam negros/as. Esse autor ressalta que, mesmo com os processos de modernização econômica e social, ainda é possível perceber a força do poder patrimonial fundamentado em “redes pessoais de proteção e de dependência”.

Ele afirma que com a globalização, “os conceitos de negro e branco e de raça estão sendo reavaliados por novos interesses políticos, novas forças ideológicas, novas tendências acadêmicas e idéias científicas” (HOFBAUER, 2006, p. 411) influenciados pelas diferenças, multiculturalismo, pan-africanismo, afrocentrismo, novo nacionalismo ou por posturas como *Black is beautiful*, politicamente correto ou forças radicais que pregam a supremacia branca.

Hofbauer (2006) admite que com as transformações e adaptação aos novos contextos, a atuação política do Movimento Negro Brasileiro vem ganhando nova qualidade, uma vez que uma parte dos ativistas, “sem perder a raiz”, (GOMES, 2008) se profissionalizou e atua em órgãos governamentais e nas universidades públicas, mesmo assim ainda prevalecem as discriminações raciais contra negros/as nesses setores, necessitando de um discurso crítico e mais políticas para acesso e permanência.

Estudando essa questão, Maria Aparecida Silva Bento (2012) revela que “no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”. Para Hufbauer (2006), a força da ideologia do branqueamento é tão forte que muitos negros/as não se autoclassificam como tais, preferindo utilizar outras categorias que embranquecem. Há também aqueles e aquelas que evitam opinar sobre a categoria ‘negro’. Como afirma o autor, “tudo indica que a ideologia do branqueamento continua funcionando como uma espécie de pano de fundo ideológico sobre o qual outros discursos, outras concepções de negro e branco vão se sedimentando” (HOFBAUER, 2006, p. 411). Nas universidades públicas, principalmente nos cursos de alto prestígio, o branqueamento está arraigado na memória iconográfica, na qual a representação de negros/as é praticamente invisível.

Pesquisas realizadas no final da década de 1970 mostraram que, no Brasil, negros/as foram minimamente representados nas ilustrações e nas iconografias.

[...] os brancos foram muito mais representados nas ilustrações, tendo seu lugar garantido em praticamente todas as posições de destaque; prevaleceram nas representações os contextos e valores da cultura europeia; ocorreram poucas representações de negros nas iconografias; os negros foram em muitos casos, identificados nos textos apenas pela etnia e não pelo nome próprio, e representados em diversas ilustrações com traços estereotipados; a aparição de negros em contexto familiar ou em família não constituída de pessoas pobres foi bastante reduzida; os negros foram associados a um número limitado de atividades profissionais e representados principalmente em posições de menor prestígio; foi recorrente nas obras a associação de crianças negras a animais pretos e/ou à figura dos meninos de rua; foi realizada uma descrição dos negros como meros coadjuvantes das ações e dos processos históricos [...] (LUIZ; SOUZA, 2010)⁷.

Esses autores mostram que, na década de 1990, esse quadro foi sendo modificado lentamente, nas instituições educativas, onde negros/as aparecem nas coleções, rompendo

significativamente com visões estereotipadas tidas sobre eles, aparecendo em funções sociais diversificadas: representações de negros com poder aquisitivo; humanização do tratamento das crianças negras, crianças negras, feições positivas, em ambientes esportivos, de lazer ou escolares; utilização de nomes próprios para caracterização de personagens negros;

⁷ Documento eletrônico, sem paginação.

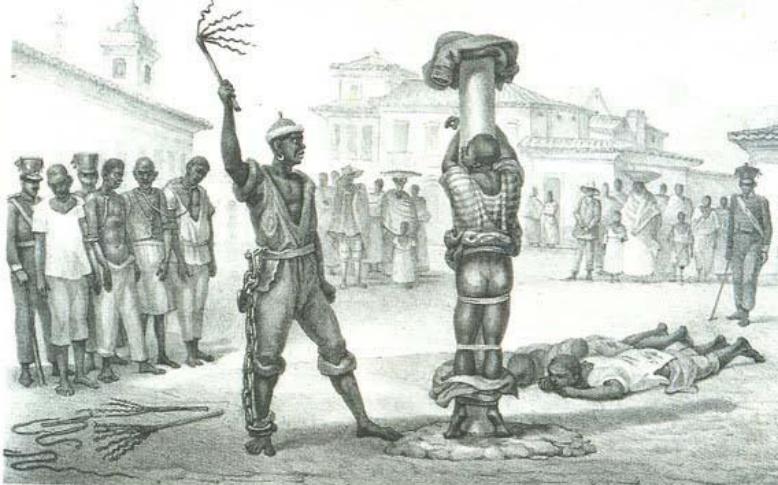
representações de famílias negras; tratamento de temas históricos antes relegados e que contaram com intensa participação negra; maior inclusão dos negros como participantes dos processos históricos; representação positiva de ícones da resistência negra; representação positiva de caracteres fenótipos dos negros etc. (LUIZ; SOUZA, 2010).

A literatura que analisa a relação entre negros/as e brancos/as, em livros didáticos, assinala que os textos e as ilustrações apresentam um padrão de discriminação baseado na supremacia de brancos/as em detrimento de negros/as (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003). Negros e negras ainda aparecem exaustivamente retratados como sujeitos sofredores no seu processo de captura na África, no transporte para o Brasil e no castigo nos engenhos (VAZ; MENDONÇA; ALMEIDA, 2002). Nas atividades laborais, como observou Silva (2008), os personagens negros/as desempenharam um número limitado de profissões, em relação a brancos/as. Os personagens brancos ainda têm uma tendência de se concentrar em profissões mais valorizadas socialmente, enquanto negros/as, em profissões menos valorizadas. Nas iconografias dos museus, dos arquivos e das bibliotecas, as imagens de negros/as são mais associadas ao trabalho escravo e acabam contribuindo para reforçar a ligação da imagem desses sujeitos com a escravidão.

Estudos críticos mostram que a representação de negros/as não está restrita apenas à violência e ao sofrimento, conforme ilustrado nas Figuras 4 e 5, visto que também aparecem como “sujeitos de resistência” e “escrevem a própria história”, mesmo que os livros prefiram não destacar isso quando apresentam imagens pejorativas (VAZ; MENDONÇA; ALMEIDA, 2002).

A Figura 4 mostra um dos castigos comumente executados em praça pública durante o período da escravidão. Negros/as eram amarrados e chicoteados/as, muitas vezes, até à morte. Os castigos eram aliados ao excesso de trabalho e ao alimento insuficiente, além de condições de moradia precárias e sem higiene.

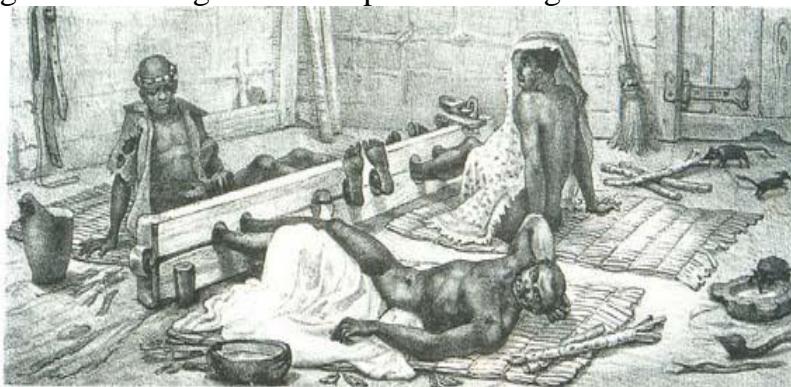
Figura 4 – Negro como objeto de castigo em praça pública



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 337).

Outro tipo de castigo físico é mostrado na Figura 5. Como pode ser observado, negros/as escravizados eram amarrados pelos pés e passavam dias e noite de forma precária e desumana, sem comida suficiente e sem suas vestes. Várias formas e instrumentos eram utilizados para castigá-los e mantê-los obedientes e temerosos. Santos (2009) elenca, como instrumentos destinados à captura e à contenção de cativos, as correntes (entre as correntes estão a gonilha ou golilha, a gargalheira), o tronco, o vira-mundo, as algemas, os machos, o cepo e a peia.

Figura 5 – Castigos físicos aplicados a negros/as escravizados



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 337)

Tais estudos mostram que, no Brasil, o dilema racial é de caráter estrutural. Para corrigi-lo, afirma Fernandes (2007), é preciso mudar a estrutura de distribuição de renda, do prestígio social e do poder e estabelecer um mínimo de igualdade econômica, social e cultural entre brancos/as e negros/as. Essa demanda implica mudar a mentalidade das

pessoas, criar medidas e implementar ações afirmativas, visando diminuir o preconceito e a desigualdade como um dos objetivos fortes de militantes e das entidades defensoras da promoção da igualdade. “Trata-se de medidas que surgem para superar as expressões contemporâneas do racismo e da discriminação racial, e também reparar os fatores que impediram a plena emancipação da população negra no período pós-abolição” (SANTOS, 2009, p. 7).

Avanços são observados com o estabelecimento de programas, políticas, secretarias e leis, que tentam minimizar anos de desigualdade e de discriminação. Porém, as mudanças são poucas e a resistência da tolerância pela sociedade é latente. Um exemplo disso é a política de cotas adotada em algumas universidades e bastante criticada pela sociedade. Muito ainda não foi feito e há de ser realizado para que mudanças profundas aconteçam em nosso país.

4 CONFIGURAÇÃO DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS

O corpus de análise constituído pelo material disponibilizado pelas Pró-Reitorias de Ensino e Graduação das Universidades do estado da Paraíba e coletado nos sítios oficiais das universidades investigada suscitou uma análise quantitativa do fenômeno, pois contém material de análise sobre os centros, os cursos, os locais de funcionamento e a concorrência de candidatos/as ao vestibular, o que serve para subsidiar a análise qualitativa de imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica de concluintes de cursos dessas universidades.

Iniciando pelo Quadro 2, é possível observar a configuração de cursos dessas instituições, tais como os centros, os locais de funcionamento e a data de criação de cada um deles. A UFPB agrupa um curso que se encontra vinculado ao Centro de Ciências Médicas (CCM), e oito, ao Centro de Ciências da Saúde (CCS). A UFCG agrupa oito cursos, distribuídos no Centro de Ciências Biológicas da Saúde (CCBS), no Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), no Centro de Educação e Saúde (CES) e no Centro de Formação de Professores (CFP), com oito cursos: Medicina (02), Enfermagem (03), Farmácia (01), Nutrição (01) e Odontologia (01). A UFPB acolhe seis cursos distribuídos nos CCBS e nos CCTS, porém cinco dos mencionados estão localizados no Campus I, em Campina Grande, e um, no Campus de Araruna. O curso de Odontologia foi criado recentemente.

Quadro 2 - Cursos da área de saúde da UFPB/UFCG/UEPB

Instituição	Curso	Centro	Cidade	Ano de criação
UFPB	Medicina	CCM	João Pessoa	1950
	Odontologia			1951
	Enfermagem			1954
	Farmácia			1958
	Nutrição			1976
	Educação Física	CCS	João Pessoa	1976
	Fisioterapia			1980
	Fonoaudiologia			2009
	Terapia Ocupacional			2009
UFCG	Medicina	CCBS	Campina Grande	1965
	Enfermagem			2010
	Odontologia	CSTR	Patos	2009
	Farmácia	CES	Cuité	2005
	Enfermagem			2005
	Nutrição			2008
	Medicina	CFP	Cajazeiras	2007

	Enfermagem			2007
UEPB	Odontologia	CCBS	Campina Grande	1976
	Fisioterapia			1977
	Farmácia			1978
	Enfermagem			1978
	Educação Física			1978
	Odontologia		CCTS	Araruna
				2010

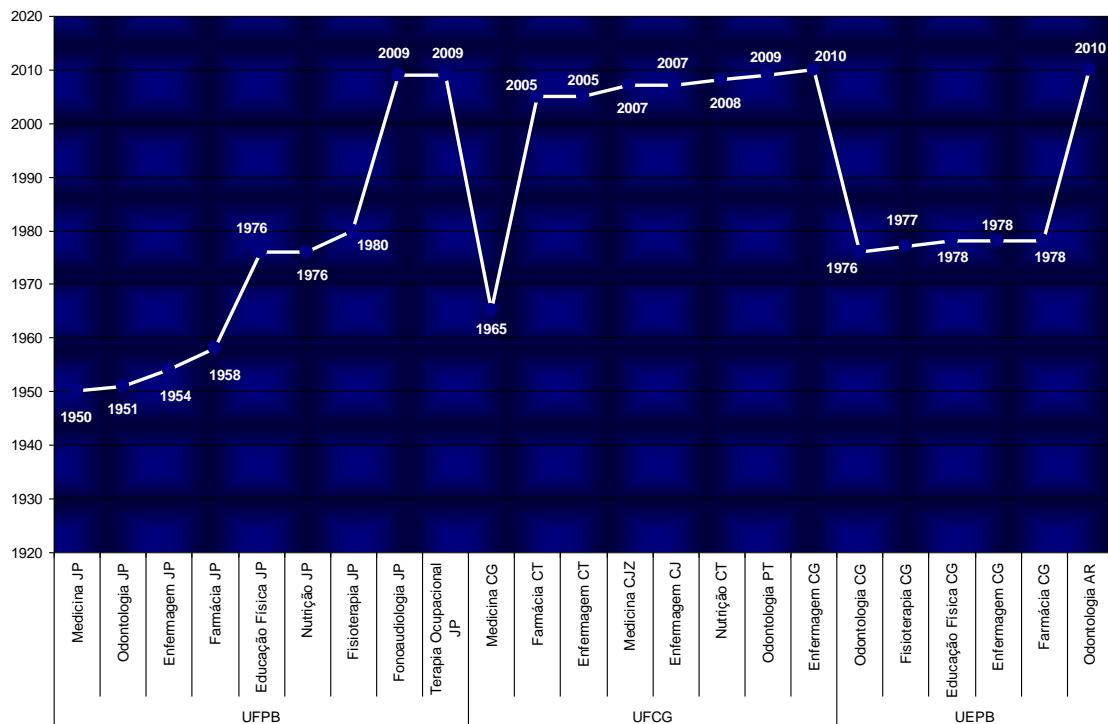
Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A data de criação de uma parte desses cursos não coincide com a data de sua implantação, pois alguns foram criados e somente após alguns anos houve a implantação de fato. Os cursos da UEPB, denominada, anteriormente, de Universidade Regional do Nordeste (URNe) - teve sua estadualização sancionada em 1986, pelo governo da época, quando se criou a Universidade Estadual da Paraíba. De forma análoga, o Curso da Medicina da atual UFCG, antes vinculado à Faculdade de Medicina, teve a Sociedade Médica de Campina Grande como mantenedora. Em 1979, ela passa a ser incorporada à UFPB. Em 2002, o Curso de Medicina passa a fazer parte da UFCG. É importante destacar que os cursos de Farmácia e Enfermagem, campus de Cuité, começaram a funcionar dois anos depois de criados.

4.1 EVOLUÇÃO DOS CURSOS

O Gráfico 1 mostra que, no Estado da Paraíba, o processo de criação de cursos surge na UFPB a partir dos anos 50, quando o de Medicina (1951) foi criado, seguido de Odontologia (1954); Enfermagem e Farmácia (1958). Assim, deu-se início ao estudo profissional nessas áreas, antes não contempladas com cursos superiores no estado da Paraíba. Nos anos 70 e 80, surgem novos cursos: Educação Física e Nutrição (1976) e Fisioterapia (1980). Encerrando por um período de 29 anos a criação de Cursos nessa área. Em 2009, com a expansão, criaram-se cursos de Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, e, até a presente data, a criação de cursos na área de saúde nessa Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) foi encerrada.

Gráfico 1 – Evolução histórica dos Cursos na área de saúde das Universidades Públicas na PB



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Na UFCG, conforme demonstra o Gráfico 1, o ano de 1965 é o marco da criação do curso de Medicina. Porém, o Campus localizado em Campina Grande pertencia à UFPB, e só foi desmembrado em 2002, com a criação da UFCG. A partir dessa data, esse curso foi incorporado à UFCG. Com a criação dessa instituição, o antigo Campus II/UFPB passou a ser denominado de Campus I/UFCG. A partir de 2005, inicia-se o processo de expansão, com a criação dos cursos de Farmácia e Enfermagem na cidade de Cuité. Em 2007, criaram-se os seguintes Cursos: Em Cajazeiras: Medicina e Enfermagem (2008); em Cuité: Nutrição (2008); em Patos: Odontologia (2009) e em Campina Grande: Enfermagem (2010). Até o presente, está encerrada a fase de expansão dos Cursos nessa área na UFCG.

O Gráfico 1 mostra a UEPB como uma instituição que surgiu como uma nova opção de formação de mão de obra especializada no interior do Estado. Os primeiros cursos, criados no Campus I, na cidade de Campina Grande, tiveram seu marco inicial nos anos 70. Nessa instituição, encontramos os seguintes cursos: Odontologia (1976), Fisioterapia (1977), Educação Física, Enfermagem e Farmácia (1978). Em 2010, com o surgimento de novos campi, surge o

primeiro curso de Odontologia, na cidade de Araruna. Até agora, não foram criados outros cursos nessa instituição.

4.2 CONCORRÊNCIA DE VESTIBULANDOS EM PROCESSOS SELETIVOS

Com a finalidade de analisar a presença de negros/as nas imagens fotográficas de concluintes em placas de formatura de cursos de graduação, na área de saúde que serviram como campo, para esta pesquisa, contextualizaremos as três universidades e a concorrência de candidatos/as para ingressarem nessas instituições.

4.2.1 Universidade Federal da Paraíba

Essa instituição, antes denominada Universidade da Paraíba (UP), é uma autarquia de regime especial de ensino, pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério da Educação e criada, em 1934, a partir da primeira escola de nível superior, a Escola de Agronomia do Nordeste, na cidade de Areia. Na década de 1950, o estado da Paraíba registra o aparecimento de várias Escolas Superiores e a criação da própria Universidade, além do surgimento dos cursos na área de saúde. A UFPB era estruturada da seguinte forma: Campus I, na cidade de João Pessoa; Campus II, em Campina Grande; Campus III, em Areia; Campus IV, na cidade de Bananeiras; Campus V, em Cajazeiras; Campus VI, na cidade de Sousa, e o Campus VII, em Patos. Em 2002, com a criação da UFGC, houve um desmembramento, a UFPB ficou com os campi de João Pessoa, Areia, Rio Tinto e Mamanguape, e a UFCG, com os campi de Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras.

A UFPB, atualmente, está estruturada da seguinte forma: no Campus I, na cidade de João Pessoa, há os seguintes Centros: o Centro de Ciências Exatas e da Natureza - CCEN; o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA; o Centro de Ciências da Saúde - CCS; o Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA; o Centro de Educação - CE; o Centro de Tecnologia – CT - e o Centro de Ciências Jurídicas - CCJ; no Campus II, na cidade de Areia, tem-se o Centro de Ciências Agrárias – CCA; o Campus III, localizado em Bananeiras, abrange o Centro de Formação de Tecnólogos – CFT - e o Campus IV, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, com o Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE. A área de saúde conta com nove cursos (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia, Educação Física,

Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional), porém apenas sete têm turmas concluídas (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física).

Os dados (Tabela 2) mostram que Medicina, em 2001, foi o mais concorrido da área de saúde, visto que alcançou um percentual de 41,25 candidatos/as para cada vaga oferecida pela instituição. Essa concorrência oscila, diminuindo e aumentando ao longo dos anos. Para Odontologia, em 2001, a concorrência era de 17,43 candidatos/as por vaga. Ao longo dos dez anos, essa concorrência diminuiu e, em 2007, chegou a nove candidatos/as por vaga. Em Enfermagem, a concorrência se manteve entre 10 candidatos/as por vaga, com picos de 15 candidatos/as para cada vaga.

Fisioterapia oscila entre 16 e 10 candidatos/as por vaga, enquanto Educação Física contabilizou uma concorrência de cinco candidatos/as por vaga em 2001. A concorrência duplicou o número de candidatos/as e se manteve entre 10 e 12, por vaga, nos últimos anos. A partir de 2001, Farmácia apresentou uma concorrência de 10 candidatos/as para uma vaga, o que demonstra uma tendência decrescente, com redução de seis candidatos/as por vaga no período de 10 anos. Por fim, entre 2001 e 2010, Nutrição oscilou significativamente, ao longo de 10 anos, mas sempre com valores bem próximos, que não ultrapassaram cinco candidatos/as por vaga e ficou entre oito e 13 candidatos/as para cada vaga.

Tabela 2 – Concorrência de processos seletivos UFPB

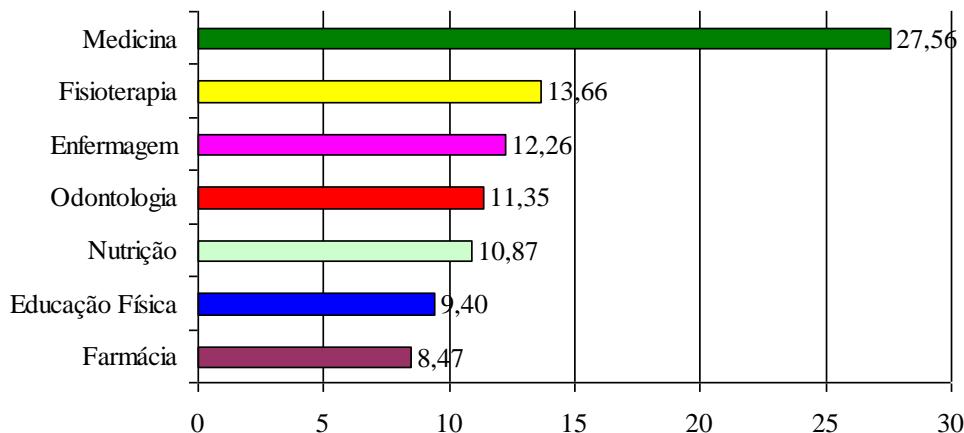
Curso	Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Educação Física	5,5	7,4	9,09	10,28	8,65	10,38	9,11	11,58	12,6	9,4	
Enfermagem	10,48	15,92	15,46	15,14	10,93	14,28	10,73	10,01	9,3	10,3	
Farmácia	10,52	10,54	10,33	8,6	8,2	8,3	7,92	7,2	6,6	6,5	
Fisioterapia	15,98	15,29	16,63	14,65	11,73	15,63	12,27	12,44	10,3	11,7	
Medicina	41,15	28,47	31,45	22,04	23,05	38,39	22,56	21,47	19,4	27,6	
Nutrição	8,59	10,77	13,81	12,04	9,27	11,53	9,89	11,03	11,1	10,7	
Odontologia	17,43	14,05	11,58	9,89	9	12,13	9,44	9,86	9,5	10,6	

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados disponíveis em: <http://www.coperve.ufpb.br>, 2012

Na UFPB, a média de concorrência dos cursos da área de saúde, no período de 10 anos (2001 a 2010), é observada no Gráfico 2. Observamos que Medicina apresenta uma média de 27,56 candidatos/as ao longo do período estudado, e Fisioterapia não se configura como dos mais concorridos, se compararmos com os de Medicina, com uma média de 13,66 por vaga. Em seguida, Enfermagem vem com 12,26 por vaga. Em 2001, a concorrência de Odontologia foi de

17,43 candidatos/as por vaga, o qual apareceu em quarto lugar, com uma média de 11,35. Já Nutrição surge numa posição posterior, com 10,87 por vaga, seguido pelo de Educação Física, com 9,4 candidatos/as. Finalmente, Farmácia apresenta uma média de 8,47 por vaga nos 10 anos investigados.

Gráfico 2 – Média das concorrências na UFPB



Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados disponíveis em: <<http://www.coperve.ufpb.br>>, 2012.

Os dados apresentados na Tabela 2 e no Gráfico 2 demonstram que os cursos aludidos são os mais procurados por candidatos/as para ingressarem na UFPB. A área tem uma média de 13,36 candidatos/as por vaga ofertada. Além disso, esses cursos são vistos como de alto prestígio social. Em 2010, a UFPB publicou a resolução 09/2010 (Anexo B), que institui a Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas para acesso aos cursos de Graduação. Essa resolução versa sobre o preenchimento das vagas que deve ser feito observando a reserva para negros/as, pardos e pardas e indígenas, na proporção da participação desses grupos na população do estado da Paraíba, e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constantes do Censo 2000.

É importante salientar que os cursos da área de saúde são considerados de alto prestígio social (QUEIROZ, 2004). Segundo essa autora, esse prestígio está ligado ao valor das profissões no mercado de trabalho. Em nossa pesquisa, consideramos que todos os cursos investigados são de alto prestígio social, principalmente pela grande procura de candidatos/as para ocuparem as vagas oferecidas por essas universidades. Esse processo de discriminação racial em relação aos cursos de prestígio social já se inicia no vestibular. Por conta dos mecanismos de barreiras ao

acesso a esses cursos, os estudantes das classes mais pobres, principalmente os negros, geralmente fazem suas opções “para cursos considerados de menor prestígio, tentando garantir o acesso à educação superior” (SCHWARTZMAN, 1989, p. 99). Caminhando nessa direção, Carneiro (2010) afirma em sua pesquisa:

As políticas de ações afirmativas subvertem essa ordem, promovendo o empoderamento desses estudantes e a consequente entrada deles nesses Cursos de alto prestígio. A democratização do acesso à educação superior incita a diversidade ao propor a convivência de grupos sócio-economicamente distintos, no entanto o cotidiano na universidade mostra que essa diversidade não está sendo garantida nas suas diversas formas (CARNEIRO, 2010, p. 60).

No que diz respeito a essa questão da (in) visibilidade de negros/as, nas universidades públicas, Carvalho Netto e Sá (2004) também apontam que os docentes resistem à presença desses alunos dentro da Academia, fazem questão de ignorar a diversidade e mantêm as mesmas práticas de ensino. Segundo os cotistas, eles são bem mais exigentes na avaliação de suas turmas.

4.2.2 Universidade Federal de Campina Grande

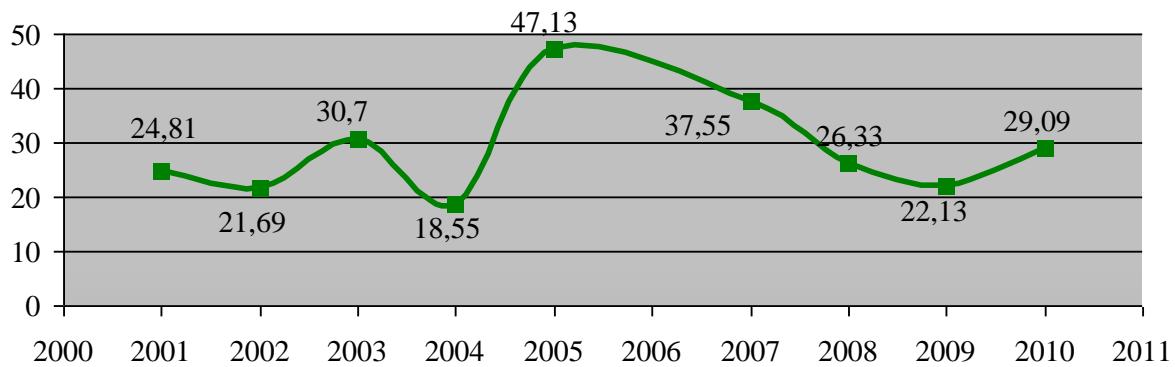
Essa instituição foi criada pela Lei 10.419 de 09 de abril de 2002. Com o desmembramento da UFPB, sua sede foi para a cidade de Campina Grande e abrangeu seis centros e sete cursos na área de saúde - dois cursos de Medicina (Campina Grande e Cajazeiras). Porém, Medicina, localizado em Campina Grande, é o único com concluintes. A UFCG é a única universidade pública que oferece o curso de Medicina na região do Agreste Paraibano (CAMPINA, 2012), Campina Grande é a segunda maior cidade da Paraíba, com cerca de 400 mil habitantes. É considerada a maior cidade do interior do Nordeste e lidera geograficamente cerca de 60 municípios que a circundam.

O processo seletivo da UFCG é realizado pela Comissão de Processos Vestibulares – COMPROV - e regulamentado pela Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário. Na forma de acesso do candidato ou candidata à universidade, no período dessa pesquisa as denominações utilizadas foram o Vestibular e/ou Processo Seletivo Seriado (PSS). Sobre essa questão, os dados coletados acerca da concorrência de alunos ao vestibular referem-se ao curso de Medicina, no período de 2001 a 2010. No momento de realização da coleta, os dados da

concorrência referentes ao ano de 2006 não estavam disponíveis no sítio dessa instituição. Portanto, analisaremos apenas os de concorrência do vestibular referentes a nove anos.

O Gráfico 3 aponta que o curso de Medicina da UFCG é extremamente concorrido e visto como de alto prestígio, por se tratar de uma área de conhecimento à qual poucos têm acesso, e o ganho salarial está acima da média, se comparado com as áreas de Humanas e Ciências Sociais. Em 2005, a procura pelo curso alcançou a 47,13 candidatos/as, por vaga, e a média geral, em nove anos investigados, é de 28,66 candidatos/as por vaga, o que demonstra um elevado índice de procura pelo curso.

Gráfico 3 - Concorrência de processos seletivos - UFCG



Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados disponíveis em: <<http://www.comprov.ufcg.edu.br/>>, 2012

4.2.3 Universidade Estadual da Paraíba

Essa universidade tem como mantenedor o Governo do estado da Paraíba, e os cursos ofertados na área de saúde datam da década de 1970. Caracterizam-se por ser oferecidos gratuitamente no interior do estado, na região do Agreste Paraibano e abrangem também 60 municípios que circundam a cidade de Campina Grande e atingem estados fronteiriços da Paraíba, como o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

A Comissão Permanente de Vestibular – COMVEST – é o órgão responsável pelos processos seletivos no âmbito da UEPB. Os dados apresentados na Tabela 3 referem-se aos anos de 2003 a 2010. Em 2009, essa instituição iniciou seu processo seletivo para ingresso de candidatos/as aos cursos ofertados pela instituição através das cotas universais⁸ (CU) ou cotas de

⁸ Vagas disponíveis para ampla concorrência.

inclusão⁹ (CI), cujo objetivo é de dar acesso a cidadãos de baixo poder aquisitivo, atendendo ao que regulamenta a Resolução 06/2006 e define a política de reserva de vagas para o concurso vestibular da UEPB.

A cota de inclusão é uma norma regulamentada pela Resolução 06/2006 da UEPB (Anexo C) e versa que 50% das vagas de cursos de graduação devem ser destinadas aos concorrentes aprovados no vestibular da UEPB que tenham realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do estado da Paraíba.

Tabela 3 - Concorrência dos processos seletivos - UEPB

Curso	Ano							2009	2009	2010	2010
		2003	2004	2005	2006	2007	2008	CU	CI	CU	CI
Educação											
Física		8,9	10,58	8,49	9,63	13,15	11,98	22,64	32	25,08	26,34
Enfermagem		19,91	27,74	20,43	21,45	16,08	13,68	25,63	26,75	26,79	24,56
Farmácia		17,11	16,07	19,49	13,57	11,53	11,07	18,14	13,29	20,02	12,93
Fisioterapia		19,1	23,12	21,48	18,45	13,1	15,65	26,02	25,88	29,65	25,53
Odontologia		18,08	20,88	20,52	19,1	15,98	17,52	27,55	15	29,17	13,67

Fonte: Tabela gerada a partir de dados disponíveis em: <<http://comvest.uepb.edu.br/vestib.htm>>, 2012.

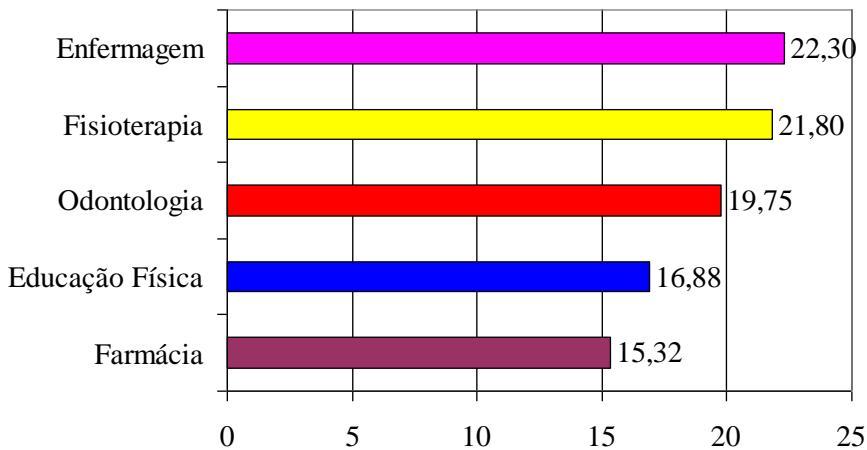
Os dados coletados no sítio da COMVEST publicizam o período de 2003 até os dias atuais. Portanto, apresentaremos o período de oito anos referentes ao período de 2003 a 2010. A Tabela 3 mostra que uma das maiores concorrências registrada nesses oito anos refere-se ao curso de Fisioterapia, com 29,65 candidatos/as por vaga, em 2009, para as vagas reservadas concernentes à cota universal para ampla concorrência.

Em 2003, houve um grande crescimento na concorrência para Educação Física, com aproximadamente nove candidatos/as por vaga. Em 2009, esse número cresceu para 22 candidatos/as, para a CU, e 32, para as CI. Outra observação importante refere-se aos cursos de Farmácia e de Odontologia que, no processo seletivo para as vagas oriundas de CI, apontam para uma diminuição na concorrência, se compararmos com as vagas disponibilizadas por meio da CU. Enfermagem foi um dos cursos mais procurados pelos candidatos/as, no ano de 2003, com uma concorrência de 19,91 candidatos/as por vaga, e em 2010, foram 26,79 candidatos/as por vaga em 2010.

⁹ Vagas destinadas a quem tenha realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do estado da Paraíba.

Na média de concorrência de candidatos/as, durante os processos seletivos para ingresso nos cursos de graduação da área de saúde na UEPB (Gráfico 4), constatamos que o Enfermagem, em média, foi o mais concorrido, durante todo o período investigado nesta pesquisa. Em seguida, aparecem Fisioterapia, Odontologia, Educação Física e Farmácia.

Gráfico 4 – Média das concorrências - UEPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponíveis em:
<http://comvest.uepb.edu.br/vestib.htm>, 2012

Na UEPB, a área de saúde caracteriza-se como de concorrência alta, haja vista a média estar acima de 10 candidatos/as por vaga e, em alguns cursos, esse número é duas vezes maior, o que aponta uma grande procura da sociedade pelos cursos oferecidos pela UEPB na área de saúde, em Campina Grande/PB.

4.3 PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL DE DECLARANTES E NÃO-DECLARANTES

Os dados da matrícula referentes ao período de 2010 a 2011, para identificarmos o pertencimento étnico-racial de alunos/as, visando à geração de gráficos e de tabelas, foram disponibilizados por email, quando solicitados formalmente às Pró-Reitorias (Apêndices B, C e D). Na Tabela 4, identificamos o quantitativo de declarantes e não declarantes da UFPB. A partir da análise desses dados, constatamos que, em todos os cursos, a maioria dos respondentes autodeclarou seu pertencimento étnico-racial em todas as categorias (amarela, branca, indígena, negra, parda e outras).

Na UFPB, constatamos que a autodeclaração do pertencimento étnico-racial por parte dos respondentes é maior no curso de Medicina, com 70,23%, seguido pelos cursos de Nutrição, Educação Física, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia, e Farmácia, conforme ilustra a Tabela 4.

Tabela 4 – Autodeclaração de alunos/as da UFPB

Curso	Total de alunos /as	Declarou	Declarou %	Não declarou	Não declarou %
Ed. Física	1590	1007	63,33	583	36,67
Enfermagem	1806	1127	62,40	679	37,60
Farmácia	2474	1392	56,27	1082	43,73
Fisioterapia	927	557	60,09	370	39,91
Medicina	991	696	70,23	295	29,77
Nutrição	1040	671	64,52	369	35,48
Odontologia	1232	769	62,42	463	37,58

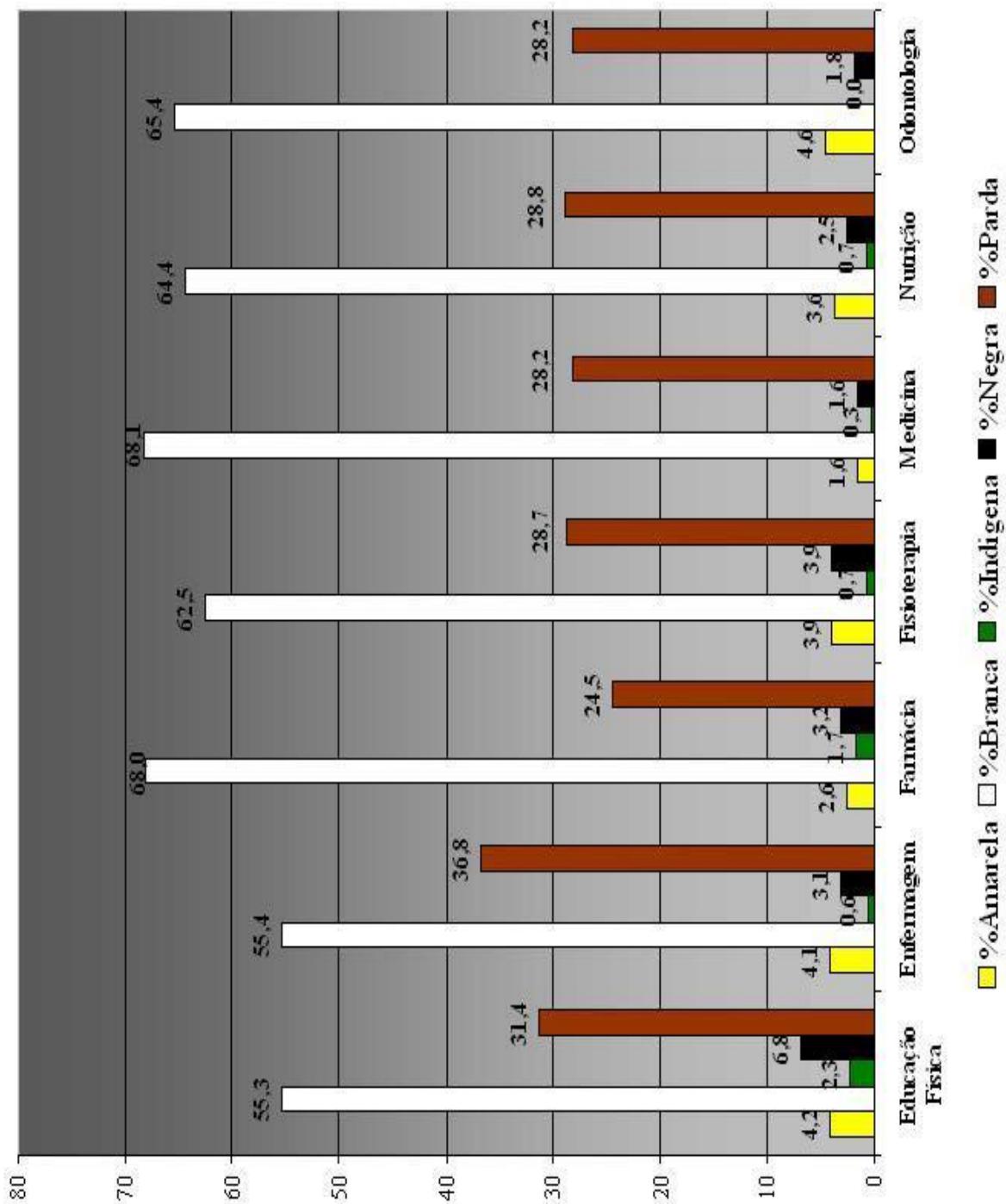
Fonte: Tabela gerada a partir de dados disponibilizados pela PRG/UFPB, 2012

A Tabela 1 (Apêndice F) mostra que 62,5% de alunos/as matriculados declararam ser de raça branca, 29,6%, parda, 3,5%, amarela, 3,4%, negra, e 1%, indígena, o que confirma a preponderância de alunos/as brancos em cursos da área de saúde da UFPB.

No Gráfico 5, utilizamos as cores para representar o pertencimento étnico-racial. A cor branca serviu para (brancos); preta (negros), amarela (amarelos), marrom (pardos) e verde (indígenas), para representar a classificação do pertencimento étnico-racial de alunos/as. Em Medicina, por exemplo, identificamos uma ocorrência maior do número de alunos/as que se autoclassificaram como brancos (68,1%) e negros/as (6%).

A incidência de negros/as aumenta em Educação Física consideravelmente, visto que 6,8% são negros/as, e 55,3%, brancos. Em Odontologia, o percentual foi de 1,8%, negros/as, e 65,4%, brancos. Em relação a Nutrição, 64,4% se declararam brancos, e apenas 2,5% se declararam negros/as. Por sua vez, em Farmácia, 68% de alunos se declararam brancos, e 3,2%, negros/as; a representação de Fisioterapia indica 3,9%, para negros/as, e 62,5%, brancos; em Enfermagem 55,4% se declararam brancos e 3,1%, negros/as.

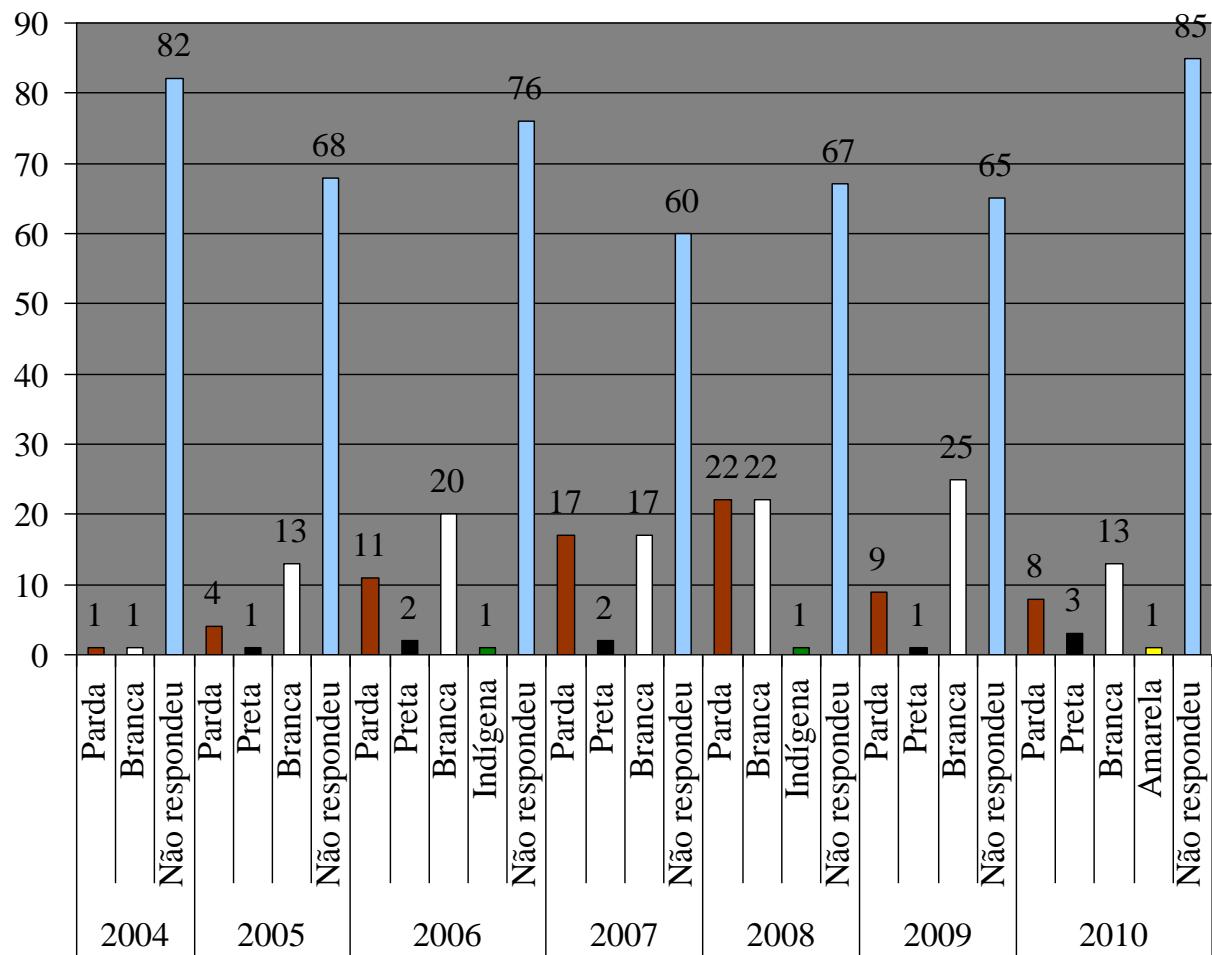
Gráfico 5 – Perfil étnico-racial de alunos/as em cursos de graduação em saúde da UFPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PRG/UFPB, 2012

Em relação ao pertencimento étnico-racial de alunos/as da UFCG, essa instituição diferencia-se das demais já analisadas, uma vez que os dados sobre a autoclassificação só foram inseridos na ficha de matrícula de alunos/as a partir de 2011 mesmo já tendo informações sobre essa questão desde 2004. Em razão disso, uma grande parte de alunos/as não declaravam a sua cor. Sendo assim, a UFCG só adota a inserção do pertencimento étnico-racial como requisito obrigatório apenas em 2011, respeitando as exigências do Ministério da Educação (MEC).

Gráfico 6 – Perfil étnico-racial de alunos/as no curso de Medicina/UFCG - 2004 a 2010



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PRE/UFCG, 2012

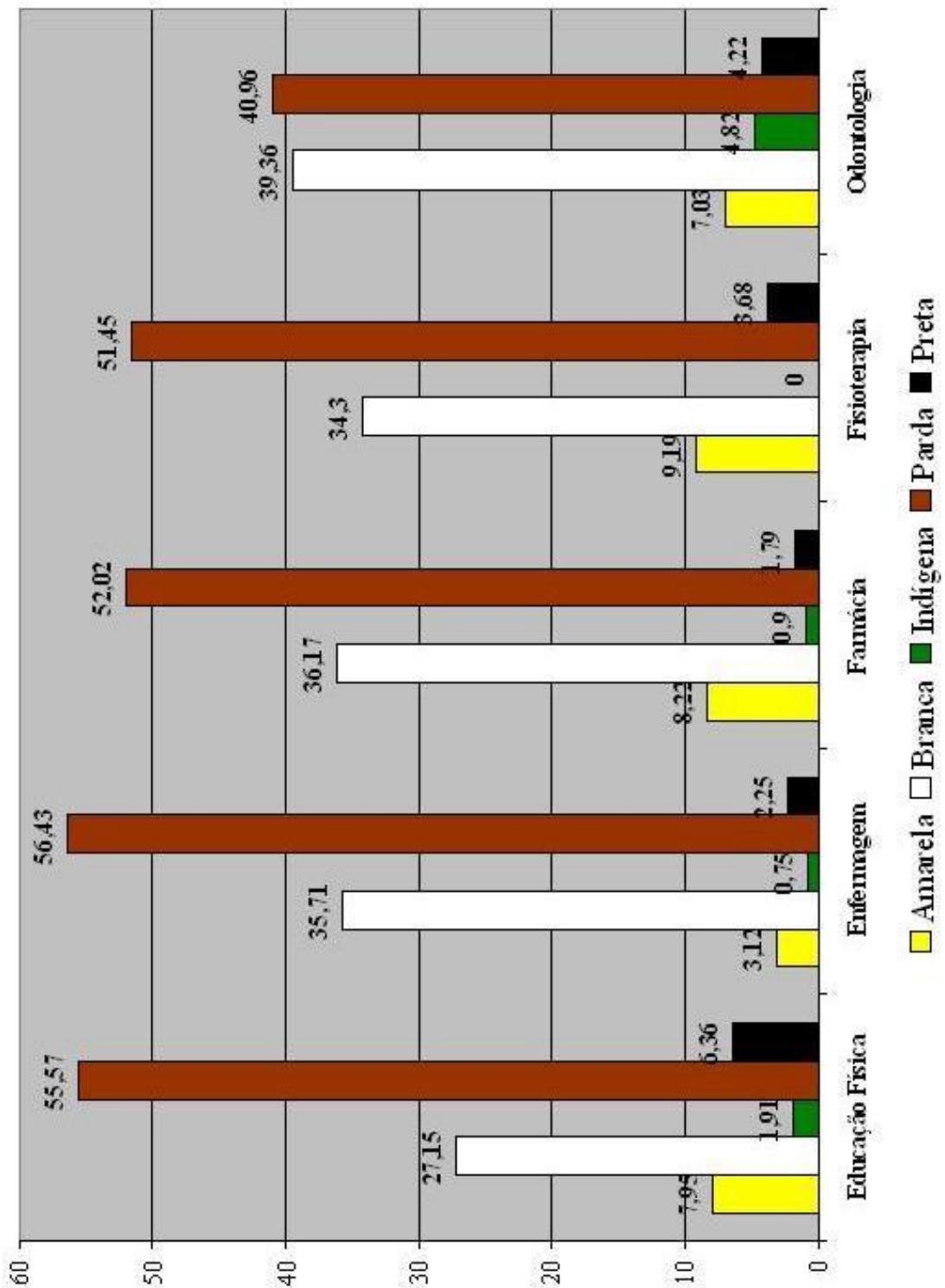
No Gráfico 6, é perceptível a insuficiência de dados relacionados a “cor” de alunos/as dessa Universidade. No período de 2004 a 2010, dentre um total de 503 alunos/as matriculados em Medicina, apenas 195 se autoclassificaram em um grupo étnico-racial. Desses apenas nove declararam ser negros/as, representando 4,6% do universo de respondentes. Outro aspecto a ser destacado é que essa instituição ainda não discutiu as

políticas de ações afirmativas que visem minimizar as discrepâncias sociais e/ou raciais referentes ao acesso e à permanência de negros/as nas universidades públicas. À luz da análise de Carvalho (2005, p. 37), vemos que as “nossas universidades públicas não estão cumprindo bem seu papel social ao contribuir com a exclusão sistemática da população negra das suas carreiras tidas como mais importantes e que possibilitam alto retorno financeiro”.

Os dados relacionados ao pertencimento étnico-racial de alunos/as, disponibilizados por meio de planilhas de Excel e enviados pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), facilitaram a construção do Gráfico 7, que nos proporciona uma melhor visibilidade da cor de alunos/as em cursos da área de saúde da UEPB.

Na Tabela 2 (Apêndice F), percebemos que apenas 12,24% de alunos/as responderam a questão sobre seu pertencimento étnico-racial, enquanto 87,76% não disponibilizaram essa informação. Já no Gráfico 7, construído com base nas respostas sobre a mesma questão, podemos observar que, nos cursos da UEPB, a maioria de alunos/as se autoclassificaram como pardos, supera os 40% enquanto brancos ficam acima dos 27% de todos os cursos investigados; seguida de amarelos (3,1%), negros/as (1,7%) e indígenas (0,6%). Uma particularidade identificada na UEPB está relacionada ao percentual da cor amarela, pois identificamos um maior número de alunos/as que se declaram como amarelos, quando comparado os demais grupos raciais.

Gráfico 7 – Pertencimento étnico-racial de alunos/as nos cursos de graduação em saúde da UEPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PROEG/UEPB, 2012

Os dados da autoclassificação (classificação espontânea) revelam a (in) visibilidade de negros/as nos cursos de alto prestígio das universidades analisadas. Nessas instituições, negros/as representam menos de 10% nos cursos analisados, e na maioria deles, esse

percentual não ultrapassa 3%. Tem razão Carvalho (2005, p. 37), ao afirmar que “o quadro de desigualdade racial no ensino superior é ainda mais dramático se analisarmos que a pequena parcela de negros[/as] incluída está concentrada nos cursos ditos de baixo prestígio, ou de baixa demanda [...]”.

4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DE NEGROS/AS NA MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE

As representações das imagens fotográficas na memória iconográfica de concluintes de cursos da área de saúde de três universidades públicas do Estado da Paraíba evidenciam o esforço empírico desta pesquisa no que concerne à identificação da presença/ausência de negros/as no ensino superior. Sendo assim, concebemos a memória iconográfica como um artefato cultural formado por um conjunto de imagens fotográficas de concluintes que representam a desigualdade racial de negros/as nessas instituições investigadas, cujos ditos e não ditos estão implícitos ou explícitos na sociedade brasileira e refletido no contexto acadêmico das universidades públicas.

Essas imagens fotográficas estão encravadas nas placas de formatura e expostas nos corredores e nos hospitais dessas instituições, contendo informações sobre Centros, Departamentos, Cursos, Professores, Patronos, Paraninfos, Homenageados, Epígrafes e Nomes de concluintes de cada ano, e servindo como registro da passagem de uma vida estudantil para uma nova fase profissional e adentrando a memória iconográfica da UFPB, UFGC e UEPB. Essa memória iconográfica é materializada em placas confeccionadas com a utilização de materiais como mármore, granito, madeira, vidros e inox, conforme mostram as imagens 1 e 2. Uma parte dessas placas chamam a nossa atenção pela suntuosidade do material utilizado. Em alguns casos, as placas de formatura chegam a dois metros de comprimento e um metro de altura.

Imagen 1 – Placa Medicina/UFPB 2008



Fonte: Imagens fotografadas (Dados da pesquisa, 2011)

Imagen 2 – Placa Medicina/UFPB 2010



Fonte: Imagens fotografadas (Dados da pesquisa, 2011)

Para identificarmos a presença ou ausência de negros/as nessas imagens fotográficas, utilizamos a heteroclassificação com base nos estudos realizados por Pinto (1996), Queiroz (2004) e Guimarães (1999). Essa identificação foi realizada em dois momentos. No primeiro, computamos o número de concluintes, o número de placas e o número de imagens de negros/as presentes nas placas. O segundo momento centrou-se na observação das imagens fotográficas de concluintes.

A partir da utilização de uma tabela como instrumento de pesquisa (Apêndice E), computamos o número de concluintes e aplicamos a heteroclassificação para realizar a identificação das imagens fotográficas de negros/as nas placas de formatura. Em seguida, consolidamos os dados, quantificamos e geramos os percentuais, empregando a seguinte fórmula:

$$\frac{Tn}{Tc} \cdot 100$$

Onde: Tn = Total de negros/as

Tc = Total de concluintes

Logo: número total de negros/as dividido pelo número total de concluintes multiplicado por 100 geram os percentuais descritos na Tabela 5.

Tabela 5 – Heteroclassificação de negros/as

Instituição	Curso	Placas	Concluintes	Negros/as	Negros/as %
UFPB	Medicina	16	731	04	0,5
	Educação Física	12	372	34	9,1
	Enfermagem	09	247	06	2,4
	Farmácia	21	666	13	2,0
	Fisioterapia	16	305	05	1,6
	Nutrição	08	187	06	3,2
	Odontologia	13	485	10	2,1
UFCG	Medicina	13	497	11	2,2
	Educação Física	13	405	17	4,2
	Enfermagem	12	403	07	1,7
	Farmácia	12	271	10	3,7
	Fisioterapia	18	402	09	2,2
UEPB	Odontologia	11	272	04	1,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Os resultados apontados na Tabela 5 comprovam a nossa inquietação inicial: se compararmos com os demais grupos, é certo que negros/as estão (in)visibilizados nas Universidades Públicas da Paraíba. Na UFPB, os percentuais mostram que o curso de Medicina, considerado por pesquisadores e pesquisadoras como de maior prestígio da área, apresenta o menor número de negros/as com um percentual de 0,5% demonstrando que a cor da ciência é branca e acentuando cada vez mais as desigualdades raciais. Alguns cursos da área de saúde mantêm uma média entre 1% e 3% e, dentre eles, destacamos: Enfermagem (2,4%); Farmácia (2%); Fisioterapia (1,6%); Nutrição (3,2%) e; Odontologia (2,1%). Apenas o curso de Educação Física apresenta um percentual elevado (9,1%) de negros/as.

Na UFCG, apenas 2,2 % de concluintes do curso de Medicina são negros/as, conforme mostram os dados. Na UEPB, a (in) visibilidade de negros/as é percebida, de forma explícita, nas placas de formatura. Os percentuais apresentam os seguintes resultados: Enfermagem 1,7%, Farmácia 3,7%, Fisioterapia 2,2% e Odontologia 1%. Apenas Educação Física apresenta um percentual elevado de 4,2% negros/as.

Tabela 6 – Comparação dos dados de autoclassificação e heteroclassificação

Curso	Autoclass.	Heteroclass.	Autoclass.	Heteroclass.	Autoclass.	Heteroclass.
	UFPB	UFPB	UEPB	UEPB	UFCG	UFCG
Ed. Física	6,8%	9,1%	6,3%	4,2%	-	-
Enfermagem	3,1%	2,4%	2,2%	1,7%	-	-
Farmácia	3,2%	2%	1,8%	3,7%	-	-
Fisioterapia	3,9%	1,6%	3,7%	2,2%	-	-
Odontologia	1,8%	2,1%	4,2%	1,5%	-	-
Medicina	1,6%	0,5%	-	-	4,6%	2,2%
Nutrição	2,5%	3,3%	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2011–2012.

Para fins de comparação dos dados relacionados à autoclassificação (classificação espontânea) e à heteroclassificação (classificação atribuída), conforme indicou-nos Queiroz (2004), reunimos os dados (Tabela 6) que representam o número de negros/as identificados nesta pesquisa. Em seguida, identificamos algumas peculiaridades: nos cursos de Medicina da UFPB e da UFCG ($1,6 > 0,5$; $4,6 > 2,2$); Fisioterapia da UFPB e UEPB ($3,9 > 1,6$; $3,7 > 2,2$); e Enfermagem da UFPB e da UEPB ($3,1 > 2,4$; $2,2 > 1,7$). Nesses cursos, alunos/as autoclassificaram-se em um número maior do que identificamos nas placas de formatura. Também encontramos nem Educação Física (UFPB e UEPB) ($6,8 < 9,1$; $6,3 > 4,4$) e de Odontologia (UFPB e UEPB), ($1,8 < 2,1$; $4,2 > 1,5$) uma inversão no número dos dados pelo menos em duas instituições. Na UFPB, a classificação de negros/as apresenta-se maior nas placas do que na autoclassificação de alunos/as.

Na UEPB, alunos/as se autoclassificaram em um maior número do que a classificação que fizemos, com base na observação das imagens fotográficas expostas nas placas de formatura. Em Farmácia da UFPB e da UEPB, ($3,2 > 2$; $1,8 < 3,7$). Observamos que os dados coletados na UFPB apontam para um número maior de negros/as autoclassificados em relação aos que classificamos, enquanto que, na UEPB, ocorreu o inverso. Os dados decorrentes da autoclassificação indicam um percentual menor do que atribuímos. Percebemos que os dados de autoclassificação são menores que os de heteroclassificação no curso de Nutrição ($1,8 < 2,1$) da UFPB. Porém, essa diferença é mínima no número identificado nos critérios de classificação.

Com base nas reflexões de Carvalho (2002, p. 83), é possível afirmar que “a classe universitária brasileira ainda não parou para pensar a sua condição branca excludente. Porque a academia se espelha na Europa e nos Estados Unidos, a imagem que fazemos de um acadêmico não inclui um negro e não temos nenhuma imagem da academia na África”.

Na representação de concluintes negros/as em placas de formatura da memória iconográfica de curso da área de saúde das universidades públicas investigadas, tomamos como base os elementos de identificação reconhecidos como **quem, onde, quando, como, o que e para que**. Quem é o sujeito representado nas imagens fotográficas? Onde a imagem fotográfica está localizada geograficamente? Quando é a localização temporal das imagens fotográficas? Como e onde podemos descrever a ação realizada nas imagens fotográficas? O que é a descrição de detalhes que a imagem mostra? Para que finalidade as imagens fotográficas estão expostas?

A análise crítico-interpretativo apoiada no referencial teórico serve para interagir com o corpus da pesquisa e nos conduz a evidenciar a ausência ou presença de negros/as na

memória iconográfica e a (in) visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde de universidades públicas. Assim, a partir da heteroclassificação, constataremos se as características relacionadas aos fenótipos negroides nas imagens fotográficas permitem identificar a presença ou ausência de negros/as nessa memória iconográfica.

As imagens fotográficas de concluintes do curso de Medicina, expostas nas paredes do Hospital Universitário Lauro Wanderley, apresentam um total de 16 placas, com 731 concluintes, nas quais identificamos a presença de apenas quatro negros/as, o que correspondeu a um percentual de 0,5%. Essa (in) visibilidade marcada pela maioria é impactante nos cursos de alto prestígio.

Na Imagem 3, vemos uma placa de formatura exposta no corredor da entrada principal do Hospital Universitário Lauro Wanderley, na qual concluintes do ano de 2009 estão trajados de calça e sapatos pretos e jaleco branco, sorrindo, em cima de degraus de escada, comemorando o sucesso com espumante e posando para a imagem fotográfica que irá compor mais uma memória iconográfica de concluintes dessa área de conhecimento. Dentre 46 concluintes apresentados nessa imagem fotográfica, não identificamos a presença de nenhum negro (a).

Essa memória iconográfica, que mostra um número maior de brancos/as, evidencia o alto poder aquisitivo de concluintes de Medicina, se comparado com concluintes de cursos em que os “negros [as/] concentram-se nas licenciaturas, nas Letras, Humanidades e nas artes” (CARVALHO, 2005, p. 37). Outro aspecto peculiar nesse curso está relacionado ao número de placas expostas nos corredores das universidades, o que confirma o número superior de concluintes característico dessa área de conhecimento. Aprofundando essa análise, a literatura mostra que, no século XIX a criação das faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Engenharia não abriu espaço para a questão racial ser discutida. Isso “[...] confirmou-se, pela ausência de questionamento, de que estaria destinada a educar a mesma elite branca que a criou, contribuindo assim para sua reprodução enquanto grupo” (QUEIROZ, 2002, p. 81). Essa memória iconográfica retrata o que mais se repete nas universidades públicas: a ausência de negros/as em cursos de alto prestígio.

Imagen 3 – Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFPB)



Fonte: Imagem fotográfica (dados da pesquisa, 2011)

Na UFPB, constatamos que esse curso ocupa o primeiro lugar na área de saúde em concorrência, durante os processos seletivos (média de 27,5 candidatos/as por vaga). Ao investigar os dados da matrícula de alunos/as, observamos que apenas 1,6% dos respondentes se autoclassificaram como negros/as, confrontando com 0,5% de concluintes contabilizados durante o momento em que observamos as placas de formatura. Esses números nos fazem refletir acerca do que Queiroz (2004, p. 19) afirma: “além dos meros atributos físicos que diferenciam os indivíduos da espécie humana, a raça é um critério construído para demarcar fronteiras, marcar limites, estabelecer distinções e privilégios entre grupos na sociedade”. Assim, podemos reafirmar que o curso de Medicina da UFPB, igualmente ao da UFCG, faz parte de uma área de conhecimento em que raramente negros/as conseguem se incluir.

Na Imagem 4, a placa de formatura exposta no Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco) mostra que concluintes do curso de Odontologia (UFPB) de 2003, trajados de calça, sapato e camisa brancos, e os homens de gravata vermelha, ordenados de pé, nos degraus de escada, estão fazendo pose para a imagem fotográfica que comporá a memória. Do total de 40 concluintes, identificamos apenas a presença de uma aluna negra, destacada por um círculo na Imagem 4. Como podemos observar, a concluinte, em destaque apresenta os fenótipos bem nítidos (cor da pele escura, cabelo crespo (apesar de estar escovado), boca com lábios

carnudos e arcada dentária para fora), assemelhando-se aos fenótipos, conforme sugere Moura (2000).

Imagen 4 – Concluintes do Curso de Odontologia (2003/UFPB)



Fonte: Imagem fotográfica escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Durante os processos seletivos, apontados nesta pesquisa, a média de concorrência em Odontologia na UFPB é de 11,3 candidatos/as por vaga. Do total de candidatos/as que adentraram a UFPB, apenas 1,8% se autoclassificaram como negros/as, enquanto que 2,1% estão nas placas de formatura. Os dados revelam um crescimento de negros/as nesse curso, se comparado ao que Carvalho (2005) aponta em sua pesquisa realizada em 2000. Segundo esse autor, na Odontologia, somente 0,7% dos alunos que se formaram são negros/as. Esse mesmo autor diz que, no Brasil, ser dentista ou médico é ser branco.

A Imagem 5, localizada no corredor do Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco), exibe a placa de formatura de concluintes do curso de Enfermagem (UFPB) referente ao ano de 2010, na qual estão usando calça, blazer ou paletó preto, camisa branca, e os homens de gravata azul, ordenados de pé, nos degraus de uma escada, fazendo pose para compor as imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica de cursos da área de saúde.

Imagen 5 – Concluintes do Curso de Enfermagem (2010/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Essa imagem é constituída por 39 concluintes, entre os quais, destacamos apenas a presença de duas negras, conforme está marcado por um círculo, gerando um percentual de 5%. Com base na análise, podemos afirmar que a insuficiência de negros/as nas universidades públicas revela um silêncio histórico de sua exclusão (QUEIROZ, 2002). Sobre essa questão, nosso ponto de vista coaduna com a pesquisa realizada por Castro (2005), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que concluiu que a presença negra no curso de Enfermagem (UFMT) ainda é muito pequena, posto que chega somente a 9% do total de alunos/as matriculados. Como podemos constatar, a insuficiência de negros/as na UFPB é mais complexa, porque são raros os que conseguem entrar nas universidades públicas e, principalmente, em cursos da área de saúde.

Ainda na Imagem 5, as concluintes classificadas como negras apresentam os fenótipos negroides (pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora) bem definidos. Outra observação importante, nessa imagem fotográfica, faz refletir sobre o local de destaque que as negras estão ocupando perante

o grupo. Uma delas encontra-se acima, um pouco mais escondida, e outra, no centro da imagem, levando o “leitor” a percebê-la imediatamente ao olhar para a imagem.

Na UFPB, o curso de Enfermagem é considerado de grande demanda social. Tem uma média de 12,2 candidatos/as por vaga nos processos seletivos. Esse número ainda não atinge, a contento, negros/as. O corpus da análise mostrou que 3,1% de alunos/as se autoclassificaram negros/as, enquanto a identificação que fizemos apresenta 2,4% de negros/as. A imagem fotográfica 5 reforça os argumentos já comprovados em diversos estudos de que poucos negros/as chegam aos cursos de maior demanda e prestígio social. O patamar de 3% ainda é ínfimo, se compararmos com o total de negros/as que pleiteiam acesso e permanência nas universidades públicas.

Na visão de Queiroz, “os poucos negros[as/] que escreveram sobre a exclusão do negro na educação superior não conseguiram se inserir eles próprios nas instituições universitárias” (QUEIROZ, 2002, p. 82). Os números apresentados por esta autora mostram que, na Universidade Federal da Bahia, em 1997, 9,1% eram negros/as; na Universidade Federal do Maranhão, em 2000, esse número era de 3,3%; e na Universidade Federal do Paraná, em 2000, não foram encontrados negros/as no curso de Enfermagem.

Analizando o curso de Farmácia da UFPB, constatamos que, em um universo de 666 imagens fotográficas de concluintes, negros/as representa apenas um total de 13 sujeitos na identificação realizada nas placas de formatura. Dentre o total de placas de cursos das três universidades pesquisadas, encontramos o maior número de, totalizando 21 placas de formatura.

A Imagem 6 retrata os fenótipos negroides (pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora) que usamos para classificar os negros/as nesta pesquisa. Na UFPB, o concluinte do curso de Farmácia, do ano de 2007, é representado na memória iconográfica, exposta na placa de formatura localizada no CCS. Ele encontra-se sentado, trajando uma beca típica desse e posando, individualmente, para compor as imagens fotográficas da placa de formatura de sua turma.

Imagen 6 – Concluinte do Curso de Farmácia (2007/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Na UFPB, Farmácia concentra a maioria das suas placas em dois prédios do CCS (Elefante branco e prédio da direção do centro). Apesar de ser reconhecido como um curso de menor média de concorrência nos processos seletivos (8,4%), as turmas são numerosas, e o número de placas, além do ordenamento, revela uma preocupação de concluintes em eternizar o momento vivido.

A Imagem 7 retrata concluintes do curso de Nutrição do ano de 2009. As placas de formatura encontram-se localizadas no Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco), e a imagem representa a placa de formatura de concluintes. Nessa imagem fotográfica, a composição da placa mostra detalhes em inox, fotografias brasão e informações impressas em adesivo e aplicadas ao vidro.

Imagen 7 – Concluintes do Curso de Nutrição (2002/UFPB)



Fonte: Imagem fotografada (dados da pesquisa, 2011)

As imagens fotográficas analisadas mostram coneluítes posando para fotos individuais e coletiva externa. Eles estão ordenados de pé, em cima de degraus de uma escada, com blusa e camisa brancas, calça, blazer e sapatos pretos e gravata cinza claro. Em destaque (círculos pretos), apontamos dois coneluítes que classificamos como negros/as na memória iconográfica.

O curso de Nutrição, da UFPB, apresenta uma média de concorrência de 10,8 candidatos/as por vaga durante os processos seletivos. Por ser um curso de grande demanda social, constatamos que 2,5% se autoclassificaram negros/as, enquanto 3,3% concluintes são negros/as. Nas universidades públicas do Estado da Paraíba, a situação de negros/as difere do que Castro (2005) apresenta em sua pesquisa realizada na Universidade Federal do Mato Grosso. Ele constatou que 10,5% de pretos, no curso de Nutrição, revelaram um aumento no número de negros/as em cursos de grande demanda social na área de saúde.

A Imagem 8 apresenta concluintes do curso de Fisioterapia exposta no Centro de Ciências da Saúde (Bloco de Educação Física e Fisioterapia) mostra que concluintes referentes ao ano de 2006 posam para foto, trajando calça preta e bata branca, ordenados de

pé, em degraus de uma escada, com a finalidade de registrar o momento de formatura para eternizar o término da conclusão de seu curso. Nessa imagem, não identificamos negros/as com base para identificarmos os fenótipos utilizados em nossa pesquisa.

Imagen 8 – Concluintes do Curso de Fisioterapia (2006/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Nos processos seletivos do curso de Fisioterapia da UFPB, a média de concorrência, é de 13,6 candidatos/as por vaga, demonstrando uma grande demanda para este curso. Na UFPB, identificamos 16 placas e 305 concluintes, com um percentual de 1,6% de negros/as nesse curso. Nos dados relacionados à matrícula, 3,9% de candidatos/as/as se classificaram como negros/as. Entretanto, os dados coletados em nossa pesquisa confirmam uma realidade vivida no Brasil e, principalmente, nas universidades onde o acesso é mais difícil, conforme afirma Queiroz (2002, p. 16): “estão entre [negros/as] as maiores proporções de pessoas não alfabetizadas; a participação [de negros/as] no sistema educacional vai diminuindo à medida que aumentamos os anos de escolaridade”.

A Imagem 9 mostra concluintes do curso de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde (Bloco de Educação Física), na qual observamos um modelo de fotografias, imagens e informações impressas em adesivo e aplicadas ao vidro. Com a finalidade de comemorar e tornar o momento de formatura público, concluintes do ano de 2009 posam para fotos individuais e em conjunto em um studio. Estão ordenados numa escada, usando calça, blusa ou camisa pretas, gravata ou echarpe verde e sapatos pretos. Na Imagem 9, em destaque, os

círculos pretos mostram que, de um total de 32 concluintes, identificamos a presença de nove negros/as, sendo sete mulheres e dois homens.

Imagen 9 – Concluintes do Curso de Educação Física (2009/UFPB)



Fonte: Imagem fotografada (dados da pesquisa, 2011)

A presença ou a ausência de negros/as no curso de Educação Física nos surpreendeu. A média de concorrência é de 9,4 candidatos/as por vaga, apresentando um número maior de acesso e permanência de negros/as. Percebemos que 6,8% se autoclassificam como negros/as, enquanto que, em nossa pesquisa *in loco* nas placas, atribuímos o pertencimento étnico-racial de cor negra a 9,1% das imagens fotográficas observadas de concluintes.

É importante salientar que esse foi o maior percentual de negros/as identificado na pesquisa, tanto no processo de autoclassificação quanto na heteroclassificação. Contudo, esse percentual ainda é considerado desigual, se o compararmos com o número de negros/as que ainda não conseguiram ter acesso aos cursos da área de saúde nas universidades públicas.

Queiroz (2002) mostra (in)visibilidade de negros/as em quatro Universidades Públcas Brasileiras: a Universidade Federal da Bahia – UFBA; a Universidade Federal do Maranhão – UFMA; a Universidade Federal do Paraná - UFPR e a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Essa pesquisadora afirma que, durante o desenvolvimento desta pesquisa, os negros/as representavam, na UFBA, 8,1%, na UFMA, 12,1%, na UFPR, 0,9%, e na UFRJ, 2,4%.

Como foco desta análise, escolhemos apenas o curso de Medicina da UFCG por ser o único da área de saúde que possui turmas que já concluíram. A Imagem 10 apresenta a placa de formatura de concluintes desse curso, localizada no Hospital Universitário Alcides Carneiro (Bloco de Aulas – CAESE), na cidade de Campina Grande. Essa placa mostra os concluintes do ano de 2009, trajados com calça e sapato preto, camisa branca ou blusa preta, gravata preta e bata branca, sorrindo, ordenados de pé em um gramado. Nesse tipo de imagem predomina a roupa branca que se repete em muitas outras placas expostas nessa Instituição.

Nessa placa aparece apenas um negro que, à primeira vista, parece misturar aos demais pelo fato de sua cor de sua pele não ser tão escura quanto aos demais colegas. Porém, utilizando os fenótipos, vemos que possui pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora, o que nos conduz a heretoclassificá-lo como negro. Essa imagem, assim como as demais, tem a finalidade de expor o momento de formatura do curso de Medicina.

Imagen 10 – Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFCG)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

A concorrência nos processos seletivos do curso de Medicina (UFCG) apresenta uma média de 28,6 candidatos/as por vaga. Tal panorama caracteriza uma grande demanda da sociedade para o curso mencionado. À luz de alguns pesquisadores, o curso de Medicina é de “alto prestígio” (QUEIROZ (2002); (CASTRO, 2005); (CARVALHO, 2005), constituindo uma barreira para poucos negros/as nele ingressarem. Em nossa pesquisa, identificamos apenas 2,2% de negros/as concluintes desse curso, e 4,6% de alunos/as se autoidentificaram com o pertencimento étnico-racial, demonstrando o acesso e permanência de negros/as em cursos de “alto prestígio” e impedindo a ascensão social desse segmento em nossa sociedade.

Dados ainda mais expressivos foram elencados por outros pesquisadores em cinco Universidades Públicas do Brasil. Castro (2005), por exemplo, apontou 3% de negros/as no curso de Medicina da UFMT, enquanto Queiroz (2002) mostrou uma diferença ainda maior nas regiões do Sul e do Sudeste do país. Na UFPR, nenhum negro ou negra ingressou no curso de Medicina no ano 2000, e na UFRJ, no mesmo ano, apenas 0,6 % eram negros/as.

Aprofundando esta análise, a seletividade de candidatos/as no ensino superior, principalmente no curso de Medicina, segundo Serpa (1992), resultou na criação do sistema educacional, no início do século XX, cuja expansão das vagas nas universidades que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970 não teve a competência para mudar essa característica de manutenção dos privilégios nem para ampliar o acesso de todos os grupos desencadeando um

processo de democratização da participação nas áreas e cursos no interior das universidades públicas. Privilegiou-se grupos bem sucedidos economicamente. “sem priorizar o efeito de outros elementos como a cor e o gênero que, assim como o status, são responsáveis pela exclusão de considerável parcela da população”.

Na UEPB, identificamos cinco cursos (Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física) com apenas cinco turmas já concluídas cuja característica peculiar diz respeito à organização das placas de formatura, as quais se encontram expostas nos blocos onde ocorrem as aulas, separadas por curso, de maneira ordenada, demonstrando preocupação em preservar a memória desses artefatos culturais e, consequentemente, uma parte da memória daquela instituição.

A Imagem 11 mostra os concluintes do curso de Odontologia da UEPB na placa de formatura exposta no CCBS (Bloco de Odontologia) e referente ao ano de 2006. Eles trajam calça e sapatos pretos, camisa branca e/ou blusa preta, gravada preta e bata branca e sorriem, ordenados de pé, em cima dos degraus de uma escada, com a finalidade de registrar a memória do momento da conclusão do curso. Nessa Imagem, dentre 29 concluintes, identificamos apenas uma negra (círculo preto) que se destaca dos demais concluintes pela cor da pele, e isso nos levou a observá-la mais detalhadamente e perceber os fenótipos.

Imagen 11 – Concluintes do Curso de Odontologia (2006/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Em Odontologia, a concorrência média nos processos seletivos foi de 19,7 candidatos/as por vaga, configurando-se um percentual maior do que na UFPB. Dentre aqueles que se autoclassificaram no pertencimento étnico-racial, 4,2% responderam que eram negros/as. Contraditoriamente, em 11 placas expostas e 272 imagens de concluintes, identificamos a presença de apenas 1,5% de negros/as. Ainda sobre a UEPB, os números apontados nos fazem corroborar com Carvalho (2005), que confirma a presença pouco expressiva de acadêmicos negros/as nos quadros das universidades brasileiras. Esse fato nos convoca a produzir conhecimento e reflexão sobre a questão negra.

A Imagem 12 mostra concluintes do curso de Enfermagem dessa Instituição referentes ao ano de 2005. Nas placas de formatura, localizadas no CCBS, os concluintes posam para a imagem fotográfica, usando calça preta, camisa e/ou blusa preta e bata branca. Eles estão sorrindo, ordenados de pé em cima de degraus de uma escada, com o propósito de comemorar e tornar pública a conquista do término do curso. Em destaque, notamos a presença de uma única negra entre 36 concluintes desse curso, destacando-se dos demais, principalmente pela cor da pele escura e por estar no centro da imagem.

Imagen 12 – Concluintes do Curso de Enfermagem (2005/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Enfermagem é o curso mais procurado por candidatos/as que pretendem ingressar na área de saúde da UEPB. A média de concorrência é de 22,3 candidatos/as por vaga. Em 12 placas de formatura expostas no corredor do 1º andar do CCBS/UEPB, identificamos 403 concluintes, dentre 07 (sete) negros/as, representando 1,7% de concluintes desse curso. Porém, ao analisarmos os dados relacionados a autoclassificação de alunos/as, esse percentual eleva-se para 2,2%.

A Imagem 13 apresenta concluintes de Farmácia concernente ao ano de 2004. Usando calça, sapato brancos, camisa e/ou blusa branca, sorrindo, e ordenados sobre os degraus de uma escada, posam para uma fotografia, com o objetivo de celebrar o término do curso. Considerando os fenótipos adotados nesta pesquisa, dentre 20 concluintes desse curso não encontramos negros/as.

Imagen 13 – Concluintes do Curso de Farmácia (2004/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

A concorrência desse curso nos processos seletivos apontou 15,3 candidatos/as por vaga. Isso nos indica que esse curso não é tão procurado por candidatos/as que pretendem neles ingressar. Dos candidatos/as matriculados nesse curso, apenas 1,8% se autoclassificaram como negros/as. Na identificação de negros/as, encontramos 3,7% de concluintes com características correspondentes aos fenótipos negroides. Nos cursos de Farmácia da UEPB e da UFPB encontramos menos de 4% de negros/as em toda a população de concluintes investigada. Sendo assim, esses dados revelam que as universidades paraibanas têm espaços fortemente seletivos e marcados pela desigualdade racial. Como podemos inferir, é certo que negros/as estão em posição de extrema desvantagem e que se configurará como uma desigualdade racial no mercado de trabalho, pois, se não conseguem ingressar nesse curso, dificilmente teremos farmacêuticos negros/as no Estado da Paraíba.

A Imagem 14 apresenta concluintes do curso de Fisioterapia da UEPB, do ano de 2003. Na placa de formatura exposta no CCBS/UEPB, concluintes aparecem trajados de calça e camisa pretas, com nome do curso e da instituição em letras brancas, e todos sorrindo. As mulheres estão em pé, e os homens acocorados nos degraus da escada, expressando a alegria por concluir uma importante etapa de suas vidas. Em destaque, observa-se, em círculo preto, a presença de uma negra entre 19 concluintes. Apesar de ter os cabelos loiros, os demais fenótipos são bem marcantes, razão por que a classificamos como tal.

Imagen 14 – Concluintes do Curso de Fisioterapia (2003/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012).

Essa imagem leva-nos a refletir e a comungar com o pensamento de (GOMES, 2006) ao afirmar que o cabelo de negro, visto como “ruim”, é uma expressão do racismo e da desigualdade racial. Essa postura de rotular o cabelo de negro ou negra como “ruim” e o de branco ou branca como “bom” expressa um conflito. Por isso, ao mudar o cabelo, essas pessoas procuram sair de um lugar de inferioridade, e sua introjeção pode representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Nessa

imagem, apesar de identificá-la como negra, percebemos que a concludente tenta se misturar com os demais. Sua posição, na imagem, induz-nos a não percebê-la como negra, devido à cor do cabelo. Porém, os fenótipos negroides são bem marcantes em sua face.

Prosseguindo a análise, percebemos que a concorrência em Fisioterapia é alta com 21,8 candidatos/as e candidatas por vaga. Porém, os candidatos/as que conseguem adentrar nesse curso, apenas 3,7% autoclassificaram-se como negros/as. Contudo, a classificação apontou que 2,2% de negros/as concluíram esse curso. Do mesmo modo que ocorre no curso de Fisioterapia da UFPB, constatamos que, na UEPB, os percentuais são inexpressivos, demonstrando que negros/as são “invisíveis” nessas instituições. Corroborando com Queiroz (2004), é possível afirmar que nessas instituições há um processo perverso de exclusão com a finalidade de discriminá-los sutil, contínuo e invisível.

A Imagem 15 mostra concludentes do curso de Educação Física, da UEPB, referente ao ano de 2010. Eles aparecem nas placas de formatura, sorrindo e trajando beca e sapatos pretos, em cima de degraus de escada e exibindo alegria e felicidade por terem concluído sua jornada universitária. Em destaque, o círculo preto serve para revelar que, do total de 32 concludentes, apenas três foram caracterizados com base nos fenótipos negroides nesse curso.

Imagen 15 – Concludentes do Curso de Educação Física (2010/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (Dados da pesquisa, 2011)

Este curso caracteriza-se pela alta concorrência por vagas (18,6 candidatos/as por vaga) e um número elevado de negros/as autoclassificados (6,3%) e heteroclassificados (4,2%) dentre os demais cursos dessa Instituição. De modo que evidenciamos um número

maior de negros/as em relação aos demais cursos da área de saúde na UFPB e UEPB, Contudo, os percentuais não podem ser considerados adequados em relação aos dados estatísticos de pesquisas já realizadas, as quais mostram que negros/as são majoritários em nossa sociedade. Além disso, a desigualdade racial em cursos de alto prestígio nas universidades públicas brasileiras afeta negros/as, sobretudo, na Região Nordeste.

Por essa razão, requeremos uma mudança radical nos mecanismos de acesso e permanência desse segmento nas universidades públicas. Concordamos com Gomes (2004, p. 41) na consideração de que “a universidade pública brasileira precisa refletir, em seu interior, sobre a diversidade étnico-racial da população. Essa diversidade precisa estar contemplada nos mais diferentes cursos e não somente nos noturnos”. É preciso, ainda, que essa consciência alcance não só os cursos historicamente elitizados, mas também todos aqueles que compõem as universidades públicas estaduais e federais. É importante lembrar que a concepção de universidade “como modelo de inovação e de integração do país consigo mesmo e com o continente latinoamericano, ainda não absorveu mais que 1% de acadêmicos negros/[as]” (CARVALHO, 2006, p. 21).

Observando esse contexto, os cursos de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia também não podem perder de vista que a apropriação da informação e do conhecimento é a chave para o desenvolvimento de nações, sociedades, das comunidades, grupos e indivíduos. Essa área da informação deve considerar que “indivíduos desprovidos de competências para criar e processar a informação e o conhecimento” (LIMA; SANTIAGO; AQUINO, 2010, p. 79) não terão condições de competir numa sociedade em que a educação superior apresenta níveis altíssimos de exclusão de negros/as em relação ao acesso e permanência nos cursos elitizados de universidades públicas.

É importante ressaltar que as reações contrárias às Políticas de Ações Afirmativas para ingresso de negros/as nas universidades públicas significa trazer à memória a desumanização do povo negro que, durante mais de três séculos de escravidão, contribuiu ricamente para a formação da sociedade brasileira. É importante ressaltar que a implementação e a consolidação dessas políticas são uma das formas de reparação histórica de descendentes de africanos e africanas que, desde o período da Abolição, não obtiveram oportunidades econômicas, educacionais e informacionais em nosso País.

A consolidação dessas políticas nas universidades públicas brasileiras “apresenta-se como importante mecanismo social com características ético-pedagógicas para os diferentes grupos vivenciarem o respeito às diversidades nessa sociedade multicultural” (SILVÉRIO, 2007, p. 21). Sem essas oportunidades, negros/as não poderão competir nas mesmas

condições de igualdades com brancos/as no desenvolvimento dos diversos setores do nosso País. Também não podemos perder de vista que a Constituição Brasileira, em seu artigo 205, reza que o acesso à educação superior é um “direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (FERREIRA, 2011, p. 3).

Desde 2001, algumas universidades públicas brasileiras vêm implementando essas políticas com vistas a promover o acesso de negros/as ao ensino superior “como um importante mecanismo de democratização do acesso ao ensino superior e de ampliação do acesso da juventude negra às universidades” (SILVA et al, 2009, p. 44). Entretanto, nossa pesquisa mostrou que, pelo menos, uma das universidades públicas federais analisadas ainda não assumiu nem discutiu as políticas de ações afirmativas.

No caso da UEPB, os dados levantados sobre a implementação dessas políticas mostram que essa Instituição aplica as cotas sociais para estudantes oriundos de escolas públicas (municipais, estaduais ou federais), sem demonstrar ainda qualquer pretensão de implementar concretamente as cotas raciais. “Esse sistema, entretanto, não permite aferir os resultados da inclusão da juventude negra, uma vez que essa não é uma variável considerada na efetivação da medida” (SILVA et al, 2009, p. 45). Com isso, a (in)visibilidade de negros/as nessa universidade pode ser interpretada como um fato que pouco se nota, raramente se discute, nem se deseja discutir.

Desde a nossa infância até ao ingresso nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, escutamos histórias narradas com personagens belos, inteligentes e brancos. Como relatou Santos (2001), em nosso cotidiano, sempre escutamos que o lado bom da vida não deve ser negro. Certamente, negros/as tem recebido alguns significados pejorativos relacionados a sujo, lúgubre, funesto, sinistro, maldito, perverso, triste, nefando etc. Segundo Hofbauer (2006, p. 407), é uma carga simbólica de procedência Ocidental. Ele enfatiza que: “enquanto o branco tem representado o bem, o bonito, a inocência, o puro, o divino, o negro tem sido associado ao moralmente condenável, ao mal, às trevas, ao diabólico, à culpa”.

Embora o racismo permaneça interditando o acesso e a permanência de negros/as nas universidades públicas, como afirmou o sociólogo Guerreiro Ramos, “o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira” (RAMOS, 1995, p. 219). As universidades públicas, em suas pesquisas, sempre usaram o negro-tema como uma coisa examinada, olhada, vista, “mas

esqueceu que o negro-vida é [...] algo que não se deixa imobilizar" (RAMOS, 1995, p. 219), pois ele resiste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora desta pesquisa levou-nos a analisar as imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais de três universidades públicas do Estado da Paraíba. No decorrer do percurso, operacionalmente propusemo-nos a identificar e selecionar as imagens fotográficas de concluintes desses cursos, conhecer a concorrência de candidatos/as nos processos seletivos desses cursos, identificar o número de negros/as matriculados e analisar a presença/ausência de imagens de negros/as na memória iconográfica, visando à (in)visibilidade do povo negro nas universidades públicas.

O material que constituiu o *corpus* da análise permitiu perceber que o surgimento da fotografia em placas de formatura de universidades públicas do Estado da Paraíba, ocorre no final dos anos 90. Anteriormente, essas placas eram confeccionadas em bronze ou aço metal, com impressão em alto relevo, utilizando-se ácido ou em baixo relevo. Hoje, essas placas trazem outra configuração na utilização de materiais, tais como vidros, adesivos, madeiras, fotografias em papel, materiais como inox, plástico e acrílico. Entretanto, o emprego desses novos materiais tem prejudicado a preservação das imagens fotográficas da memória iconográfica, uma vez que as impressões adesivadas têm uma vida reduzida.

Em decorrência do material utilizado e da exposição ao sol, muitas informações contidas nas placas têm sido apagadas pelas intempéries do tempo e a negligência na higienização. Uma grande parte dessas placas não permitiu a identificação de alguns concluintes porque estavam mofadas, envoltas pelas traças e aranhas ou simplesmente caídas nas paredes dos corredores onde estavam penduradas.

Essa situação das placas de formatura demonstra que não existe um cuidado com a preservação desses artefatos na cultura acadêmica. A preservação da memória iconográfica de concluintes dos cursos da área de saúde permanece esquecida na sociedade da imagem. Assim, é possível afirmar que há mais uma preocupação com a espetacularização das placas de formatura do que com a memória coletiva de concluintes que se formaram e fizeram história nessas instituições públicas ao longo dos anos. Essa questão nos preocupa, como pesquisadora deste estudo e mestrande, durante dois anos, vinculada à linha de pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação do PPGCI/UFPB e profissional da informação, ao constatar que as

informações registradas na maioria dessas placas de formatura, para preservar a memória, estão sendo apagadas. O mais agravante é que se não cuidarem, em um curto espaço de tempo, a memória de concluintes poderá ser extinta da iconografia dessas instituições.

Outro ponto que nos interessa destacar é que as imagens fotográficas da memória iconográfica, dos cursos da área de saúde analisados, ainda não são igualmente distribuídas entre negros/as. Sua (in)visibilidade pode estar relacionada às dificuldades históricas de acesso e permanência aos cursos de alto prestígio, as quais têm sido denunciadas constantemente nos atuais estudos e pesquisas desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras, que assumem uma postura crítica acerca do contexto acadêmico brasileiro e por reivindicações dos movimentos negros.

Esta análise apontou expressivas e consistentes desigualdades raciais no ensino superior, principalmente nos cursos de grande demanda social e elevada concorrência nos processos seletivos. A maioria dos cursos da área de saúde forma profissionais para o desenvolvimento das ciências avançadas no ramo da Genética, Nanotecnologia, Robótica etc. Sem dúvida, negros/as são minoria nos cursos de alto prestígio. Sabemos que o mundo do trabalho carece de mão de obra especializada e gera uma enorme oferta de empregos para profissionais formados na área dos cursos que analisamos.

É verdade que negros/as ainda continuam em desvantagem em relação a brancos/as. O nosso estudo demonstra que a maioria de alunos/as dos cursos analisados são brancos/as, na UFPB e na UFPB, e pardos/as, na UEPB. O maior número de negros/as está nos cursos de Educação Física. Porém, não ultrapassa 6,8%, denotando uma insuficiência de negros/as nos cursos de alto prestígio da área de saúde. Percebemos que, nessas universidades, não há lugar para negros/as, pois, em nenhuma delas, eles representam sequer 10% de alunos/as concluintes.

Outro aspecto importante que não podemos deixar de mencionar se refere à elite dominante que consegue adentrar as universidades. Se os percentuais de negros/as identificados são inexpressivos em relação ao contingente de brancos/as, quantos conseguirão permanecer nelas, manter e ter sucesso em sua profissão? Se os concluintes de Medicina são brancos/as, quem atenderá negros/as?

Dados de pesquisas mostram que homens, mulheres, jovens e crianças não são atendidos qualitativamente. Os cuidados têm sido negligenciados não só no âmbito da saúde, mas também nos âmbitos econômicos, políticos e simbólicos, como observou Muniz Sodré Cabral (1999). Nesse sentido, a formação de médicos/as, odontólogos/as,

nutricionistas, farmacêuticos/as, fisioterapeutas, enfermeiros/as, educadores físicos/as negros/as “é uma necessidade democrática” (CUNHA JÚNIOR, 2003), bem como pesquisadores e orientadores que atendam aos interesses do povo negro nas universidades públicas. Para esse pesquisador, “um país que forma seis mil doutores por ano, menos de 1% é de negros [/as/]”.

As barreiras para implementação das políticas de ações afirmativas impedem o acesso à população menos favorecida na UFCG que podem ser um entrave para a inserção de negros/as em cursos de alto prestígio, como o de Medicina, por exemplo. Em nossa pesquisa, ainda não percebemos se as ações afirmativas implementadas na UFPB e na UEPB, que visam garantir uma igualdade de oportunidades, independentemente de sua cor ou condição social, têm conseguido minimizar as discrepâncias identificadas entre negros/as e brancos/as. Porém, acreditamos que essas ações podem se tornar um importante mecanismo para a mudança do quadro que apresentamos neste estudo.

Do nosso ponto de vista, a presença inexpressiva de negros/as nessas universidades não se resolve apenas com uma ação isolada, mas com políticas públicas que beneficiem a todos os grupos, independentemente de cor, raça ou classe social.

É fato que as universidades públicas paraibanas, especificamente na área de saúde, estão marcadas pela desigualdade racial. Os espaços que deveriam ser de todos e para todos servem a uma elite dominante de cor predominantemente branca. Pesquisadores e pesquisadoras como Queiroz (2004), Carvalho (2006) e Castro (2005) reafirmam a (in)visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde das universidades públicas federais de nosso País.

Com este estudo na área da Ciência da Informação, pretendemos contribuir para dar visibilidade à realidade das universidades públicas da Paraíba, muitas vezes silenciadas e desatentas à problemática do povo negro. O que se espera é que negros/as, igualmente a brancos/as, possam ser devidamente representados na memória de todas as instituições, sobretudo, na memória iconográfica das universidades públicas do estado da Paraíba analisadas nesta dissertação. A memória iconográfica dos cursos da área de saúde carece de uma presença mais representativa de negros/as, pois que as imagens fotográficas de concluintes que aparecem nas placas de formatura demonstram a predominância de brancos/as. E quanto maior a concorrência nos processos seletivos, menos acesso têm negros/as nas universidades públicas da Paraíba, do Nordeste e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO Naomar Monteiro de et al. Social inequality and alcohol consumption-abuse in Bahia, Brazil - interactions of gender, ethnicity and social class. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.**, v. 40, n. 3, p. 214-222, mar. 2005.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o signo da imagem**. 1990. 340 f. Dissertação (Mestrado em História)- Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O ser negro**: a construção de subjetividades em afro-brasileiros. Brasília: LGE Editora, 2008.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A problemática dos indivíduos, suas lutas e conflitos no turbilhão da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 202-221, maio/ago. 2007.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; LIMA, Celly de Brito Acesso e democratização da informação: a construção de identidades afrodescendentes. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 37-43, jan./abr. 2009.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A relação entre informação, memória e patrimônio cultural: o caso das comunidades quilombolas de Alcântara, MA. In: AQUINO, Miriam Albuquerque; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro (Orgs.). **Responsabilidade ético-social das universidades públicas e educação da população negra**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

AZEVEDO, Regina Quintanilha; ISMERIO, Clarisse. Os primeiros passos da experiência com a educação patrimonial no curso de pedagogia da URCAMP – Bagé. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo-RS, **Anais eletrônicos...** São Leopoldo-RS: ANPUH, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Clarice%20Ismerio.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. Le message photographique. **Communications**, n. 1, p. 127-138, 1961.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. Disponível em: http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento_e_branquitude_no_brasil.pdf. Acesso: 12 mar. 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Mémoire et vie**. Paris: PUF, 1975.

_____. **Memória y vida**: textos escogidos por Gilles Deleuze. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 25 abr. 2012.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Reflexões sobre o pensamento fotográfico**: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino. 2. ed. Londrina: UEL, 1999.

CAMPINA Grande. Disponível em: <<http://campinagrande.pb.gov.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **Caminhos universitários**: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CARVALHO, José Jorge. Ações afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico. In: SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **Educação e ações afirmativas**: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: INEP, 2003.

_____. Exclusão racial na universidade brasileira: um caso de ação negativa. In: QUEIROZ, Delcele Mascarenhas (Coord.). **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

_____. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

_____. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dez./fev. 2006 Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/68/08-jose-jorge.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2011.

CARVALHO NETTO, Tânia Maria de Castro; SÁ, Márcia Souto Maior Mourão. Ações afirmativas na universidade pública brasileira: (uma) resposta inclusiva às exclusões. In:

CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra, **Anais...** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2004, p. 1-10.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edmara da Costa. **Identidade e trajetórias de alunos(as) negros da UFMT nos cursos de nutrição, enfermagem e medicina**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

_____. Negros no ensino superior: cor e trajetória escolar de alunos(as) negros dos cursos de medicina, nutrição e enfermagem da UFMT. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu, MG. **Anais eletrônicos...** Caxambu, MG: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/p215.pdf>>. Acesso: 12 nov. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção aprender e ensinar com textos, 12).

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Abolição inacabada e a educação dos afrodescendentes. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 89, out., 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/089/89cunhajr.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

_____. **A formação de pesquisadores negros**. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/17.shtml>>. Acesso: 12 mar. 2012.

CUNHA JUNIOR, Henrique; RAMOS, Maria Estela Rocha. **Espaço urbano e afrodescendência**. Fortaleza: Editora da UFC, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS-DA-COSTA, Juvenal Soares et al. Desigualdades na realização do exame clínico de mama em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 7, p. 1603-1612. 2007.

DICIONÁRIO online de português. **Universidade**. <<http://www.dicio.com.br/universalidade/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

DORNELES, Luciano do Amaral. **A representação nos estudos culturais**: artefatos culturais comunicadores de significados. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-representacao-nos-estudos-culturais-artefatos-culturais-comunicadores-de-significados/45698/#ixzz1ypZpByFX>>. Acesso em 21 jan. 2011.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2007.

FERREIRA, Renato (Coord.). **Ações afirmativas**: a questão das cotas: análises jurídicas de um dos assuntos mais controvertidos da atualidade. Niteroi: Impetus, 2011. [Apresentação].

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GERVEREAU, Laurent. **Ver, compreender, analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Programa ações afirmativas na UFMG: uma proposta corajosa. In: GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Afirmando direitos**: acesso e permanência de jovens negros na universidade. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

_____. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GONDIM, Linda Maria de Pontes (Org.). **Pesquisa em ciências sociais**: o projeto de dissertação de mestrado. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

GONZÁLEZ, José Antônio Moreiro; ARILLO, Jesús Robledano. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Editora Universitária da UFPR, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008. (Preconceitos, 6).

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O. R. C.). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: UNESP, 2006.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de et al. Questão racial e docência: olhares e trajetos. In: PRAXEDES, Vanda Lúcia; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; SOUZA, Anderson Xavier de. **Memórias e percursos de professores negros/as na UFMG**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997.

HIRATA, Marisa Correia. Iconografia e enfermagem? Por que e como? **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/nepae/siteantigo/objn202hirata.htm>>. Acesso em: 16 set. 2011.

IBGE. **Censo demográfico 2000**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 12 mar. 2004.

_____. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=1>. Acesso em: 29 jan. 2011.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS)**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1>. Acesso em: 29 jan. 2011.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOLY, Martine. **A imagem e os signos**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Imagen e sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes**. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

LIMA, Izabel de França; SANTIAGO, Stella Márcia de Moraes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A informação que circula sobre a política de cotas no ensino superior. **Plurais: revista multidisciplinar da UNEB**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 76-91, jan./abr. 2010.

LUIZ, Janailson Macedo; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. Iconografia e livro didático de história: um outro olhar acerca das representações imagéticas sobre as populações negras. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, 13., 2010, Guarabira, PB. **Anais eletrônicos...** Guarabira, PB: UEPB/ANPUH-PB, 2010. Disponível em: <http://www.anpuhp.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%202016%20-20Janailson%20Mac%C3%AAdo%20Luiz%20TC.PDF>. Acesso em: 12 nov. 2011.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007.

MARTELETO, Regina Maria; RIBEIRO, Leila Beatriz. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 57-85, 2001.

MEAD, Margaret. Anthropology and the camera. In: MORGAN, Willard Detering (Ed.). **The encyclopedia of photography**. New York: Greystone, 1963. v. 1. p. 163-164.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo na história. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A travessia da calunga grande**: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637-1899). São Paulo: USP, 2000.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Eurocentrismo**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/eurocentrismo.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare**: Caderno do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

PÉREZ GÓMEZ, Alberto I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Regina Pahim. **Os problemas subjacentes ao processo de classificação da cor da população no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE; 1996.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. São Paulo: EDUSP, 1972.

PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano Brasil 2005**: racismo, pobreza e violência. 2005. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh/rdh2005/rdh2005b_geral.pdf>. Acesso em: 21 maio 2008.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas (Coord.). **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

_____. **Universidade e desigualdade**: brancos e negros no ensino superior. Brasília: Líber Livro, 2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRS, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirlei; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão de literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: MacGraw-Hill, 2006.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTANA, Vanessa Alves. **Memória esquecida**: uma análise do Opac da Biblioteca Central da UFPB. João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: **SEMINÁRIOS REGIONAIS PREPARATÓRIOS PARA CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA**, 2001. Brasília. **Anais...** Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SANTOS, Vilson Pereira. **Escravidão**: castigos sofridos pelos escravos. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/escravidao-castigos-sofridos-pelos-escravos/22470/>>. Acesso em 25 abr. 2012.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 41-62, 1996.

SCHWARTZMAN, Jacques. A seletividade sócio-econômica do vestibular e suas implicações para a política universitária pública. **Educação e seleção**, Fundação Carlos Chagas, n. 19, p. 99-109, 1989.

SERPA, Luiz F. Universidade brasileira centro de excelência ou indigência? **Cadernos Expogeo**, n. 3, p.45-49, 1992.

SILVA, Adailton et al. Entre o racismo e a desigualdade: da constituição à promoção de uma política de igualdade racial (1988-2008). In: JACCOUD, Luciana (Org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: IPEA, 2009.

SILVA, Antonio Ozaí da. A representação do negro na política brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 40, set. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/040/40pol.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008. (Coleção Cultura e Identidades).

SILVA FILHO, João Bernardo da. **Os discursos verbais e iconográficos sobre os negros em livros didáticos de história**. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa: uma política pública que faz a diferença. In: PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da (Orgs.). **O negro na universidade: o direito à inclusão**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Marcos Teixeira de; ROCHA, José Geraldo da. O lugar pertinente ao negro: rudeza e sutileza da memória dominante em Motta Coqueiro ou a pena de morte. **Revista Magistro**, v. 1, n. 1, p. 128-141, 2012.

STEPHANO, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 3.

TELLES, Edward Eric. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

UNGER, Roberto J. G.; FREIRE, Isa Maria. Sistemas de informação e linguagens documentárias no contexto dos regimes de informação: um exercício conceitual. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 102-115, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/349/231>. Acesso em: 05 set. 2009.

VAZ, Paulo Bernardo; MENDONÇA, Ricardo Fabrino; ALMEIDA, Sílvia Capanema Pereira de. Quem é quem nessa história? Iconografia do livro didático. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A – Carta de apresentação

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Prezado (a) Senhor (a),

Sou aluna do mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, matrícula nº 110100169, e estou dissertando sobre a temática étnico-racial, cujo título é **Universidade, Iconografia e Memória: uma análise da (in)visibilidade de negros (as) em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas**, sob orientação da professora Dra. Mirian de Albuquerque Aquino. Nossa objetivo é analisar as imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica das universidades públicas do Estado da Paraíba, tendo como foco as placas de formatura dos Cursos da área de saúde.

Para tanto, estamos coletando dados contidos nos artefatos memorialísticos dispostos nas Universidades Públicas do Estado da Paraíba.

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente.

Cordialmente,

Ana Roberta Sousa Mota
Mestranda PPGCI/CCSA/UFPB
Bibliotecária CRB-15/101 - UFCG/HUAC
Especialista em Gestão de Unidades de Informação - UFPB
Especialista em Gestão Empresarial e de Recursos Humanos - UNP
Contato: (83) 8865-1774, (83) 9625-6449, (83) 2101-5556
E-mail: anarobertamota@hotmail.com

Apêndice B – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico - UEPB

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Eli Brandão

Pró Reitor de Ensino de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestrandona Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos(as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 dos Cursos de: Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física, em Campina Grande/PB, dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros/ negras em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas, sob orientação da professora.**

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com
(83) 8865-1774 / 9625-6449

Apêndice C – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFCG

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Vicemário Simões
Pró Reitor de Ensino da Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestranda Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos(as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 do Curso de Medicina, em Campina Grande/PB dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros (as) em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas**, sob orientação da professora.

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com
(83) 8865-1774 / 9625-6449

Apêndice D – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFPB

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Valdir Barbosa Bezerra
Pró Reitor de Graduação da Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestranda Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos (as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 dos Cursos de: Medicina, Odontologia, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física, em João Pessoa/PB, dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros (as) em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas, sob orientação da professora.**

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com
(83) 8865-1774 / 9625-6449

Apêndice E – Tabela utilizada na coleta dos dados

Universidade	Curso	Centro	Cidade	Local	Período	Alunos (as)	Negros (as)
					2000.1		
					2000.2		
					2001.1		
					2001.2		
					2002.1		
					2002.2		
					2003.1		
					2003.2		
					2004.1		
					2004.2		
					2005.1		
					2005.2		
					2006.1		
					2006.2		
					2007.1		
					2007.2		
					2008.1		
					2008.2		
					2009.1		
					2009.2		
					2010.1		
					2010.2		

Apêndice F – Tabelas sobre o quantitativo de alunos (as) matriculados (as) UFPB e UEPB

Tabela 1 – Raça dos alunos/alunas UFPB

Curso	Raça	Amarela	%Amarela	Branca	%Branca	Indígena	%Indígena	Negra	%Negra	Outra	%Outra	Parda	%Parda	Total
Ed. Física	42	4,2%	557	55,3%	23	2,3%	68	6,8%	1	0,1%	316	31,4%	1007	
Enfermagem	46	4,1%	624	55,4%	7	0,6%	35	3,1%	0	0,0%	415	36,8%	1127	
Farmácia	36	2,6%	946	68,0%	23	1,7%	44	3,2%	2	0,1%	341	24,5%	1392	
Fisioterapia	22	3,9%	348	62,5%	4	0,7%	22	3,9%	1	0,2%	160	28,7%	557	
Medicina	11	1,6%	474	68,1%	2	0,3%	11	1,6%	2	0,3%	196	28,2%	696	
Nutrição	24	3,6%	432	64,4%	5	0,7%	17	2,5%	0	0,0%	193	28,8%	671	
Odontologia	35	4,6%	503	65,4%	0	0,0%	14	1,8%	0	0,0%	217	28,2%	769	
Total	216	3,5%	3884	62,5%	64	1,0%	211	3,4%	6	0,1%	1838	29,6%	6219	

Fonte: tabela gerada a partir de dados fornecidos pela PRG da UFPB, 2012.

Tabela 2 – Raça dos alunos/alunas UEPB

Curso	Raça	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta	Não declarado	Total	% Total	declarado	declarado	Não dispõe da informação	% não dispõe da informação	Total de matrículas
Educação	Física	525	1792	126	3668	420	70	6601	17,57 %	30968	82,43 %	37569		
Enfermagem		175	2002	42	3164	126	98	5607	14,17 %	33957	85,83 %	39564		
Farmácia		660	2904	72	4176	144	72	8028	9,49 %	76608	90,51 %	84636		
Fisioterapia		360	1344	0	2016	144	54	3918	12,60 %	27174	87,40 %	31092		
Odontologia		140	784	96	816	84	72	1992	9,57 %	18816	90,43 %	20808		
Total		1860	8826	336	13840	918	366	26146	12,24 %	187523	87,76 %	213669		

Fonte: tabela gerada a partir de dados fornecidos pela PROEG da UEPB, 2012.

ANEXOS

Anexo A – Tabela áreas do conhecimento CAPES



FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

10000003

CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MATEMÁTICA / PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA

	MATEMÁTICA
10100008	
10101004	ALGEBRA
10101012	CONJUNTOS
10101020	LÓGICA MATEMÁTICA
10101039	TEORIA DOS NÚMEROS
10101047	GRUPO DE ÁLGEBRA NÃO-COMUTATIVA
10101055	ÁLGEBRA COMUTATIVA
10101063	GEOMETRIA ALGÉBRICA
10102000	ANÁLISE
10102019	ANÁLISE COMPLEXA
10102027	ANÁLISE FUNCIONAL
10102035	ANÁLISE FUNCIONAL NÃO-LINEAR
10102043	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS
10102051	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS PARCIAIS
10102060	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS FUNCIONAIS
10103007	GEOMETRIA E TOPOLOGIA
10103015	GEOMETRIA DIFERÊNCIAL
10103023	TOPOLOGIA ALGÉBRICA
10103031	TOPOLOGIA DAS VARIEDADES
10103040	SISTEMAS DINÂMICOS
10103058	TEORIA DAS SINGULARIDADES E TEORIA DAS CATÁSTROFES
10103066	TEORIA DAS FOLHEAÇÕES
10104003	MATEMÁTICA APLICADA
10104011	FÍSICA MATEMÁTICA
10104020	ANÁLISE NUMÉRICA
10104038	MATEMÁTICA DISCRETA E COMBINATÓRIA
10200002	PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
10201017	TEORIA GERAL E FUNDAMENTOS DA PROBABILIDADE
10201025	TEORIA GERAL E PROCESSOS ESTOCÁSTICOS
10201033	TEOREMAS DE LIMITE
10201041	PROCESSOS MARKOVIANOS
10201050	ANÁLISE ESTOCÁSTICA
10201068	PROCESSOS ESTOCÁSTICOS ESPECIAIS
10202005	ESTATÍSTICA
10202013	FUNDAMENTOS DA ESTATÍSTICA
10202021	INFERÊNCIA PARAMÉTRICA
10202030	INFERÊNCIA NÃO-PARAMÉTRICA
10202048	INFERÊNCIA EM PROCESSOS ESTOCÁSTICOS

10202056	ANÁLISE MULTIVARIADA
10202064	REGRESSÃO E CORRELAÇÃO
10202072	PLANEJAMENTO DE EXPERIMENTOS
10202080	ANÁLISE DE DADOS
10203001	PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA APLICADAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

10300007

CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

10301003	TEORIA DA COMPUTAÇÃO
10301011	COMPUTABILIDADE E MODELOS DE COMPUTAÇÃO
10301020	LINGUAGEM FORMAIS E AUTÔMATOS
10301038	ANÁLISE DE ALGORÍTMOS E COMPLEXIDADE DE COMPUTAÇÃO
10301046	LÓGICAS E SEMÂNTICA DE PROGRAMAS
10302000	MATEMÁTICA DA COMPUTAÇÃO
10302018	MATEMÁTICA SIMBÓLICA
10302026	MODELOS ANALÍTICOS E DE SIMULAÇÃO
10303006	METODOLOGIA E TÉCNICAS DA COMPUTAÇÃO
10303014	LINGUAGENS DE PROGRAMAÇÃO
10303022	ENGENHARIA DE SOFTWARE
10303030	BANCO DE DADOS
10303049	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
10303057	PROCESSAMENTO GRÁFICO (GRAPHICS)
10304002	SISTEMA DE COMPUTAÇÃO
10304010	HARDWARE
10304029	ARQUITETURA DE SISTEMAS DE COMPUTAÇÃO
10304037	SOFTWARE BÁSICO
10304045	TELEINFORMÁTICA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ASTRONOMIA / FÍSICA

10400001

ASTRONOMIA

10401008	ASTRONOMIA DE POSIÇÃO E MECÂNICA CELESTE
10401016	ASTRONOMIA FUNDAMENTAL
10401024	ASTRONOMIA DINÂMICA
10402004	ASTROFÍSICA ESTELAR
10403000	ASTROFÍSICA DO MEIO INTERESTELAR
10403019	MEIO INTERESTELAR
10403027	NEBULOSA
10404007	ASTROFÍSICA EXTRAGALÁTICA
10404015	GALÁXIAS
10404023	AGLOMERADOS DE GALÁXIAS
10404031	QUASARES
10404040	COSMOLOGIA
10405003	ASTROFÍSICA DO SISTEMA SOLAR
10405011	FÍSICA SOLAR
10405020	MOVIMENTO DA TERRA
10405038	SISTEMA PLANETÁRIO
10406000	INSTRUMENTAÇÃO ASTRONÔMICA
10406018	ASTRONOMIA ÓTICA
10406026	RADIOASTRONOMIA
10406034	ASTRONOMIA ESPACIAL
10406042	PROCESSAMENTO DE DADOS ASTRONÔMICOS

1050006	FÍSICA
10501002	FÍSICA GERAL
10501010	MÉTODOS MATEMÁTICOS DA FÍSICA
10501029	FÍSICA CLÁSSICA E FÍSICA QUÂNTICA; MECÂNICA E CAMPOS
10501037	RELATIVIDADE E GRAVITAÇÃO
10501045	FÍSICA ESTATÍSTICA E TERMODINÂMICA
10501053	METROLOGIA, TECN. GER. DE LAB. E SIST. DE INSTRUMENTAÇÃO
10501061	INSTRUMENTAÇÃO ESPECÍFICA DE USO GERAL EM FÍSICA
10502009	ÁREAS CLÁSSICAS DE FENOMENOLOGIA E SUAS APLICAÇÕES
10502017	ELETRICIDADE E MAGNETISMO; CAMPOS E PARTÍCULAS CARREGADAS
10502025	ÓTICA
10502033	ACÚSTICA
10502041	TRANSFERÊNCIA DE CALOR; PROCESSOS TÉRMICOS E TERMODINÂMICOS
10502050	MECÂNICA, ELASTICIDADE E REOLOGIA
10502068	DINÂMICA DOS FLUIDOS
10503005	FÍSICA DAS PARTÍCULAS ELEMENTARES E CAMPOS
10503013	TEORIA GERAL DE PARTÍCULAS E CAMPOS
10503021	TEOR.ESP.E MOD.DE INTERAÇÃO; SIST.DE PARTÍCULAS; R.CÓSMICOS
10503030	REAÇÕES ESPECÍFICAS E FENOMIOLOGIA DE PARTÍCULAS
10503048	PROPRIEDADES DE PARTÍCULAS ESPECÍFICAS E RESSONÂNCIAS
10504001	FÍSICA NUCLEAR
10504010	ESTRUTURA NUCLEAR
10504028	DESINTEGRAÇÃO NUCLEAR E RADIOATIVIDADE
10504036	REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO GERAL
10504044	REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO (REAÇÕES ESPECÍFICAS)
10504052	PROPRIEDADES DE NÚCLEOS ESPECÍFICOS
10504060	MET.EXPER.E INSTRUMENT.PARA PART.ELEMENT.E FÍSICA NUCLEAR
10505008	FÍSICA ATÔMICA E MOLECULAR
10505016	ESTRUTURA ELETRÔNICA DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS; TEORIA
10505024	ESPECTROS ATÔMICOS E INTEGRAÇÃO DE FÓTONS
10505032	ESPECTROS MOLECUL. E INTERAÇÕES DE FÓTONS COM MOLÉCULAS
10505040	PROCESSOS DE COLISÃO E INTERAÇÕES DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS
10505059	INF.SOB.ATOM.E MOL.OBIT.EXPERIMENTALMENTE; INST.E TÉCNICAS
10505067	ESTUDOS DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS ESPECIAIS
10506004	FÍSICA DOS FLÚIDOS, FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS
10506012	CINÉTICA E TEOR.DE TRANSP.DE FLÚIDOS; PROPRIED.FIS.DE GASES
10506020	FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS
10507000	FÍSICA DA MATÉRIA CONDENSADA
10507019	ESTRUTURA DE LÍQUIDOS E SÓLIDOS; CRISTALOGRAFIA
10507027	PROPRIEDADES MECÂNICAS E ACÚSTICAS DA MATÉRIA CONDENSADA
10507035	DINÂMICA DA REDE E ESTATÍSTICA DE CRISTAIS
10507043	EQUAÇÃO DE ESTADO, EQUILIB. DE FASES E TRANSIÇÕES DE FASES
10507051	PROPRIEDADES TÉRMICAS DA MATÉRIA CONDENSADA
10507060	PROPRIEDADES DE TRANSP.DE MATÉRIA COND. (NÃO ELETRÔNICAS)
10507078	CAMPOS QUÂNTICOS E SÓLIDOS, HÉLIO, LÍQUIDO, SÓLIDO
10507086	SUPERFÍCIES E INTERFACES; PELÍCULAS E FILAMENTOS
10507094	ESTADOS ELETRÔNICOS
10507108	TRANSP.ELETR.E PROPR.ELET.DE SUPERFÍCIES; INTERF.E PELÍCULAS
10507116	ESTRUT.ELETR.E PROPR.ELET.DE SUPERFÍCIES; INTERF.E PELÍCULAS
10507124	SUPERCONDUTIVIDADE
10507132	MATERIAIS MAGNÉTICOS E PROPRIEDADES MAGNÉTICAS

10507140 RESS.MAGN. REL.MAT.COND.; EFEIT.MOSBAUER; CORR.ANG.PERTUBADA
 10507159 MATERIAIS DIELÉTRICOS E PROPRIEDADES DIELÉTRICAS
 10507167 PROP.OTIC.E ESPEC.MATR.COND.; OUTRAS INTER.MAT.COM RAD.PART.
 10507175 EMISSÃO ELETRON.E IÔNICA POR LIQ.E SÓLIDOS; FENOM.DE IMPACTO

ÁREA DE AVALIAÇÃO: QUÍMICA

10600000	QUÍMICA
10601007	QUÍMICA ORGÂNICA
10601015	ESTRUTURA, CONFORMAÇÃO E ESTEREOQUÍMICA
10601023	SÍNTESE ORGÂNICA
10601031	FÍSICO-QUÍMICA ORGÂNICA
10601040	FOTOQUÍMICA ORGÂNICA
10601058	QUÍMICA DOS PRODUTOS NATURAIS
10601066	EVOLUÇÃO, SISTEMÁTICA E ECOLOGIA QUÍMICA
10601074	POLÍMERO E COLÓIDES
10602003	QUÍMICA INORGÂNICA
10602011	CAMPOS DE COORDENAÇÃO
10602020	NÃO-METAIS E SEUS COMPOSTOS
10602038	COMPOSTOS ORGANO-METÁLICOS
10602046	DETERMINAÇÃO DE ESTRUTURAS DE COMPOSTOS INORGÂNICOS
10602054	FOTO-QUÍMICA INORGÂNICA
10602062	FÍSICO QUÍMICA INORGÂNICA
10602070	QUÍMICA BIO-INORGÂNICA
10603000	FÍSICO-QUÍMICA
10603018	CINÉTICA QUÍMICA E CATALISE
10603026	ELETROQUÍMICA
10603034	ESPECTROSCOPIA
10603042	QUÍMICA DE INTERFACES
10603050	QUÍMICA DO ESTADO CONDENSADO
10603069	QUÍMICA NÚCLEAR E RADIOQUÍMICA
10603077	QUÍMICA TEÓRICA
10603085	TERMODINÂMICA QUÍMICA
10604006	QUÍMICA ANALÍTICA
10604014	SEPARAÇÃO
10604022	MÉTODOS ÓTICOS DE ANÁLISE
10604030	ELETROANALÍTICA
10604049	GRAVIMETRIA
10604057	TITIMETRIA
10604065	INSTRUMENTAÇÃO ANALÍTICA
10604073	ANÁLISE DE TRAÇOS E QUÍMICA AMBIENTAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: GEOCIÊNCIAS

10700005	GEOCIÊNCIAS
10701001	GEOLOGIA
10701010	MINERALOGIA
10701028	PETROLOGIA
10701036	GEOQUÍMICA
10701044	GEOLOGIA REGIONAL
10701052	GEOTECTÔNICA
10701060	GEOCRONOLOGIA
10701079	CARTOGRAFIA GEOLÓGICA

10701087	METALOGENIA
10701095	HIDROGEOLOGIA
10701109	PROSPECÇÃO MINERAL
10701117	SEDIMENTOLOGIA
10701125	PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA
10701133	ESTRATIGRAFIA
10701141	GEOLOGIA AMBIENTAL
10702008	GEOFÍSICA
10702016	GEOMAGNETISMO
10702024	SISMOLOGIA
10702032	GEOTERMIA E FLUXO TÉRMICO
10702040	PROPRIEDADES FÍSICAS DAS ROCHAS
10702059	GEOFÍSICA NUCLEAR
10702067	SENSORIAMENTO REMOTO
10702075	AERONOMIA
10702083	DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTAÇÃO GEOFÍSICA
10702091	GEOFÍSICA APLICADA
10702105	GRAVIMETRIA
10703004	METEOROLOGIA
10703012	METEOROLOGIA DINÂMICA
10703020	METEOROLOGIA SINÓTICA
10703039	METEOROLOGIA FÍSICA
10703047	QUÍMICA DA ATMOSFERA
10703055	INSTRUMENTAÇÃO METEOROLÓGICA
10703063	CLIMATOLOGIA
10703071	MICROMETEOROLOGIA
10703080	SENSORIAMENTO REMOTO DA ATMOSFERA
10703098	METEOROLOGIA APLICADA
10704000	GEODÉSIA
10704019	GEODÉSIA FÍSICA
10704027	GEODÉSIA GEOMÉTRICA
10704035	GEODÉSIA CELESTE
10704043	FOTOGRAMETRIA
10704051	CARTOGRAFIA BÁSICA
10705007	GEOGRAFIA FÍSICA
10705015	GEOMORFOLOGIA
10705023	CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA
10705031	PEDOLOGIA
10705040	HIDROGEOGRAFIA
10705058	GEOECOLOGIA
10705066	FOTOGEOGRAFIA (FÍSICO-ECOLÓGICA)
10705074	GEOCARTOGRAFIA
10802002	OCEANOGRÁFIA FÍSICA
10802010	VARIÁVEIS FÍSICAS DA ÁGUA DO MAR
10802029	MOVIMENTO DA ÁGUA DO MAR
10802037	ORIGEM DAS MASSAS DE ÁGUA
10802045	INTERAÇÃO DO OCEANO COM O LEITO DO MAR
10802053	INTERAÇÃO DO OCEANO COM A ATMOSFERA
10803009	OCEANOGRÁFIA QUÍMICA
10803017	PROPRIEDADES QUÍMICAS DA ÁGUA DO MAR
10803025	INTER.QUÍM.-BIOL./GEOL.DAS SUBST. QUIM.DA ÁGUA DO MAR
10804005	OCEANOGRÁFIA GEOLÓGICA

10804013	GEOMORFOLOGIA SUBMARINA
10804021	SEDIMENTOLOGIA MARINHA
10804030	GEOFÍSICA MARINHA
10804048	GEOQUÍMICA MARINHA

20000006**CIÊNCIAS BIOLÓGICAS****ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I****10800000****OCEANOGRÁFIA**

10801006	OCEANOGRÁFIA BIOLÓGICA
10801014	INTER. ENTRE OS ORGAN. MARINHOS E OS PARÂMETROS AMBIENTAIS

20100000**BIOLOGIA GERAL****20200005****GENÉTICA**

20201001	GENÉTICA QUANTITATIVA
20202008	GENÉTICA MOLECULAR E DE MICROORGANISMOS
20203004	GENÉTICA VEGETAL
20204000	GENÉTICA ANIMAL
20205007	GENÉTICA HUMANA E MÉDICA
20206003	MUTAGENÉSE

20300000**BOTÂNICA**

20301006	PALEOBOTÂNICA
20302002	MORFOLOGIA VEGETAL
20302010	MORFOLOGIA EXTERNA
20302029	CITOLOGIA VEGETAL
20302037	ANATOMIA VEGETAL
20302045	PALINOLOGIA
20303009	FISIOLOGIA VEGETAL
20303017	NUTRIÇÃO E CRESCIMENTO VEGETAL
20303025	REPRODUÇÃO VEGETAL
20303033	ECOFISIOLOGIA VEGETAL
20304005	TAXONOMIA VEGETAL
20304013	TAXONOMIA DE CRIPTÓGAMOS
20304021	TAXONOMIA DE FANEROGAMOS
20305001	FITOGEOGRAFIA
20306008	BOTÂNICA APLICADA

20400004**ZOOLOGIA**

20401000	PALEOZOOLOGIA
20402007	MORFOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES
20403003	FISIOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES
20404000	COMPORTAMENTO ANIMAL
20405006	TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES
20406002	ZOOLOGIA APLICADA
20406010	CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES ANIMAIS
20406029	UTILIZAÇÃO DOS ANIMAIS
20406037	CONTROLE POPULACIONAL DE ANIMAIS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II

2060003	MORFOLOGIA
2060100	CITOLOGIA E BIOLOGIA CELULAR
20602006	EMBRIOLOGIA
20603002	HISTOLOGIA
20604009	ANATOMIA
20604017	ANATOMIA HUMANA
20604025	ANATOMIA ANIMAL
2070008	FISIOLOGIA
20701004	FISIOLOGIA GERAL
20702000	FISIOLOGIA DOS ÓRGÃOS E SISTEMAS
20702019	NEUROFISIOLOGIA
20702027	FISIOLOGIA CARDIOVASCULAR
20702035	FISIOLOGIA DA RESPIRAÇÃO
20702043	FISIOLOGIA RENAL
20702051	FISIOLOGIA ENDÓCRINA
20702060	FISIOLOGIA DA DIGESTÃO
20702078	CINESIOLOGIA
20703007	FISIOLOGIA DO ESFORÇO
20704003	FISIOLOGIA COMPARADA
2080002	BIOQUÍMICA
20801009	QUÍMICA DE MACROMOLÉCULAS
20801017	PROTEÍNAS
20801025	LIPÍDEOS
20801033	GLICÍDEOS
20802005	BIOQUÍMICA DOS MICROORGANISMOS
20803001	METABOLISMO E BIOENERGÉTICA
20804008	BIOLOGIA MOLECULAR
20805004	ENZIMOLOGIA
2090007	BIOFÍSICA
20901003	BIOFÍSICA MOLECULAR
20902000	BIOFÍSICA CELULAR
20903006	BIOFÍSICA DE PROCESSOS E SISTEMAS
20904002	RADIOLOGIA E FOTOBIOLOGIA
2100000	FARMACOLOGIA
21001006	FARMACOLOGIA GERAL
21001014	FARMACOCINÉTICA
21001022	BIODISPONIBILIDADE
21002002	FARMACOLOGIA AUTONÔMICA
21003009	NEUROPSICOFARMACOLOGIA
21004005	FARMACOLOGIA CARDIORENAL
21005001	FARMACOLOGIA BIOQUÍMICA E MOLECULAR
21006008	ETNOFARMACOLOGIA
21007004	TOXICOLOGIA
21008000	FARMACOLOGIA CLÍNICA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III**21100004 IMUNOLOGIA**

- 21101000 IMUNOQUÍMICA
21102007 IMUNOLOGIA CELULAR
21103003 IMUNOGENÉTICA
21104000 IMUNOLOGIA APLICADA

21200009 MICROBIOLOGIA

- 21201005 BIOLOGIA E FISIOLOGIA DOS MICROORGANISMOS
21201013 VIROLOGIA
21201021 BACTERIOLOGIA
21201030 MICOLOGIA
21202001 MICROBIOLOGIA APLICADA
21202010 MICROBIOLOGIA MÉDICA
21202028 MICROBIOLOGIA INDUSTRIAL E DE FERMENTAÇÃO

21300003 PARASITOLOGIA

- 21301000 PROTOZOOLOGIA DE PARASITOS
21301018 PROTOZOOLOGIA PARASITÁRIA HUMANA
21301026 PROTOZOOLOGIA PARASITÁRIA ANIMAL
21302006 HELMINTOLOGIA DE PARASITOS
21302014 HELMINTOLOGIA HUMANA
21302022 HELMINTOLOGIA ANIMAL
21303002 ENTOMOLOGIA E MALACOLOGIA DE PARASITOS E VETORES

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE

20500009

ECOLOGIA

- 20501005 ECOLOGIA TEÓRICA
- 20502001 ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS
- 20503008 ECOLOGIA APLICADA

30000009

ENGENHARIAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS I

30100003

ENGENHARIA CIVIL

- 30101000 CONSTRUÇÃO CIVIL
- 30101018 MATERIAIS E COMPONENTES DE CONSTRUÇÃO
- 30101026 PROCESSOS CONSTRUTIVOS
- 30101034 INSTALAÇÕES PREDIAIS
- 30102006 ESTRUTURAS
- 30102014 ESTRUTURAS DE CONCRETO
- 30102022 ESTRUTURAS DE MADEIRAS
- 30102030 ESTRUTURAS METÁLICAS
- 30102049 MECÂNICA DAS ESTRUTURAS
- 30103002 GEOTÉCNICA
- 30103010 FUNDAÇÕES E ESCAVAÇÕES
- 30103029 MECÂNICAS DAS ROCHAS
- 30103037 MECÂNICA DOS SOLOS
- 30103045 OBRAS DE TERRA E ENROCAMENTO
- 30103053 PAVIMENTOS
- 30104009 ENGENHARIA HIDRÁULICA
- 30104017 HIDRÁULICA
- 30104025 HIDROLOGIA
- 30105005 INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES
- 30105013 AEROPORTOS; PROJETO E CONSTRUÇÃO
- 30105021 FERROVIAS; PROJETOS E CONSTRUÇÃO
- 30105030 PORTOS E VIAS NAVEGÁVEIS; PROJETO E CONSTRUÇÃO
- 30105048 RODOVIAS; PROJETO E CONSTRUÇÃO

30700000

ENGENHARIA SANITÁRIA

- 30701007 RECURSOS HÍDRICOS
- 30701015 PLANEJAMENTO INTEGRADO DOS RECURSOS HÍDRICOS
- 30701023 TECNOLOGIA E PROBLEMAS SANITÁRIOS DE IRRIGAÇÃO
- 30701031 ÁGUAS SUBTERRÂNEAS E POÇOS PROFUNDOS
- 30701040 CONTROLE DE ENCHENTES E DE BARRAGENS
- 30701058 SEDIMENTOLOGIA
- 30702003 TRATAMENTO DE ÁGUAS DE ABASTECIMENTO E RESIDUÁRIAS
- 30702011 QUÍMICA SANITÁRIA
- 30702020 PROCESSOS SIMPLIFICADOS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
- 30702038 TÉCNICAS CONVENCIONAIS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
- 30702046 TÉCNICAS AVANÇADAS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS

30702054	ESTUDOS E CARACTERIZAÇÃO DE EFLUENTES INDUSTRIAS
30702062	LAY OUT DE PROCESSOS INDUSTRIAS
30702070	RESÍDUOS RADIOATIVOS
30702078	TÉCNICAS CONVENCIONAIS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
30703000	SANEAMENTO BÁSICO
30703018	TÉCNICAS DE ABASTECIMENTO DA ÁGUA
30703026	DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUÁRIAS
30703034	DRENAGEM URBANA DE ÁGUAS PLUVIAIS
30703042	RESÍDUOS SÓLIDOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAS
30703050	LIMPEZA PÚBLICA
30703069	INSTALAÇÕES HIDRÁULICO-SANITÁRIAS
30704006	SANEAMENTO AMBIENTAL
30704014	ECOLOGIA APLICADA À ENGENHARIA SANITÁRIA
30704022	MICROBIOLOGIA APLICADA E ENGENHARIA SANITÁRIA
30704030	PARASITOLOGIA APLICADA À ENGENHARIA SANITÁRIA
30704049	QUALIDADE DO AR, DAS ÁGUAS E DO SOLO
30704057	CONTROLE DA POLUIÇÃO
30704065	LEGISLAÇÃO AMBIENTAL

31000002**ENGENHARIA DE TRANSPORTES**

31001009	PLANEJAMENTO DE TRANSPORTES
31001017	PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE TRANSPORTE
31001025	ECONOMIA DOS TRANSPORTES
31002005	VEÍCULOS E EQUIPAMENTOS DE CONTROLE
31002013	VIAS DE TRANSPORTE
31002021	VEÍCULOS DE TRANSPORTES
31002030	ESTAÇÃO DE TRANSPORTE
31002048	EQUIPAMENTOS AUXILIARES E CONTROLES
31003001	OPERAÇÕES DE TRANSPORTES
31003010	ENGENHARIA DE TRÁFEGO
31003028	CAPACIDADE DE VIAS DE TRANSPORTE
31003036	OPERAÇÃO DE SISTEMAS DE TRANSPORTE

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS II**30200008****ENGENHARIA DE MINAS**

30201004	PESQUISA MINERAL
30201012	CARACTERIZAÇÃO DO MINÉRIO
30201020	DIMENSIONAMENTO DE JAZIDAS
30202000	LAVRA
30202019	LAVRA A CÉU ABERTO
30202027	LAVRA DE MINA SUBTERRÂNEA
30202035	EQUIPAMENTOS DE LAVRA
30203007	TRATAMENTO DE MINÉRIOS
30203015	MÉTODOS DE CONCENTRAÇÃO E ENRIQUECIMENTOS DE MINÉRIOS
30203023	EQUIPAMENTOS DE BENEFICIAMENTO DE MINÉRIOS

30300002**ENGENHARIA DE MATERIAIS E METALÚRGICA**

30301009	INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS
30301017	INSTALAÇÕES METALÚRGICAS
30301025	EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS

30302005	METALURGIA EXTRATIVA
30302013	AGLOMERAÇÃO
30302021	ELETROMETALURGIA
30302030	HIDROMETALURGIA
30302048	PIROMETALURGIA
30302056	TRATAMENTO DE MINÉRIOS
30303001	METALURGIA DE TRANSFORMAÇÃO
30303010	CONFORMAÇÃO MECÂNICA
30303028	FUNDIÇÃO
30303036	METALURGIA DE PÓ
30303044	RECOBRIMENTOS
30303052	SOLDAGEM
30303060	TRATAMENTO TÉRMICO, MECÂNICOS E QUÍMICOS
30303079	USINAGEM
30304008	METALURGIA FÍSICA
30304016	ESTRUTURA DOS METAIS E LIGAS
30304024	PROPRIEDADES FÍSICAS DOS METAIS E LIGAS
30304032	PROPRIEDADES MECÂNICAS DOS METAIS E LIGAS
30304040	TRANSFORMAÇÃO DE FASES
30304059	CORROSÃO
30305004	MATERIAIS NÃO-METÁLICOS
30305012	EXTRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE MATERIAIS
30305020	CERÂMICOS
30305039	MATERIAIS CONJUGADOS NÃO-METÁLICOS
30305047	POLÍMERO, APLICAÇÕES

30600006	ENGENHARIA QUÍMICA
30601002	PROCESSOS INDUSTRIAS DE ENGENHARIA QUÍMICA
30601010	PROCESSOS BIOQUÍMICOS
30601029	PROCESSOS ORGÂNICOS
30601037	PROCESSOS INORGÂNICOS
30602009	OPERAÇÕES INDUSTRIAS E EQUIPAMENTOS PARA ENG. QUÍMICA
30602017	REATORES QUÍMICOS
30602025	OPERAÇÕES CARACTERÍSTICAS DE PROCESSOS BIOQUÍMICOS
30602033	OPERAÇÕES DE SEPARAÇÃO E MISTURA
30603005	TECNOLOGIA QUÍMICA
30603013	BALANÇOS GLOBAIS DE MATÉRIA E ENERGIA
30603021	ÁGUA
30603030	ÁLCOOL
30603048	ALIMENTOS
30603056	BORRACHAS
30603064	CARVÃO
30603072	CERÂMICA
30603080	CIMENTO
30603099	COURO
30603102	DETERGENTES
30603110	FERTILIZANTES
30603129	MEDICAMENTOS
30603137	METAIS NÃO-FERROSOS
30603145	ÓLEOS
30603153	PAPEL E CELULOSE
30603161	PETRÓLEO E PETROQUÍMICA

30603170	POLÍMEROS
30603188	PRODUTOS NATURAIS
30603196	TÉXTEIS
30603200	TRATAMENTOS E APROVEITAMENTOS DE REJEITOS
30603218	XISTO
30900000	ENGENHARIA NUCLEAR
30901006	APLICAÇÕES DE RADIOISÓTOPOS
30901014	PRODUÇÃO DE RADIOISÓPOTOS
30901022	APLICAÇÕES INDUSTRIAS DE RADIOISÓPOTOS
30901030	INSTRUMENTAÇÃO PARA MEDIDA E CONTROLE DE RADIAÇÃO
30902002	FUSÃO CONTROLADA
30902010	PROCESSOS INDUSTRIAS DA FUSÃO CONTROLADA
30902029	PROBLEMAS TECNOLÓGICOS DA FUSÃO CONTROLADA
30903009	COMBUSTÍVEL NÚCLEAR
30903017	EXTRAÇÃO DE COMBUSTÍVEL NÚCLEAR
30903025	CONVERSÃO, ENRIQUECIMENTO E FABRICAÇÃO DE COMBUST. NÚCLEAR
30903033	REPROCESSAMENTO DO COMBUSTÍVEL NÚCLEAR
30903041	REJEITOS DE COMBUSTÍVEL NÚCLEAR
30904005	TECNOLOGIA DOS REATORES
30904013	NÚCLEO DO REATOR
30904021	MATERIAIS NUCLEARES E BLINDAGEM DE REATORES
30904030	TRANSFERÊNCIA DE CALOR EM REATORES
30904048	GERAÇÃO E INTEGRAÇÃO COM SISTEMAS ELÉTRICOS EM REATORES
30904056	INSTRUMENTAÇÃO PARA OPERAÇÃO E CONTROLE DE REATORES
30904064	SEGURANÇA, LOCALIZAÇÃO E LICENCIAMENTO DE REATORES
30904072	ASPECTOS ECONÔMICOS DE REATORES

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS III

30500001	ENGENHARIA MECÂNICA
30501008	FENÔMENOS DE TRANSPORTES
30501016	TRANSFERÊNCIA DE CALOR
30501024	MECÂNICA DOS FLUÍDOS
30501032	DINÂMICA DOS GASES
30501040	PRINCÍPIOS VARIACIONAIS E MÉTODOS NUMÉRICOS
30502004	ENGENHARIA TÉRMICA
30502012	TERMODINÂMICA
30502020	CONTROLE AMBIENTAL
30502039	APROVEITAMENTO DA ENERGIA
30503000	MECÂNICA DOS SÓLIDOS
30503019	MECÂNICA DOS CORPOS SÓLIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS
30503027	DINÂMICA DOS CORPOS RÍGIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS
30503035	ANÁLISE DE TENSÕES
30503043	TERMOELASTICIDADE
30504007	PROJETOS DE MÁQUINAS
30504015	TEORIA DOS MECANISMOS
30504023	ESTÁTICA E DINÂMICA APLICADA
30504031	ELEMENTOS DE MÁQUINAS
30504040	FUNDAMENTOS GERAIS DE PROJETOS DAS MÁQUINAS
30504058	MÁQUINAS, MOTORES E EQUIPAMENTOS
30504066	MÉTODOS DE SÍNTESE E OTIMIZAÇÃO APLICADOS AO PROJ. MECÂNICO

30504074	CONTROLE DE SISTEMAS MECÂNICOS
30504082	APROVEITAMENTO DE ENERGIA
30505003	PROCESSOS DE FABRICAÇÃO
30505011	MATRIZES E FERRAMENTAS
30505020	MÁQUINAS DE USINAGEM E CONFORMAÇÃO
30505038	CONTROLE NUMÉRICO
30505046	ROBOTIZAÇÃO
30505054	PROCESSOS DE FABRICAÇÃO, SELEÇÃO ECONÔMICA

30800005 ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

30801001	GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
30801010	PLANEJAMENTO DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
30801028	PLANEJAMENTO, PROJETO E CONTROLE DE SIST. DE PRODUÇÃO
30801036	HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO
30801044	SUPRIMENTOS
30801052	GARANTIA DE CONTROLE DE QUALIDADE
30802008	PESQUISA OPERACIONAL
30802016	PROCESSOS ESTOCÁSTICOS E TEORIAS DAS FILAS
30802024	PROGRAMAÇÃO LINEAR, NÃO-LINEAR, MISTA E DINÂMICA
30802032	SÉRIES TEMPORAIS
30802040	TEORIA DOS GRAFOS
30802059	TEORIA DOS JOGOS
30803004	ENGENHARIA DO PRODUTO
30803012	ERGONOMIA
30803020	METODOLOGIA DE PROJETO DO PRODUTO
30803039	PROCESSOS DE TRABALHO
30803047	GERÊNCIA DO PROJETO E DO PRODUTO
30803055	DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO
30804000	ENGENHARIA ECONÔMICA
30804019	ESTUDO DE MERCADO
30804027	LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL
30804035	ANÁLISE DE CUSTOS
30804043	ECONOMIA DE TECNOLOGIA
30804051	VIDA ECONÔMICA DOS EQUIPAMENTOS
30804060	AVALIAÇÃO DE PROJETOS

31100007 ENGENHARIA NAVAL E OCEÂNICA

31101003	HIDRODINÂMICA DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS
31101011	RESISTÊNCIA HIDRODINÂMICA
31101020	PROPULSÃO DE NAVIOS
31102000	ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICAS
31102018	ANÁLISE TEÓRICA E EXPERIMENTAL DE ESTRUTURA
31102026	DINÂMICA ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA
31102034	SÍNTese ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA
31103006	MÁQUINAS MARÍTIMAS
31103014	ANÁLISE DE SISTEMAS PROPULSORES
31103022	CONTROLE E AUTOMAÇÃO DE SISTEMAS PROPULSORES
31103030	EQUIPAMENTOS AUXILIARES DO SISTEMA PROPULSIVO
31103049	MOTOR DE PROPULSÃO
31104002	PROJETOS DE NAVIOS E DE SISTEMAS OCEÂNICOS
31104010	PROJETOS DE NAVIOS
31104029	PROJETOS DE SISTEMAS OCEÂNICOS FIXOS E SEMI-FIXOS

31104037	PROJETOS DE EMBARCAÇÕES NÃO-CONVENCIONAIS
31105009	TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL E DE SISTEMAS OCEÂNICOS
31105017	MÉTODOS DE FABRICAÇÃO DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS
31105025	SOLDAGEM DE ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICOS
31105033	CUSTOS DE CONSTRUÇÃO NAVAL
31105041	NORMATIZAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE QUALIDADE DE NAVIOS

31200001 ENGENHARIA AEROESPACIAL

31201008	AERODINÂMICA
31201016	AERODINÂMICA DE AERONAVES ESPACIAIS
31201024	AERODINÂMICA DOS PROCESSOS GEOFÍSICOS E INTERPLANETÁRIOS
31202004	DINÂMICA DE VÔO
31202012	TRAJETÓRIAS E ÓRBITAS
31202020	ESTABILIDADE E CONTROLE
31203000	ESTRUTURAS AEROESPACIAIS
31203019	AEROELASTICIDADE
31203027	FADIGA
31203035	PROJETOS DE ESTRUTURAS AEROESPACIAIS
31204007	MATERIAIS E PROCESSOS P/ENGENHARIA AERON. E AEROESPACIAL
31205003	PROPULSÃO AEROESPACIAL
31205011	COMBUSTÃO E ESCOAMENTO COM REAÇÕES QUÍMICAS
31205020	PROPULSÃO DE FOGUTES
31205038	MÁQUINAS DE FLUXO
31205046	MOTORES ALTERNATIVOS
31206000	SISTEMAS AEROESPACIAIS
31206018	AVIÕES
31206026	FOGUETES
31206034	HELICÓPTEROS
31206042	HOVERCRAFT
31206050	SATÉLITES E OUTROS DISPOSITIVOS AEROESPACIAIS
31206069	NORMATIZAÇÃO E CERT. DE QUAL. DE AERONAVES E COMPONENTES
31206077	MANUTENÇÃO DE SISTEMAS AEROESPACIAIS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS IV

30400007 ENGENHARIA ELÉTRICA

30401003	MATERIAIS ELÉTRICOS
30401011	MATERIAIS CONDUTORES
30401020	MATERIAIS E COMPONENTES SEMICONDUTORES
30401038	MATERIAIS E DISPOSITIVOS SUPERCONDUTORES
30401046	MATERIAIS DIELÉTRICOS, PIESOELÉTRICOS E FERROELÉTRICOS
30401054	MAT. E COMP. ELETROÓTICOS E MAGNET., MAT. FOTOELÉTRICOS
30401062	MATERIAIS E DISPOSITIVOS MAGNÉTICOS
30402000	MEDIDAS ELÉTRICAS, MAGNÉTICAS E ELETRÔNICAS; INSTRUMENTAÇÃO
30402018	MEDIDAS ELÉTRICAS
30402026	MEDIDAS MAGNÉTICAS
30402034	INSTRUMENTAÇÃO ELETROMECÂNICA
30402042	INSTRUMENTAÇÃO ELETRÔNICA
30402050	SISTEMAS ELETRÔNICOS DE MEDIDAS E DE CONTROLE
30403006	CIRCUITOS ELÉTRICOS, MAGNÉTICOS E ELETRÔNICOS
30403014	TEORIA GERAL DOS CIRCUITOS ELÉTRICOS
30403022	CIRCUITOS LINEARES E NÃO LINEARES

30403030	CIRCUITOS ELETRÔNICOS
30403049	CIRCUITOS MAGNÉTICOS, MAGNÉTISMO, ELETROMAGNÉTISMO
30404002	SISTEMAS ELÉTRICOS DE POTÊNCIA
30404010	GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA
30404029	TRANSMISSÃO DA ENERGIA ELET., DISTRIB. DA ENERGIA ELÉTRICA
30404037	CONVERSÃO E RETIFICAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA
30404045	MEDIÇÃO, CONTROLE, CORREÇÃO E PROTEÇÃO DE SIST. ELET. E POT.
30404053	MÁQUINAS ELÉTRICAS E DISPOSITIVOS DE POTÊNCIA
30404061	INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E INDUSTRIAS
30405009	ELETRÔNICA INDUSTRIAL, SISTEMAS E CONTROLES ELETRÔNICOS
30405017	ELETRÔNICA INDUSTRIAL
30405025	AUTOMAÇÃO ELETRÔNICA DE PROCESSOS ELÉTRICOS E INDUSTRIAS
30405033	CONTROLE DE PROCESSOS ELETRÔNICOS, RETROALIMENTAÇÃO
30406005	TELECOMUNICAÇÕES
30406013	TEORIA ELETROMAG., MICROONDAS, PROPAGAÇÃO DE ONDAS, ANTENAS
30406021	RADIONAVEGAÇÃO E RADIOASTRONOMIA
30406030	SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÕES

31300006 ENGENHARIA BIOMÉDICA

31301002	BIOENGENHARIA
31301010	PROCESSAMENTO DE SINAIS BIOLÓGICOS
31301029	MODELAGEM DE FENÔMENOS BIOLÓGICOS
31301037	MODELAGEM DE SISTEMAS BIOLÓGICOS
31302009	ENGENHARIA MÉDICA
31302017	BIOMATERIAIS E MATERIAIS BIOCOMPATÍVEIS
31302025	TRANSDUTORES PARA APLICAÇÕES BIOMÉDICAS
31302033	INSTRUMENTAÇÃO ODONTOLÓGICA E MÉDICO-HOSPITALAR
31302041	TECNOLOGIA DE PRÓTESES

40000001 CIÊNCIAS DA SAÚDE

40100006 MEDICINA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA I

40101002	CLÍNICA MÉDICA
40101010	ANGIOLOGIA
40101029	DERMATOLOGIA
40101045	CANCEROLOGIA
40101061	ENDOCRINOLOGIA
40101100	CARDIOLOGIA
40101118	GASTROENTEROLOGIA
40101126	PNEUMOLOGIA
40101134	NEFROLOGIA
40101169	FISIATRIA
40107000	MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA II

40101037	ALERGOLOGIA E IMUNOLOGIA CLÍNICA
40101053	HEMATOLOGIA

40101070	NEUROLOGIA
40101088	PEDIATRIA
40101096	DOENÇAS INFECIOSAS E PARASITÁRIAS
40101142	REUMATOLOGIA
40103005	SAÚDE MATERNO-INFANTIL
40104001	PSIQUIATRIA
40105008	ANATOMIA PATOLÓGICA E PATHOLOGIA CLÍNICA
40106004	RADIOLOGIA MÉDICA

40500004 NUTRIÇÃO

40501000	BIOQUÍMICA DA NUTRIÇÃO
40502007	DIETÉTICA
40503003	ANÁLISE NUTRICIONAL DE POPULAÇÃO
40504000	DESNUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA III

40101150	GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA
40101177	OFTALMOLOGIA
40101186	ORTOPEDIA
40102009	CIRURGIA
40102017	CIRURGIA PLÁSTICA E RESTAURADORA
40102025	CIRURGIA OTORRINOLARINGOLOGIA
40102033	CIRURGIA OFTALMOLÓGICA
40102041	CIRURGIA CARDIOVASCULAR
40102050	CIRURGIA TORÁXICA
40102068	CIRURGIA GASTROENTEROLOGICA
40102076	CIRURGIA PEDIÁTRICA
40102084	NEUROCIRURGIA
40102092	CIRURGIA UROLÓGICA
40102106	CIRURGIA PROCTOLÓGICA
40102114	CIRURGIA ORTOPÉDICA
40102122	CIRURGIA TRAUMATOLÓGICA
40102130	ANESTESIOLOGIA
40102149	CIRURGIA EXPERIMENTAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ODONTOLOGIA

40200000	ODONTOLOGIA
40201007	CLÍNICA ODONTOLÓGICA
40202003	CIRURGIA BUCO-MAXILO-FACIAL
40203000	ORTODONTIA
40204006	ODONTOPEDIATRIA
40205002	PERIODONTIA
40206009	ENDODONTIA
40207005	RADIOLOGIA ODONTOLÓGICA
40208001	ODONTOLOGIA SOCIAL E PREVENTIVA
40209008	MATERIAIS ODONTOLÓGICOS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: FARMÁCIA

40300005	FARMÁCIA
40301001	FARMACOTECNIA
40302008	FARMACOGNOSIA

- 40303004 ANÁLISE TOXICOLÓGICA
 40304000 ANÁLISE E CONTROLE DE MEDICAMENTOS
 40305007 BROMATOLOGIA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENFERMAGEM

- 40400000 ENFERMAGEM**
 40401006 ENFERMAGEM MÉDICO-CIRÚRGICA
 40402002 ENFERMAGEM OBSTÉTRICA
 40403009 ENFERMAGEM PEDIÁTRICA
 40404005 ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA
 40405001 ENFERMAGEM DE DOENÇAS CONTAGIOSAS
 40406008 ENFERMAGEM DE SAÚDE PÚBLICA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: SAÚDE COLETIVA

- 40600009 SAÚDE COLETIVA**
 40601005 EPIDEMIOLOGIA
 40602001 SAÚDE PÚBLICA
 40603008 MEDICINA PREVENTIVA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA

- 40900002 EDUCAÇÃO FÍSICA**
40700003 FONOAUDIOLOGIA
40800008 FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

50000004 CIÊNCIAS AGRÁRIAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS AGRÁRIAS I

- 50100009 AGRONOMIA**
 50101005 CIÊNCIA DO SOLO
 50101013 GÊNESE, MORFOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO DOS SOLOS
 50101021 FÍSICA DO SOLO
 50101030 QUÍMICA DO SOLO
 50101048 MICROBIOLOGIA E BIOQUÍMICA DO SOLO
 50101056 FERTILIDADE DO SOLO E ADUBAÇÃO
 50101064 MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO
 50102001 FITOSSANIDADE
 50102010 FITOPATOLOGIA
 50102028 ENTOMOLOGIA AGRÍCOLA
 50102036 PARASITOLOGIA AGRÍCOLA
 50102044 MICROBIOLOGIA AGRÍCOLA
 50102052 DEFESA FITOSSANITÁRIA
 50103008 FITOTECNIA
 50103016 MANEJO E TRATOS CULTURAIS
 50103024 MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA
 50103032 PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DE SEMENTES
 50103040 PRODUÇÃO DE MUDAS

50103059	MELHORAMENTO VEGETAL
50103067	FISIOLOGIA DE PLANTAS CULTIVADAS
50103075	MATOLOGIA
50104004	FLORICULTURA, PARQUES E JARDINS
50104012	FLORICULTURA
50104020	PARQUES E JARDINS
50104039	ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS
50105000	AGROMETEOROLOGIA
50106007	EXTENSÃO RURAL

50200003 RECURSOS FLORESTAIS E ENGENHARIA FLORESTAL

50201000	SILVICULTURA
50201018	DENDROLOGIA
50201026	FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO
50201034	GENÉTICA E MELHORAMENTO FLORESTAL
50201042	SEMENTES FLORESTAIS
50201050	NUTRIÇÃO FLORESTAL
50201069	FISIOLOGIA FLORESTAL
50201077	SOLOS FLORESTAIS
50201085	PROTEÇÃO FLORESTAL
50202006	MANEJO FLORESTAL
50202014	ECONOMIA FLORESTAL
50202022	POLÍTICA E LEGISLAÇÃO FLORESTAL
50202030	ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL
50202049	DENDROMETRIA E INVENTÁRIO FLORESTAL
50202057	FOTOINTERPRETAÇÃO FLORESTAL
50202065	ORDENAMENTO FLORESTAL
50203002	TÉCNICAS E OPERAÇÕES FLORESTAIS
50203010	EXPLORAÇÃO FLORESTAL
50203029	MECANIZAÇÃO FLORESTAL
50204009	TECNOLOGIA E UTILIZAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS
50204017	ANATOMIA E IDENTIFICAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS
50204025	PROPRIEDADES FÍSICO-MECÂNICAS DA MADEIRA
50204033	RELACIONES ÁGUA-MADEIRA E SECAGEM
50204041	TRATAMENTO DA MADEIRA
50204050	PROCESSAMENTO MECÂNICO DA MADEIRA
50204068	QUÍMICA DA MADEIRA
50204076	RESINAS DE MADEIRAS
50204084	TECNOLOGIA DE CELULOSE E PAPEL
50204092	TECNOLOGIA DE CHAPAS
50205005	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
50205013	HIDROLOGIA FLORESTAL
50205021	CONSERVAÇÃO DE ÁREAS SILVESTRES
50205030	CONSERVAÇÃO DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS
50205048	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS
50206001	ENERGIA DE BIOMASSA FLORESTAL

50300008 ENGENHARIA AGRÍCOLA

50301004	MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
50302000	ENGENHARIA DE ÁGUA E SOLO
50302019	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM

50302027	CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA
50303007	ENGENHARIA DE PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303015	PRÉ-PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303023	ARMAZENAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303031	TRANSFERÊNCIA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50304003	CONSTRUÇÕES RURAIS E AMBIÊNCIA
50304011	ASSENTAMENTO RURAL
50304020	ENGENHARIA DE CONSTRUÇÕES RURAIS
50304038	SANEAMENTO RURAL
50305000	ENERGIZAÇÃO RURAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ZOOTECNIA / RECURSOS PESQUEIROS

50400002	ZOOTECNIA
50401009	ECOLOGIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS E ETOLOGIA
50402005	GENÉTICA E MELHORAMENTO DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS
50403001	NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO ANIMAL
50403010	EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DOS ANIMAIS
50403028	AVALIAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS
50403036	CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS
50404008	PASTAGEM E FORRAGICULTURA
50404016	AVALIAÇÃO, PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE FORRAGENS
50404024	MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PASTAGENS
50404032	FISIOLOGIA DE PLANTAS FORRAGEIRAS
50404040	MELHORAMENTO DE PLANTAS FORRAGEIRAS E PRODUÇÃO DE SEMENTES
50404059	TOXICOLOGIA E PLANTAS TÓXICAS
50405004	PRODUÇÃO ANIMAL
50405012	CRIAÇÃO DE ANIMAIS
50405020	MANEJO DE ANIMAIS
50405039	INSTALAÇÕES PARA PRODUÇÃO ANIMAL

50600001	RECURSOS PESQUEIROS E ENGENHARIA DE PESCA
50601008	RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS
50601016	FATORES ABIÓTICOS DO MAR
50601024	AVALIAÇÃO DE ESTOQUE PESQUEIROS MARINHOS
50601032	EXPLORAÇÃO PESQUEIRA MARINHA
50601040	MANEJO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS
50602004	RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES
50602012	FATORES ABIÓTICOS DE ÁGUAS INTERIORES
50602020	AVALIAÇÃO DE ESTOQUES PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES
50602039	EXPLORAÇÃO PESQUEIRA DE ÁGUAS INTERIORES
50602047	MANEJO E CONSERV. DE RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUAS INFERIORES
50603000	AQUICULTURA
50603019	MARICULTURA
50603027	CARCINOCULTURA
50603035	OSTREICULTURA
50603043	PISCICULTURA
50604007	ENGENHARIA DE PESCA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA VETERINÁRIA

50500007	MEDICINA VETERINÁRIA
50501003	CLÍNICA E CIRÚRGIA ANIMAL

50501011	ANESTESIOLOGIA ANIMAL
50501020	TÉCNICA CIRÚRGICA ANIMAL
50501038	RADIOLOGIA DE ANIMAIS
50501046	FARMACOLOGIA E TERAPÉUTICA ANIMAL
50501054	OBSTETRÍCIA ANIMAL
50501062	CLÍNICA VETERINÁRIA
50501070	CLÍNICA CIRÚRGICA ANIMAL
50501089	TOXICOLOGIA ANIMAL
50502000	MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA
50502018	EPIDEMIOLOGIA ANIMAL
50502026	SANEAMENTO APLICADO À SAÚDE DO HOMEM
50502034	DOENÇAS INFECIOSAS DE ANIMAIS
50502042	DOENÇAS PARASITÁRIAS DE ANIMAIS
50502050	SAÚDE ANIMAL (PROGRAMAS SANITÁRIOS)
50503006	PATOLOGIA ANIMAL
50503014	PATOLOGIA AVIÁRIA
50503022	ANATOMIA PATOLÓGICA ANIMAL
50503030	PATOLOGIA CLÍNICA ANIMAL
50504002	REPRODUÇÃO ANIMAL
50504010	GINECOLOGIA E ANDROLOGIA ANIMAL
50504029	INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL ANIMAL
50504037	FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO ANIMAL
50505009	INSPEÇÃO DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA DE ALIMENTOS

50700006	CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS
50701002	CIÊNCIA DE ALIMENTOS
50701010	VALOR NUTRITIVO DE ALIMENTOS
50701029	QUÍMICA, FÍSICA, FÍSICO-QUÍM. BIOQ. DOS ALI. MAT. PRIMAS ALI
50701037	MICROBIOLOGIA DE ALIMENTOS
50701045	FISIOLOGIA PÓS-COLHEITA
50701053	TOXICIDADE E RESÍDUOS DE PESTICIDAS EM ALIMENTOS
50701061	AVALIAÇÃO E CONTROLE DE QUALIDADE DE ALIMENTOS
50701070	PADRÕES, LEGISLAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DE ALIMENTOS
50702009	TECNOLOGIA DE ALIMENTOS
50702017	TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
50702025	TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL
50702033	TECNOLOGIA DAS BEBIDAS
50702041	TECNOLOGIA DE ALIMENTOS DIETÉTICOS E NUTRICIONAIS
50702050	APROVEITAMENTO DE SUBPRODUTOS
50702068	EMBALAGENS DE PRODUTOS ALIMENTARES
50703005	ENGENHARIA DE ALIMENTOS
50703013	INSTALAÇÕES INDUSTRIAS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
50703021	ARMAZENAMENTO DE ALIMENTOS

60000007

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: DIREITO

60100001

DIREITO

60101008	TEORIA DO DIREITO
60101016	TEORIA GERAL DO DIREITO
60101024	TEORIA GERAL DO PROCESSO
60101032	TEORIA DO ESTADO
60101040	HISTÓRIA DO DIREITO
60101059	FILOSOFIA DO DIREITO
60101067	LÓGICA JURÍDICA
60101075	SOCIOLOGIA JURÍDICA
60101083	ANTROPOLOGIA JURÍDICA
60102004	DIREITO PÚBLICO
60102012	DIREITO TRIBUTÁRIO
60102020	DIREITO PENAL
60102039	DIREITO PROCESSUAL PENAL
60102047	DIREITO PROCESSUAL CIVIL
60102055	DIREITO CONSTITUCIONAL
60102063	DIREITO ADMINISTRATIVO
60102071	DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO
60103000	DIREITO PRIVADO
60103019	DIREITO CIVIL
60103027	DIREITO COMERCIAL
60103035	DIREITO DO TRABALHO
60103043	DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO
60104007	DIREITOS ESPECIAIS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO

60200006	ADMINISTRAÇÃO
60201002	ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
60201010	ADMINISTRAÇÃO DE PRODUÇÃO
60201029	ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA
60201037	MERCADOLOGIA
60201045	NEGÓCIOS INTERNACIONAIS
60201053	ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
60202009	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
60202017	CONTABILIDADE E FINANÇAS PÚBLICAS
60202025	ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS
60202033	POLÍTICA E PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAIS
60202041	ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL
60203005	ADMINISTRAÇÃO DE SETORES ESPECÍFICOS
60204001	CIÊNCIAS CONTÁBEIS

61300004 **TURISMO**

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ECONOMIA

60300000	ECONOMIA
60301007	TEORIA ECONÔMICA
60301015	ECONOMIA GERAL
60301023	TEORIA GERAL DA ECONOMIA
60301031	HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO
60301040	HISTÓRIA ECONÔMICA
60301058	SISTEMAS ECONÔMICOS
60302003	MÉTODOS QUANTITATIVOS EM ECONOMIA

60302011	MÉTODOS E MODELOS MATEMÁT., ECONOMÉTRICOS E ESTATÍSTICOS
60302020	ESTATÍSTICA SÓCIO-ECONÔMICA
60302038	CONTABILIDADE NACIONAL
60302046	ECONOMIA MATEMÁTICA
60303000	ECONOMIA MONETÁRIA E FISCAL
60303018	TEORIA MONETÁRIA E FINANCEIRA
60303026	INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS DO BRASIL
60303034	FINANÇAS PÚBLICAS INTERNAS
60303042	POLÍTICA FISCAL DO BRASIL
60304006	CRESCIMENTO, FLUTUAÇÕES E PLANEJAMENTO ECONÔMICO
60304014	CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
60304022	TEORIA E POLÍTICA DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO
60304030	FLUTUAÇÕES CICLÍCAS E PROJEÇÕES ECONÔMICAS
60304049	INFLAÇÃO
60305002	ECONOMIA INTERNACIONAL
60305010	TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL
60305029	RELAÇÕES DO COMÉRCIO; POLÍT. COMERCIAL; INTEGRAÇÃO ECONÔMICA
60305037	BALANÇO DE PAGAMENTO; FINANÇAS INTERNACIONAIS
60305045	INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS E AJUDA EXTERNA
60306009	ECONOMIA DOS RECURSOS HUMANOS
60306017	TREIN. E ALOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA; OFERTA MÃO-DE-OBRA F. TRAB.
60306025	MERCADO DE TRABALHO; POLÍTICA DO GOVERNO
60306033	SINDICATOS, DISSÍDIOS COLET., RELAÇÕES DE EMPREGO(EMP./EMP)
60306041	CAPITAL HUMANO
60306050	DEMOGRAFIA ECONÔMICA
60307005	ECONOMIA INDUSTRIAL
60307013	ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E ESTUDOS INDUSTRIALIS
60307021	MUDANÇA TECNOLÓGICA
60308001	ECONOMIA DO BEM-ESTAR SOCIAL
60308010	ECONOMIA DOS PROGRAMAS DE BEM-ESTAR SOCIAL
60308028	ECONOMIA DO CONSUMIDOR
60309008	ECONOMIA REGIONAL E URBANA
60309016	ECONOMIA REGIONAL
60309024	ECONOMIA URBANA
60309032	RENDA E TRIBUTAÇÃO
60310006	ECONOMIAS AGRÁRIA E DOS RECURSOS NATURAIS
60310014	ECONOMIA AGRÁRIA
60310022	ECONOMIA DOS RECURSOS NATURAIS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ARQUITETURA E URBANISMO

60400005 ARQUITETURA E URBANISMO	
60401001	FUNDAMENTOS DE ARQUITETURA E URBANISMO
60401010	HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO
60401028	TEORIA DA ARQUITETURA
60401036	HISTÓRIA DO URBANISMO
60401044	TEORIA DO URBANISMO
60402008	PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO
60402016	PLANEJAMENTO E PROJETOS DA EDIFICAÇÃO
60402024	PLANEJAMENTO E PROJETO DO ESPAÇO URBANO
60402032	PLANEJAMENTO E PROJETO DO EQUIPAMENTO

60403004	TECNOLOGIA DE ARQUITETURA E URBANISMO
60403012	ADEQUAÇÃO AMBIENTAL
60404000	PAISAGISMO
60404019	DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PAISAGISMO
60404027	CONCEITUAÇÃO DE PAISAGISMO E METODOLOGIA DO PAISAGISMO
60404035	ESTUDOS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR
60404043	PROJETOS DE ESPAÇOS LIVRES URBANOS

61200000 DESENHO INDUSTRIAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA

60500000 PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

60501006	FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60501014	TEORIA DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60501022	TEORIA DA URBANIZAÇÃO
60501030	POLÍTICA URBANA
60501049	HISTÓRIA URBANA
60502002	MÉTODOS E TÉCNICAS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60502010	INFORMAÇÃO, CADASTRO E MAPEAMENTO
60502029	TÉCNICA DE PREVISÃO URBANA E REGIONAL
60502037	TÉCNICAS DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO URBANA E REGIONAL
60502045	TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO E PROJETO URBANOS E REGIONAIS
60503009	SERVIÇOS URBANOS E REGIONAIS
60503017	ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E URBANA
60503025	ESTUDOS DA HABITAÇÃO
60503033	ASPECTOS SOCIAIS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60503041	ASPECTOS ECONÔMICOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60503050	ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAIS DO PLANEJ. URBANO E REGIONAL
60503068	SERVIÇOS COMUNITÁRIOS
60503076	INFRA-ESTRUTURAS URBANAS E REGIONAIS
60503084	TRANSPORTE E TRÁFEGO URBANO E REGIONAL
60503092	LEGISLAÇÃO URBANA E REGIONAL

60600004 DEMOGRAFIA

60601000	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL
60601019	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL GERAL
60601027	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL URBANA
60601035	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL RURAL
60602007	TENDÊNCIA POPULACIONAL
60602015	TENDÊNCIAS PASSADAS
60602023	TAXAS E ESTIMATIVAS CORRENTES
60602031	PROJEÇÕES
60603003	COMPONENTES DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA
60603011	FECUNDIDADE
60603020	MORTALIDADE
60603038	MIGRAÇÃO
60604000	NUPCIALIDADE E FAMÍLIA
60604018	CASAMENTO E DIVÓRCIO
60604026	FAMÍLIA E REPRODUÇÃO
60605006	DEMOGRAFIA HISTÓRICA
60605014	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

60605022	NATALIDADE, MORTALIDADE, MIGRAÇÃO
60605049	MÉTODOS E TÉCNICAS DE DEMOGRAFIA HISTÓRICA
60606002	POLÍTICA PÚBLICA E POPULAÇÃO
60606010	POLÍTICA POPULACIONAL
60606029	POLÍTICAS DE REDISTRIBUIÇÃO DE POPULAÇÃO
60606037	POLÍTICAS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR
60607009	FONTES DE DADOS DEMOGRÁFICOS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I

60700009	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
60701005	TEORIA DA INFORMAÇÃO
60701013	TEORIA GERAL DA INFORMAÇÃO
60701021	PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO
60701030	REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO
60702001	BIBLIOTECONOMIA
60702010	TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO
60702028	MÉTODOS QUANTITATIVOS, BIBLIOMETRIA
60702036	TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO
60702044	PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO
60703008	ARQUIVOLOGIA
60703016	ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS

60800003	MUSEOLOGIA
-----------------	-------------------

60900008	COMUNICAÇÃO
60901004	TEORIA DA COMUNICAÇÃO
60902000	JORNALISMO E EDITORAÇÃO
60902019	TEORIA E ÉTICA DO JORNALISMO
60902027	ORGANIZAÇÃO EDITORIAL DE JORNAIS
60902035	ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DE JORNAIS
60902043	JORNALISMO ESPECIALIZADO (COMUNITÁRIO, RURAL, EMP. CIENTIF.)
60903007	RÁDIO E TELEVISÃO
60903015	RADIODIFUSÃO
60903023	VIDEODIFUSÃO
60904003	RELAÇÕES PÚBLICAS E PROPAGANDA
60905000	COMUNICAÇÃO VISUAL
61201006	PROGRAMAÇÃO VISUAL
61202002	DESENHO DE PRODUTO

ÁREA DE AVALIAÇÃO: SERVIÇO SOCIAL

61000000	SERVIÇO SOCIAL
61000000	SERVIÇO SOCIAL
61001007	FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL
61002003	SERVIÇO SOCIAL APLICADO
61002011	SERVIÇO SOCIAL DO TRABALHO
61002020	SERVIÇO SOCIAL DA EDUCAÇÃO
61002038	SERVIÇO SOCIAL DO MENOR
61002046	SERVIÇO SOCIAL DA SAÚDE
61002054	SERVIÇO SOCIAL DA HABITAÇÃO
61100005	ECONOMIA DOMÉSTICA

70000000**CIÊNCIAS HUMANAS****ÁREA DE AVALIAÇÃO: FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO FILOSOFIA****70100004 FILOSOFIA**

- 70101000 HISTÓRIA DA FILOSOFIA
- 70102007 METAFÍSICA
- 70103003 LÓGICA
- 70104000 ÉTICA
- 70105006 EPISTEMOLOGIA
- 70106002 FILOSOFIA BRASILEIRA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO TEOLOGIA**71000003 TEOLOGIA**

- 71001000 HISTÓRIA DA TEOLOGIA
- 71002006 TEOLOGIA MORAL
- 71003002 TEOLOGIA SISTEMÁTICA
- 71004009 TEOLOGIA PASTORAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: SOCIOLOGIA**70200009 SOCIOLOGIA**

- 70201005 FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA
- 70201013 TEORIA SOCIOLÓGICA
- 70201021 HISTÓRIA DA SOCIOLOGIA
- 70202001 SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO
- 70203008 SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
- 70204004 SOCIOLOGIA URBANA
- 70205000 SOCIOLOGIA RURAL
- 70206007 SOCIOLOGIA DA SAÚDE
- 70207003 OUTRAS SOCIOLOGIAS ESPECÍFICAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA**70300003 ANTROPOLOGIA**

- 70301000 TEORIA ANTROPOLÓGICA
- 70302006 ETNOLOGIA INDÍGENA
- 70303002 ANTROPOLOGIA URBANA
- 70304009 ANTROPOLOGIA RURAL
- 70305005 ANTROPOLOGIA DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

70400008 ARQUEOLOGIA

- 70401004 TEORIA E MÉTODO EM ARQUEOLOGIA
- 70402000 ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA
- 70403007 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: HISTÓRIA**70500002 HISTÓRIA**

- 70501009 TEORIA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA
- 70502005 HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
- 70503001 HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

70504008	HISTÓRIA DA AMÉRICA
70504016	HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS
70504024	HISTÓRIA LATINO-AMERICANA
70505004	HISTÓRIA DO BRASIL
70505012	HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA
70505020	HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO
70505039	HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA
70505047	HISTÓRIA REGIONAL DO BRASIL
70506000	HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: GEOGRAFIA

GEOGRAFIA	
70601003	GEOGRAFIA HUMANA
70601011	GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO
70601020	GEOGRAFIA AGRÁRIA
70601038	GEOGRAFIA URBANA
70601046	GEOGRAFIA ECONÔMICA
70601054	GEOGRAFIA POLÍTICA
70602000	GEOGRAFIA REGIONAL
70602018	TEORIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
70602026	REGIONALIZAÇÃO
70602034	ANÁLISE REGIONAL

ÁREA DE AVALIAÇÃO: PSICOLOGIA

PSICOLOGIA	
70701008	FUNDAMENTOS E MEDIDAS DA PSICOLOGIA
70701016	HISTÓRIA, TEORIAS E SISTEMAS EM PSICOLOGIA
70701024	METODOLOGIA, INSTRUMENTAÇÃO E EQUIPAMENTO EM PSICOLOGIA
70701032	CONSTRUÇÃO E VALIDADE DE TESTES, ESC. E O. MEDIDAS PSICOLÓG.
70701040	TÉCN. DE PROCES. ESTÁT., MATEMÁTICO E COMPUT. EM PSICOLOGIA
70702004	PSICOLOGIA EXPERIMENTAL
70702012	PROCESSOS PERCEPTUAIS E MOTORES
70702020	PROCESSOS DE APRENDIZAGEM, MEMÓRIA E MOTIVAÇÃO
70702039	PROCESSOS COGNITIVOS E ATENÇÃO
70702047	ESTADOS SUBJETIVOS E EMOÇÃO
70703000	PSICOLOGIA FISIOLÓGICA
70703019	NEUROLOGIA, ELETROFISIOLOGIA E COMPORTAMENTO
70703027	PROCESSOS PSICO-FISIOLÓGICOS
70703035	ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA E COM DROGAS; COMPORTAMENTO
70703043	PSICOBIOLOGIA
70704007	PSICOLOGIA COMPARATIVA
70704015	ESTUDOS NATURALÍSTICOS DO COMPORTAMENTO ANIMAL
70704023	MECANISMOS INSTINTIVOS E PROCESSOS SOCIAIS EM ANIMAIS
70705003	PSICOLOGIA SOCIAL
70705011	RELAÇÕES INTERPESSOAIS
70705020	PROCESSOS GRUPAIS E DE COMUNICAÇÃO
70705038	PAPEIS E ESTRUTURAS SOCIAIS; INDIVÍDUO
70706000	PSICOLOGIA COGNITIVA
70707006	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
70707014	PROCESSOS PERCEPTUAIS E COGNITIVOS; DESENVOLVIMENTO

70707022	DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE
70708002	PSICOLOGIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM
70708010	PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL
70708029	PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES DE ENSINO
70708037	TREINAMENTO DE PESSOAL
70708045	APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ACADÊMICOS
70708053	ENSINO E APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA
70709009	PSICOLOGIA DO TRABALHO E ORGANIZACIONAL
70709017	ANÁLISE INSTITUCIONAL
70709025	RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAL
70709033	TREINAMENTO E AVALIAÇÃO
70709041	FATORES HUMANOS NO TRABALHO
70709050	PLANEJAMENTO AMBIENTAL E COMPORTAMENTO HUMANO
70710007	TRATAMENTO E PREVENÇÃO PSICOLÓGICA
70710015	INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA
70710023	PROGRAMAS DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO
70710031	TREINAMENTO E REABILITAÇÃO
70710040	DESVIOS DA CONDUTA
70710058	DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM
70710066	DISTÚRBIOS PSICOSSOMÁTICOS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO	
70800006	
70801002	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
70801010	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
70801029	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
70801037	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
70801045	ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL
70801053	ECONOMIA DA EDUCAÇÃO
70801061	PSICOLOGIA EDUCACIONAL
70802009	ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL
70802017	ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS
70802025	ADMINISTRAÇÃO DE UNIDADES EDUCATIVAS
70803005	PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL
70803013	POLÍTICA EDUCACIONAL
70803021	PLANEJAMENTO EDUCACIONAL
70803030	AVAL. DE SISTEMAS, INST. PLANOS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
70804001	ENSINO-APRENDIZAGEM
70804010	TEORIAS DA INSTRUÇÃO
70804028	MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
70804036	TECNOLOGIA EDUCACIONAL
70804044	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
70805008	CURRÍCULO
70805016	TEORIA GERAL DE PLANEJAMENTO E DESENV. CURRICULAR
70805024	CURRÍCULOS ESPECÍFICOS PARA NÍVEIS E TIPOS DE EDUCAÇÃO
70806004	ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO
70806012	ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
70806020	ORIENTAÇÃO VOCACIONAL
70807000	TÓPICOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO
70807019	EDUCAÇÃO DE ADULTOS

70807027	EDUCAÇÃO PERMANENTE
70807035	EDUCAÇÃO RURAL
70807043	EDUCAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS
70807051	EDUCAÇÃO ESPECIAL
70807060	EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
70807078	ENSINO PROFISSIONALIZANTE

ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CIÊNCIA POLÍTICA	
70901007	TEORIA POLÍTICA
70901015	TEORIA POLÍTICA CLÁSSICA
70901023	TEORIA POLÍTICA MEDIEVAL
70901031	TEORIA POLÍTICA MODERNA
70901040	TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA
70902003	ESTADO E GOVERNO
70902011	ESTRUTURA E TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO
70902020	SISTEMAS GOVERNAMENTAIS COMPARADOS
70902038	RELAÇÕES INTERGOVERNAMENTAIS
70902046	ESTUDOS DO PODER LOCAL
70902054	INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS ESPECÍFICAS
70903000	COMPORTAMENTO POLÍTICO
70903018	ESTUDOS ELEITORAIS E PARTIDOS POLÍTICOS
70903026	ATITUDE E IDEOLOGIAS POLÍTICAS
70903034	CONFLITOS E COALIZÕES POLÍTICAS
70903042	COMPORTAMENTO LEGISLATIVO
70903050	CLASSES SOCIAIS E GRUPOS DE INTERESSE
70904006	POLÍTICAS PÚBLICAS
70904014	ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO
70904022	ANÁLISE INSTITUCIONAL
70904030	TÉCNICAS DE ANTECIPAÇÃO
70905002	POLÍTICA INTERNACIONAL
70905010	POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL
70905029	ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS
70905037	INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL, CONFLITO, GUERRA E PAZ
70905045	RELAÇÕES INTERNACIONAIS, BILATERAIS E MULTILATERAIS

80000002 LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

ÁREA DE AVALIAÇÃO: LETRAS / LINGUÍSTICA

LINGUÍSTICA	
80101003	TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
80102000	FISIOLOGIA DA LINGUAGEM
80103006	LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
80104002	SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA
80105009	PSICOLINGUÍSTICA
80106005	LINGUÍSTICA APLICADA

80200001 LETRAS

80201008	LÍNGUA PORTUGUESA
----------	-------------------

80202004	LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
80203000	LÍNGUAS CLÁSSICAS
80204007	LÍNGUAS INDÍGENAS
80205003	TEORIA LITERARIA
80206000	LITERATURA BRASILEIRA
80207006	OUTRAS LITERATURAS VERNÁCULAS
80208002	LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
80209009	LITERATURAS CLÁSSICAS
80210007	LITERATURA COMPARADA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ARTES / MÚSICA

80300006	ARTES
80301002	FUNDAMENTOS E CRÍTICA DAS ARTES
80301010	TEORIA DA ARTE
80301029	HISTÓRIA DA ARTE
80301037	CRÍTICA DA ARTE
80302009	ARTES PLÁSTICAS
80302017	PINTURA
80302025	DESENHO
80302033	GRAVURA
80302041	ESCULTURA
80302050	CERÂMICA
80302068	TECELAGEM
80303005	MÚSICA
80303013	REGÊNCIA
80303021	INSTRUMENTAÇÃO MUSICAL
80303030	COMPOSIÇÃO MUSICAL
80303048	CANTO
80304001	DANÇA
80304010	EXECUÇÃO DA DANÇA
80304028	COREOGRAFIA
80305008	TEATRO
80305016	DRAMATURGIA
80305024	DIREÇÃO TEATRAL
80305032	CENOGRÁFIA
80305040	INTERPRETAÇÃO TEATRAL
80306004	ÓPERA
80307000	FOTOGRAFIA
80308007	CINEMA
80308015	ADMINISTRAÇÃO E PRODUÇÃO DE FILMES
80308023	ROTEIRO E DIREÇÃO CINEMATOGRÁFICOS
80308031	TÉCNICAS DE REGISTROS E PROCESSAMENTO DE FILMES
80308040	INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRÁFICA
80309003	ARTES DO VÍDEO
80310001	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

90000005

MULTIDISCIPLINAR

90100000

ÁREA DE AVALIAÇÃO: INTERDISCIPLINAR

INTERDISCIPLINAR

- 90191000 MEIO AMBIENTE E AGRÁRIAS
90192000 SOCIAIS E HUMANIDADES
90193000 ENGENHARIA/TECNOLOGIA/GESTÃO
90194000 SAÚDE E BIOLÓGICAS

ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

- 90200000 ENSINO**
90201000 ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

ÁREA DE AVALIAÇÃO: MATERIAIS

- 90300009 MATERIAIS**

ÁREA DE AVALIAÇÃO: BIOTECNOLOGIA

- 90400003 BIOTECNOLOGIA**

Anexo B – Resolução 09/2010 – Institui a modalidade de ingresso por reserva de vagas para acesso aos Cursos de Graduação da UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO nº 09/2010

Institui a Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas para acesso aos cursos de Graduação, desta Universidade, e dá outras providências.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba, no uso das atribuições que lhe são conferidas, amparado pelos incisos I e XXI do artigo 25 do Estatuto da UFPB, e tendo em vista a deliberação em plenário em reunião ordinária do dia 30 de março de 2010 (Processo nº 23074.007259/10-03), e

CONSIDERANDO o grave quadro de exclusão sócio-educacional que tem estado presente ao longo da nossa história;

CONSIDERANDO a imperiosa e inadiável necessidade de reduzir a vulnerabilidade social de jovens oriundos de segmentos sociais menos favorecidos.

CONSIDERANDO, ainda, que se faz necessário que esta instituição adote mecanismos que concretizem efetivamente sua atuação no âmbito das políticas de inclusão, em consonância com seu compromisso social.

RESOLVE:

Art. 1º Fica instituída a **Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)**, nesta Universidade, para acesso aos seus cursos de Graduação.

Parágrafo único. A reserva de vagas a que se refere o *caput* deste artigo se destina aos que fizeram todo o ensino médio e pelo menos (03) três séries do ensino fundamental em estabelecimentos públicos.

Art. 2.º A **Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)**, de que trata esta Resolução, será implantado, gradualmente, de acordo com a seguinte proposta:

- I - Processo Seletivo Seriado - 2011: 25% das vagas de todos os cursos;
- II - Processo Seletivo Seriado - 2012: 30% das vagas de todos os cursos;
- III - Processo Seletivo Seriado - 2013: 35% das vagas de todos os cursos;
- IV - Processo Seletivo Seriado – 2014: 40% das vagas de todos os cursos.

§ 1.º O preenchimento das vagas correspondentes aos percentuais de que trata o *caput* deste artigo será feito observando-se, também, a reserva para negros (pretos e pardos) e índios, na proporção da participação destes grupos na população do Estado da Paraíba, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constantes do Censo 2000.

§ 2.º Do total de vagas resultante dos percentuais constantes do *caput* deste artigo, 5% será destinado para pessoas portadoras de deficiência.

§ 3.º A PRG/COPERVE deverá disciplinar a implantação da **Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)** em norma reguladora do Processo Seletivo, observando os critérios e princípios previstos nesta Resolução.

Art. 3.º No desenvolvimento do processo, deve ser mantido o aumento progressivo do percentual de ingressantes e a vinculação entre o nível socioeconômico e o grupo populacional .

Art. 4.º Anualmente, será feita uma avaliação do **MIRV**, com vistas ao seu aperfeiçoamento, que deverá ocorrer ao final do 4º ano de sua implementação.

Parágrafo único. A avaliação tem também a finalidade de subsidiar o CONSEPE nas suas decisões relativas à continuidade e ampliação do **MIRV**.

Art. 5.º Esta resolução entra em vigor na data da sua assinatura.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrário.

João Pessoa, 16 de abril de 2010

-RÔMULO SOARES POLARI
- Presidente

Anexo C – Resolução 06/2006 – Define política de reserva de vagas para concurso vestibular da UEPB.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/06/2006

**DEFINE POLÍTICA DE RESERVA DE VAGAS PARA
O CONCURSO VESTIBULAR DA UEPB E DÁ
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO — CONSEPE, da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA — UEPB, no uso de suas atribuições,

CONSIDERANDO proposição da Administração Central da UEPB de implementação de políticas afirmativas no âmbito da UEPB;

CONSIDERANDO que a Universidade, como Instituição Social, está cumprindo seu papel na busca de ações no campo da Educação ao implementar políticas de inclusão social;

CONSIDERANDO decisão unânime do CONSEPE, após amplo e profícuo debate, em reunião realizada em 19 de abril de 2006,

RESOLVE:

Art. 1º - Estabelecer política de reserva de vagas para o Concurso Vestibular da Universidade Estadual da Paraíba, a partir do ano de 2007, de acordo com critérios definidos nesta Resolução.

Art. 2º - Ficam reservadas 50% (cinquenta por cento) do total de vagas de cada curso de graduação da UEPB, destinadas a concorrentes aprovados no vestibular da UEPB que tenham realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do Estado da Paraíba.

§ 1º – A implantação integral da reserva de vagas definida no *caput* deste artigo dar-se-á gradativamente na ordem de 10% (dez por cento) a cada ano.

§ 2º - A Universidade instituirá, até o início do Período 2007.1, política de apoio a assistência estudantil para dar suporte à implementação da política de reserva de vagas adotada.

Art. 3º - Critérios complementares a esta Resolução serão estabelecidos pela COMVEST e explicitados no Edital de Convocação do Concurso Vestibular.

Art. 4º - Fica criada a Comissão de Articulação, Acompanhamento e Implantação das Políticas Afirmativas com a finalidade de organizar o debate, analisar e oferecer propostas ao CONSEPE e à Reitoria para implementação dessas políticas.

Parágrafo Único – A comissão de que trata o *caput* deste artigo será composta pelo (a) Pró-Reitor(a) de Ensino de Graduação, pelo(a) Pró-Reitor(a) de Extensão e Ação Comunitária, pelo Ouvidor Geral da UEPB e por um representante da classe discente indicado pelo DCE.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campina Grande (PB), 19 de abril de 2006.

Professora MARLENE ALVES SOUSA LUNA

Reitora

PUBLICADA NO D.O.E. EM 12/05/2006